

Sabrina Mara Sant'Anna

**A BOA MORTE E O BEM MORRER:
CULTO, DOCTRINA, ICONOGRAFIA E IRMANDADES MINEIRAS
(1721 A 1822)**

Belo Horizonte
2006

Sabrina Mara Sant'Anna

**A BOA MORTE E O BEM MORRER:
CULTO, DOCTRINA, ICONOGRAFIA E IRMANDADES MINEIRAS
(1721 A 1822)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Área de concentração: História Social da Cultura
Orientadora: Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos

Belo Horizonte

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2006



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

Dissertação intitulada “A Boa Morte e o Bem Morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)”, de autoria da mestrandia Sabrina Mara Sant’Anna, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos – FAFICH/UFMG – Orientadora

Prof. Dr. Caio César Boschi – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda – Instituto Santo Inácio de Loyola

Profa. Dr. Regina Horta Duarte
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História: FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 20 de setembro de 2006.

Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Universitário – 31270-901 – Belo Horizonte/MG/Brasil.

*À vida eterna de meus amados pais,
Irene Alves Sant' Anna e
Dilermundo José de Sant' Anna*

AGRADECIMENTOS

*A Deus, Senhor da minha vida,
toda glória, honra e louvor.*

A realização e conclusão deste trabalho não foi uma tarefa solitária. Ao longo de seu desenvolvimento, contei com a bênção de Deus, apoio e incentivo de familiares, orientações valiosas da Dra. Adalgisa Arantes Campos, auxílio de amigos e colaboração de zeladores de igrejas, funcionários de arquivos, bibliotecas e museus.

Graças à famosa hospitalidade mineira, durante o tempo de pesquisa, fui recebida em diversos lares e pude poupar gastos com os serviços hoteleiros. Em Ouro Preto, no início do levantamento arquivístico, fiquei alojada na República *Art & Manha* por intermédio das amigas Sofia Antezana e Cristina Sousa. Na ocasião da transcrição dos documentos, minha estimada orientadora cedeu-me sua aconchegante residência ouro-pretana por dois longos meses. Em Mariana, contei com a generosidade do casal Júlia e Orlando Diniz Carvalho, que me abrigaram com conforto e simpatia. Em São João Del-Rei, passei uma semana agradabilíssima na casa dos anfitriões Adma e Erman Lima, que me foram apresentados pela querida Zélia Fattini.

Nas Instituições onde pesquisei, fui atendida com cordialidade e presteza. No Arquivo Paroquial de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto), recebi prestimosa assistência do Diácono Permanente Agostinho Barroso de Oliveira (Diretor do Museu Aleijadinho), da secretária Maria das Graças Reis Quirino e do seminarista Bráulio Sérgio Mendes. No Arquivo Paroquial de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto), a agilidade de Carlos Aparecido de Oliveira (Caju) foi fundamental para o rápido andamento das consultas. Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, diretor do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, e sua equipe – Luciana Viana

Assunção, Fabiane Borges Maia Moreira e Adelma dos Santos – não pouparam esforços em tornar acessíveis os diversos documentos que requisitei para análise. Na Biblioteca dos Bispos Marianenses (Museu do Livro), a funcionária Maria da Glória Assunção Moreira auxiliou-me com zelo e dedicação. No Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del-Rei, contei com a colaboração do diretor Monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva, do historiador Giovanni Alves de Paula e do confrade Aluísio José Viegas. A este último muito devo pelas conversas proveitosas que tivemos e por conceder-me acesso livre ao precioso acervo documental e à imaginária particular da Confraria são-joanense de Nossa Senhora da Boa Morte. Ressalto também a gentileza dos funcionários do Arquivo da Casa dos Contos de Ouro Preto, do Museu da Inconfidência, do Arquivo Público Mineiro, do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Biblioteca Padre Vaz (Instituto Santo Inácio de Loyola).

Todo trabalho tem seus interlocutores. Com agradecimento especial distingo três pessoas. A Dra. Adalgisa Arantes Campos pelas orientações, constante acompanhamento, empréstimo de livros, leitura crítica de meus textos e amizade. O Dr. Francisco de Assis Costa Taborda por compartilhar sua erudição teológica, pelas sugestões bibliográficas e importantes apontamentos a respeito do desenvolvimento da mariologia, da doutrina escatológica e da história do cristianismo. O amigo mestre Felipe Augusto Bernardi, pela delicadeza com que escutava minhas lamentações nos momentos de dificuldades, longas tardes de estudo regadas a café forte e relevantes discussões teóricas que travávamos.

Agradeço à Profa. emérita Beatriz Ramos de Vasconcelos Coelho, presidente do CECOR, pelas sugestões e pertinentes observações que fez na ocasião de meu exame de qualificação. Aos queridos Alex Bohrer, Cecília Luttembarck, Flávia Gervásio, Jader Barroso Neto, Júlio Caetano, Júlio Martins, Naiane Loureiro, Pablo Mendonça, Renato Franco, Talma Pereira e Wanete Costa

pela parceria, interesse, material fotográfico e informações sobre a localização de algumas fontes. À Maria Beatriz Jacob Leite pelos bons conselhos, amizade sincera e dedicada ajuda na tradução de textos em francês. Aos seminaristas Bráulio Sérgio Mendes, Claudinei Lourenço de Souza, João Paulo da Silva, Jorge Henrique Abreu Tanus, Joaquim Diogo de Melo e Eduardo Bordoni Teixeira pelos empréstimos de livros, auxílio nas pesquisas, conversas agradáveis, almoços, chás e cafezinhos que me ofereceram no Seminário de Mariana. À Edriana Aparecida Nolasco e Herinaldo Oliveira Alves pela colaboração e eficiente trabalho de transcrição que realizaram.

Esta foi uma dissertação feita em família. Minha mãe procurou as referências bíblicas que utilizei e me apoiou em todos os momentos. Meu irmão Ramon digitalizou e tratou as imagens. Minhas manas Iolanda e Samantha, conferindo a inteligibilidade do texto, leram os capítulos inúmeras vezes e acabaram decorando algumas partes. Meus pequenos sobrinhos Anna, Felipe, Luiza e Isadora de tanto ouvirem falar sobre o “bem morrer” tornaram-se especialistas no assunto. Meu namorado, Luiz Carlos Villela Milagres, foi responsável pelo levantamento das fontes impressas que usei. Sem o seu companheirismo, cumplicidade e paciência nas horas de angústia tenho dúvidas de que teria conseguido chegar ao fim deste trabalho. O incentivo e carinho do meu pai, dos meus tios Fábio e Neusa e da minha avó Iolanda Djanira também foram fundamentais. Aos meus familiares, incluindo o Luiz, ofereço o resultado de nossa bela parceria.

Para finalizar, registro minha eterna gratidão a todos que – de uma maneira ou de outra – contribuíram para a elaboração desta dissertação de mestrado. Agradeço também ao CNPq pela ajuda financeira que me proporcionou, facilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar;

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar;

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de deitar fora;

Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

Tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra, e tempo de paz.

Eclesiastes 3, 1-8

ABREVIATURAS

ACC: Arquivo da Casa dos Contos de Ouro Preto

AEAM: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

AEDSJDR: Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del-Rei

AHU: Arquivo Histórico Ultramarino

APM: Arquivo Público Mineiro

APNSC: Arquivo Paroquial de Nossa Senhora da Conceição (Ouro Preto)

APNSP: Arquivo Paroquial de Nossa Senhora do Pilar (Ouro Preto)

IBMI: Inventário de Bens Móveis e Integrados

IEPHA/MG: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Julgamento Final (Tímpano da Catedral de Notre Dame de Paris).....	11
Figura 2 – A morte da Virgem (Hugo van der Góes).....	15
Figura 3 – O homem bom em seu leito de morte (“ <i>Ars Moriendi</i> ”).....	16
Figura 4 – Segunda Anunciação (Duccio di Buoninsegna).....	24
Figura 5 – Anunciação da Natividade do Redentor (Duccio di Buoninsegna).....	25
Figura 6 – Segunda Anunciação (Jean Fouquet).....	26
Figura 7 – A Dormição da Virgem (Igreja da Dormição do Desyatiny Monastério).....	28
Figura 8 – A Dormição da Virgem (Igreja da Martorana).....	30
Figura 9 – A Dormição da Virgem (Igreja de Santa Maria Maggiore).....	31
Figura 10 – Detalhe: Pedro, Paulo e João (Igreja de Santa Maria Maggiore).....	31
Figura 11 – A morte da Virgem (Catedral de Estrasburgo).....	32
Figura 12 – A morte da Virgem (Andrea Mantegna).....	33
Figura 13 – O Trânsito da Virgem (Veit Stoss).....	34
Figura 14 – A morte da Virgem (Hans Holbein, o Velho).....	35
Figura 15 – Nicho do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte (Ouro Preto).....	36
Figura 16 – Coroamento do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte (Ouro Preto).....	37
Figura 17 – Oratório de Esmolar (Ouro Preto).....	38
Figura 18 – Altares de Nossa Senhora da Boa Morte (Ouro Preto e São João Del Rei).....	39
Figura 19 – Altar de Nossa Senhora da Boa Morte: detalhe (São João Del Rei).....	39
Figura 20 – O funeral de Maria e seu primeiro milagre post-mortem (Duccio de Buoninsegna).....	42
Figura 21 – O funeral de Maria (Sabará).....	43
Figura 22 – Assunção da Virgem (Lippo Memmi).....	46
Figura 23 – Assunção da Virgem (Donatello)	47
Figura 24 – Assunção da Virgem (Filippino Lippi).....	47
Figura 25 – Assunção da Virgem (Correggio).....	48
Figura 26 – Assunção da Virgem (Guido Reni).....	49
Figura 27 – Assunção da Virgem (Nicolas Poussin).....	50
Figura 28 – Assunção da Virgem (André Gonçalves).....	51

Figura 29 – Assunção da Virgem (Antônio Martins da Silveira).....	53
Figura 30 – Assunção da Virgem (Matriz de Santa Luzia).....	54
Figura 31 – A morte do justo (Serro).....	63
Figura 32 – A morte do pecador (Serro).....	64
Figura 33 – A morte do justo (Ouro Preto).....	65
Figura 34 – A morte do pecador (Ouro Preto).....	66
Figura 35 – A morte do justo (Sabará).....	67
Figura 36 – Mapa.....	75
Quadro 1 – Irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte.....	77
Quadro 2 – Taxas e Missas.....	79
Quadro 3 – Celebração do Trânsito da Virgem.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
-----------------	----

CAPÍTULO 1

A CRENÇA NA DORMIÇÃO E ASSUNÇÃO DE MARIA: APÓCRIFOS, LITURGIA E DOCTRINA.....	03
1.1 Os apócrifos.....	03
1.2 A liturgia e a doutrina católica.....	07

CAPÍTULO 2

A ICONOGRAFIA DO “TRÂNSITO” DE MARIA: DO ORIENTE CRISTÃO À CAPITANIA DAS MINAS.....	20
2.1 A Legenda Áurea e as representações do “Trânsito” mariano.....	20
2.1.1 A Segunda Anunciação.....	22
2.1.2 A navegação aérea dos discípulos.....	27
2.1.3 A Dormição e a assunção da alma de Maria.....	29
2.1.4 O cortejo fúnebre e o primeiro milagre <i>post-mortem</i> de Maria.....	40
2.1.5 A Assunção corporal de Maria.....	44

CAPÍTULO 3

OS “FINS ÚLTIMOS” DO HOMEM E A CONCEPÇÃO DE BOA MORTE: LITERATURA PIEDOSA, REPRESENTAÇÕES E COTIDIANO.....	56
3.1 A doutrina dos Novíssimos.....	56
3.2 O Juízo Particular, o Juízo Universal e a arte do “bem morrer”.....	57
3.3 A boa morte e a vivência do “bem morrer” nas Minas.....	69

CAPÍTULO 4

IRMANDADES MINEIRAS DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: COMPROMISSOS E SOCIABILIDADE CONFRARIAL NO TERRITÓRIO DAS MINAS (1721-1822).....74

4.1 As Irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte.....74

4.2 A composição étnica, os deveres e os direitos dos confrades.....77

4.3 A festa de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção.....83

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....88

REFERÊNCIAS.....89

ANEXOS

I. Relato apócrifo atribuído a São João Evangelista97

II. Novena de Nossa Senhora da Boa Morte123

INTRODUÇÃO

“Murcha depressa a beleza vã, o corpo envelhece e todos passam pela porta do fim inevitável. Existimos hoje, amanhã não sabemos o que será de nós. Tudo é incerto afora o morrer.”

(Mário Martins)¹

A morte é uma realidade, uma lei natural a qual todos os seres vivos estão sujeitos e que não conseguem burlar. Ela é o limite entre a existência terrena e o desconhecido, entre o fim das atividades corpóreas e um por vir incerto. Experiência incógnita que inquieta a humanidade desde os tempos mais recuados.

O desaparecimento do indivíduo – aniquilação da matéria – suscitou o nascimento de cerimônias fúnebres que, entre outras coisas, testemunham o desejo de perpetuação da memória e do prolongamento da existência. Nas sociedades arcaicas, o homem, ao tomar consciência de sua individualidade e da morte, praticou ritos em honra dos defuntos e acreditou na “realidade” da vida além-túmulo.² Estudos etnológicos mostram *“que em toda parte os mortos foram ou são objetos de práticas que correspondem, todas elas, a crenças referentes a sua sobrevivência (na forma de espectro corporal, sombra, fantasma etc.) ou a seu renascimento”*.³ A idéia da extensão da vida após o falecimento é antiga e está presente em várias tradições religiosas.

Nesta dissertação abordamos a concepção imortalista cristã, cuja doutrina não ignora as leis biológicas, mas, ao contrário, reconhece na finitude física o portal para a eternidade do ser. No primeiro capítulo tratamos da crença e do culto católico ao “Trânsito” da mãe de Jesus

¹ MARTINS, Mário. *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*. Braga: Livraria Cruz, 1969. v. 1. p. 25.

² Sobre o processo de individualização humana e a consciência da morte cf. LANDSBERG, Paul-Louis. *Essai sur l'expérience de la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1951. p. 25-30. Sobre os ritos fúnebres cf. BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996. 321 p. Título original: *Les sens cachés des rites mortuaires: mourir est-il mourir?*; MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 354 p. Título original: *L'homme et la mort*.

³ MORIN, Edgar. *O homem e a morte...* op. cit., p. 25.

(*assumptio animae* e/ou *assumptio corporis*). Partindo dos estudos feitos por Simon Claude Mimouni, demonstramos o surgimento e as diferenças entre as literaturas apócrifas dormicionistas e assuncionistas, a circulação destas no oriente e no ocidente cristão, a celebração litúrgica da Assunção e o desenvolvimento da mariologia. No segundo capítulo, seguindo os estudos de Louis de Réau, examinamos detidamente o *corpus* iconográfico relativo ao fim da existência terrena de Maria e a função litúrgico-pedagógica de cada um dos temas que o compõe. Correlacionado o relato apócrifo atribuído a São João Evangelista – difundido no ocidente com grande êxito a partir do século XIII – com imagens produzidas durante a Idade Média e a época Moderna, exploramos os seguintes temas: a Segunda Anunciação, a Navegação aérea dos discípulos, a Dormição, o Cortejo fúnebre e a Assunção da Virgem. No terceiro capítulo, tendo como referência os trabalhos de Michael Schmaus, Alberto Tenenti e Adalgisa Arantes Campos, abordamos a doutrina dos Novíssimos do Homem (escatologia), a concepção de boa morte expressa na literatura piedosa dos séculos XVII e XVIII, o papel instrutivo-formador das representações advindas da *Ars Moriendi* e a vivência do “bem morrer” na Capitania das Minas. No quarto capítulo, seguindo a linha de estudos confrarias de Caio César Boschi, Marcos Magalhães de Aguiar e Adalgisa Arantes Campos, mapeamos as Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte erigidas em Minas Gerais entre 1721 e 1822 e analisamos a composição étnica dos confrades, os direitos e os deveres dos filiados e a celebração da festa da padroeira.

No transcorrer da dissertação, enfatizamos que, para os cristãos, morrer não carrega em si o peso da aniquilação, pois não se limita à corrupção corpórea. A morte é o meio que permite transcender a realidade efêmera deste mundo e alcançar a plenitude do espírito, ou seja, a vida eterna. Por esta razão, a boa morte e os ritos de “bem morrer” foram assuntos de grande importância na cultura e no imaginário cristão de outrora.

1. A CRENÇA NA DORMIÇÃO E ASSUNÇÃO DE MARIA: APÓCRIFOS, LITURGIA E DOUTRINA

“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?” (João 11, 25-26).

1.1 OS APÓCRIFOS

Nas Sagradas Escrituras não existe relato sobre a morte e a assunção da mãe de Jesus. Estes temas marianos surgiram no oriente e foram difundidos, desde a patrística, pela tradição oral, por fontes literárias apócrifas, pela liturgia e pela arte.

A palavra apócrifo⁴ – do grego *apókryphos* e do latim *apocryphus* – significa secreto, oculto. No século IV, após a definição do Cânon da Bíblia, o termo tornou-se pejorativo (tomou o sentido de falso, suposto) e passou a designar os textos não incluídos no *corpus* bíblico por se tratarem de obras sem o reconhecimento eclesial. Apesar de não ser considerada pela Igreja como portadora da “Revelação” (= canônica), a literatura apócrifa possui peso relevante do ponto de vista da história da cultura religiosa cristã, pois manifesta a alma popular dos primeiros tempos “*que crê nas verdades fundamentais da fé, mas que, para além dessas verdades, quer saciar-se com gestos e situações em que o divino não esteja reduzido a fórmulas estáticas*”.⁵

⁴ Cf. JUNOD, Eric. APÓCRIFO. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. p. 167-170. Título original: *Dictionnaire critique de théologie.*; PERETTO, Elio. APÓCRIFO. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 125-140. Título original: *Nuovo Dizionario di Mariologia.*; APÓCRIFO. In: AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 34.

⁵ PERETTO, Elio. APÓCRIFO. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit., p. 127.

No contexto de suas produções, as narrativas apócrifas desempenharam importante papel devocional uma vez que, guardadas as contradições, propagaram questões doutrinárias condizentes com as definições oficiais. No caso do fim da existência terrena de Maria e da transladação de seu corpo aos céus, por exemplo, os textos transmitiram ensinamentos que convergiam para o cerne das discussões teológicas da época – a maternidade divina e a integridade virginal⁶ – que, posteriormente, fundamentaram o dogma proclamado pelo Papa Pio XII em 1950.⁷

Os episódios da “morte” e assunção corporal da Virgem foram registrados em numerosas redações, conhecidas sob o título de Dormição (*Dormitio*) e Trânsito (*Transitus*)⁸. Essas fontes escritas são encontradas em diferentes tradições lingüísticas: siríaca, grega, copta, árabe, etíope, latina, georgiana, armênia, eslava e irlandesa, sendo as mais antigas datadas da segunda metade do século V.⁹

Dentre os diversos códices existentes merecem destaque o relato intitulado *Transitus B. Mariae*, do Pseudo-José de Arimatéia, e a versão latina *Aprocrifum de assumptione Virgini* do texto grego atribuído a São João Evangelista¹⁰. Estas duas obras são importantes pelo grande

⁶ A Maternidade Divina foi afirmada explicitamente no concílio de Éfeso, realizado em 431. A Virgindade perpétua de Maria foi aceita oficialmente pela Igreja no concílio de Latrão, sob o Papa Martinho I, em 649. Cf. AIELLO, Ângelo Giovanni. DOGMAS. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit., p. 410-422.; SCHMAUS, Michael. La Virgen Maria. In: _____. *Teologia Dogmática*. Madrid: Ediciones Rialp S. A., 1963. v. 8. § 3 a 6. p. 82-230.

⁷ SCHMAUS, Michael. La Virgen Maria. In: _____. *Teologia Dogmática...* op. cit., § 7. p. 230-255.

⁸ Para se referirem ao falecimento da Virgem, os bizantinos utilizavam a palavra grega *Koimesis*, que significa sono da morte. A Igreja latina, por sua vez, empregou dois termos distintos: *Dormitio* (Dormição) e *Transitus* (Trânsito). O primeiro era empregado para designar o momento da morte de Maria, considerado um simples sono, pois seu corpo, de acordo com os relatos apócrifos, foi poupado da corrupção. O segundo, quando se tratava do conjunto – morte e assunção ou simplesmente assunção. Cf. RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano*: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento. Traducción Daniel Alcoba. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996. p. 627. Título original: *Iconographie de l'Art Chrétien*.; MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie*: histoire des traditions anciennes. Paris: Beauchesne, 1995. v. 98. p. 7-13. (Collection Théologie Historique).

⁹ MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie...* op. cit., p. 57-59.

¹⁰ Para assegurar ao conteúdo mitológico a qualidade de verdadeiro, as redações apócrifas, no contexto de suas produções, foram atribuídas a importantes autores cristãos, como: Dionísio Areopagita, José de Arimatéia, Tiago, Matheus, Tomé, João Evangelista, seu discípulo Prócoro e outros destacados patriarcas. Cf. CASADO, Pilar González (Ed.). *La dormición de la Virgen*: cinco relatos árabes. Madrid: Editorial Trotta S.A., 2002. p. 30.

sucesso que alcançaram no ocidente durante a Idade Média, especialmente a última, com a difusão da Legenda Áurea no século XIII.

Os estudiosos do assunto, em geral, consideram que a carência de informações neotestamentárias sobre o desenlace da existência terrena da Virgem¹¹ propiciou o nascimento de lendas no imaginário¹² cristão, que foram difundidas, em princípio, através da tradição oral. Por essa razão os textos dormicionistas e assuncionistas apresentam variações regionais de elementos e personagens, além de manifestarem crenças diferentes.

Simon Claude Mimouni, após analisar sessenta e dois relatos apócrifos (séculos V a VIII), correlacionando-os com fontes litúrgicas e topológicas, estabeleceu três “grupos doutrinários”¹³ distintos. O primeiro, denominado pelo autor de “*Dormição sem Ressurreição*”, reúne redações que afirmam a morte de Maria. De acordo com esta concepção, o corpo da Mãe de Jesus foi poupado da corrupção – enterrado em um jazigo ou transportado para um lugar (preciso ou não) – e sua alma transladada para os céus, onde aguarda o dia da *Ressurreição dos Mortos*. O segundo conjunto, chamado “*Dormição e Assunção*”, é composto por narrativas escritas cujo conteúdo testemunha a transição entre a doutrina da “*Dormição*” e da “*Assunção*”, revelando elementos comuns aos dois tipos de crença. O terceiro e último grupo foi subdividido em duas categorias e por isso recebeu o nome: “*Assunção com ou sem Ressurreição*”. A ele pertencem os textos que declaram a mortalidade da Virgem (sepultamento, reunião do corpo com a alma e assunção) e os

11 A última referência bíblica sobre a vida de Maria encontra-se no Novo Testamento em Atos 1, 14. Nesta passagem lê-se que depois da Ascensão do Cristo, sua mãe perseverara na oração, juntamente com os apóstolos e com outras mulheres.

12 Utilizamos nesta dissertação o conceito desenvolvido por Patlagean: “o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam.” Cf. PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 291.

13 Mimouni utiliza o termo “*doutrina*” para classificar os textos analisados (“*doutrina da dormição sem ressurreição*”, “*doutrina da dormição e assunção*” e “*doutrina da assunção com ou sem ressurreição*”), entretanto o autor nos adverte que melhor seria usar a palavra “*crença*”, pois para o período abordado (séculos V a VIII) não havia ensinamento oficial a respeito do fim da existência terrena de Maria. Cf. MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie...* op. cit., p. 16.

que consideram sua imortalidade (corpo e alma foram transferidos para o céu sem passar pela tumba).¹⁴

As doutrinas enfatizadas por Mimouni nas fontes literárias, classificadas de acordo com a tipologia explicitada acima, correspondem a diferentes períodos históricos. A “*Dormição sem Ressurreição*” é encontrada nos textos mais antigos (2ª metade do século V). A “*Dormição e Assunção*” é considerada a etapa intermediária, pois une aspectos das duas crenças sem fundi-las completamente (1ª metade do século VI), e a “*Assunção com ou sem Ressurreição*” é a concepção mais recente, em relação às duas primeiras (2ª metade do século VI). Entretanto, é preciso frisar que não se trata de uma evolução histórica das crenças dormicionistas e assuncionistas, pois uma não suplantou, necessariamente, a outra. De fato, à medida que as redações surgiram, os três grupos da tipologia coexistiram.¹⁵

Resumidamente, podemos dizer que os relatos sobre a sorte final de Maria dividem-se entre os que afirmam sua morte e os que atestam sua imortalidade. Todos os textos, independente do grupo em que estão classificados, exprimem a idéia da incorruptibilidade do corpo da mãe de Jesus, embora reservem a este corpo destinos diferentes. A tradição literária latina, de maneira homogênea, privilegiou a versão apócrifa que considera o falecimento, a ressurreição e a transladação da Virgem aos céus. Portanto, o tema da “*Assunção com Ressurreição*” e, conseqüentemente, a crença nele, superou no ocidente os demais tipos “doutriniais”. O relato propagado na Idade Média pela *Legenda Áurea*, sobre o qual nos deteremos mais adiante, encaixa-se neste perfil narrativo.

¹⁴ MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie...* op. cit., p. 13-22.

¹⁵ Sobre as tradições literárias apócrifas dormicionistas e assuncionistas Cf. *Ibidem*, p. 37-73.

1.2 A LITURGIA E A DOUTRINA CATÓLICA

Ao observarmos o desenvolvimento do Magistério Eclesiástico nos primeiros 500 anos da era presente, consideramos que a liturgia, respaldada na religiosidade popular, instituiu como verdade a assunção corporal de Maria, antes mesmo da teologia formular os argumentos para sustentá-la¹⁶. A convicção do povo cristão foi a mola propulsora para a Igreja incluir essa crença em seu quadro doutrinal, mas isso não significou a legitimação das narrativas apócrifas.

No fim do século IV, o bispo palestino *Epifânio de Salamina* (315-403), exortando os fiéis e refutando a tradição oral, afirmou que o modo como ocorreu o fim terreno da Virgem e o destino que teve seu corpo eram mistérios divinos e não podiam ser descritos devido à ausência de dados bíblicos sobre o assunto.¹⁷ Entretanto constatamos que esta rígida opinião não constituiu uma regra, pois a iconografia, a hinoграфия e a homilética (patrística e medieval) absorveram e por vezes reproduziram a apocrifia das lendas dormicionistas e assuncionistas. A aproximação e a coexistência da doutrina oficial e do imaginário popular podem ser explicadas, neste caso, pela mariologia incipiente das primeiras centúrias, que de fato só existia em função da cristologia descendente.

Importante para o desenvolvimento da mariologia foi o concílio de Éfeso, realizado em 431.¹⁸ A pauta principal era a resolução do problema nestoriano, que negava a dupla natureza

¹⁶ AIELLO, Ângelo Giovanni. DOGMAS. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit, p. 415.

¹⁷ O bispo Epifânio, natural de Eleuterópolis, na Judéia, é célebre na teologia mariana por questionar o modo como ocorreu o fim da existência terrena da mãe de Jesus. Cf. SCHMAUS, Michael. *La Virgen Maria...* op. cit., § 7. p. 242-243.; TONIOLO, Ermanno. PADRES DA IGREJA. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit, p. 1018.

¹⁸ Sobre o desenvolvimento histórico dos dogmas marianos (concílios) ver: FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 98-140.; AIELLO, Ângelo Giovanni. DOGMAS. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit, p. 410-422.

concomitante do Cristo.¹⁹ Embora a questão fosse essencialmente cristológica acabou se concentrando no mistério da maternidade de Maria, que recebeu formalmente o título de *Theotókos* (aquela que pariu alguém que é Deus, em latim *deipara*).²⁰ Teologicamente, a expressão significa que a Virgem é a genitora do Verbo encarnado, e neste sentido, a palavra *Deus* designa a pessoa do filho e não a do Pai-Criador.

Em 451, na Calcedônia, as reflexões conciliares supracitadas foram retomadas. A definição da maternidade divina exaltou o papel da mãe do Redentor no plano da salvação, impulsionando a teologia mariana. A vida da Virgem tornou-se relevante para a Igreja em toda a sua extensão, do nascimento até a glorificação na eternidade.

Conforme mencionamos, em linhas anteriores, antes da devida fundamentação teológica surgiu em Jerusalém a *Festa da Assunção*²¹. Esta comemoração litúrgica teve grande êxito no oriente a partir da segunda metade do século V, sendo valorosa para isso a contribuição dos homiletas: *Severiano de Gábara* († 408), *Cirilo de Alexandria* († 444), *Esíquio de Jerusalém* († 450) e *Crisipo de Jerusalém* († 479). Na centúria seguinte, merecem destaque o palestino *Teotecno de Lívia*, que procurou justificar os elementos apócrifos com argumentos bíblico-teológicos, e *Tiago de Sarug ou de Batnan* († 521), que, em ambiente siríaco, compôs um poema narrando o milagroso “Trânsito” da Bem-aventurada. Ao fim da era patrística, foram importantes

¹⁹ Nestório († 451), bispo de Constantionopla entre 428 e 431, defendia que em Cristo existiam duas naturezas distintas e também duas pessoas. Para ele Maria não era mãe de Deus (o Incriado), mas genitora do homem Jesus (instrumento da divindade na Terra). Portanto, a Virgem deveria ser chamada de *Cristotókos* (mãe de Cristo) e não de *Theotókos* (mãe de Deus). Cf. TONIOLO, Ermanno. PADRES DA IGREJA. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit., p. 1020-1022.; LANGEVIN, Gilles. NESTORIANISMO. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia...* op. cit., p. 1245-1247. MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie...* op. cit., p. 659-664.

²⁰ COTHENET, Édouard.; JOURJON, Maurice.; MEUNIER, Bernard. MARIA. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia...* op. cit., p. 1095.

²¹ Sobre a origem da Festa da Assunção no Oriente e no Ocidente ver: MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie...* op. cit., p. 22-28.; SERRA, Aristide. *et al.* ASSUNÇÃO. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit., p. 186-188.

os sermões dos padres: *Modesto de Jerusalém* († 634), *André de Creta* († 720), *Germano de Constantinopla* († 733) e *João Damasceno* († 749)²².

No ocidente, a celebração da entrada de Maria na glória foi introduzida no calendário litúrgico por influência de monges orientais que emigraram em massa, desde as primeiras décadas do século VII, fugindo das invasões persas e árabes. Essa festa, realizada em Roma sob o papado de *Sérgio I* (687-701) com solene procissão, foi assimilada pela França e depois pela Inglaterra, espalhando-se rapidamente entre a comunidade cristã. A argumentação textual do *Pseudo-Agostinho*, favorável à assunção, foi seguida pelos célebres escolásticos *Alberto Magno* († 1280) e *Boaventura* († 1274), que, citando o versículo bíblico registrado em Cantares (8, 5), contribuíram para a universalização dessa crença.²³

As transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no ocidente durante os séculos XII e XIII foram importantes para a consolidação da fé no “Trânsito” da Virgem. O progresso das atividades agrícolas e o desenvolvimento do comércio e das vilas medievais ocasionaram, segundo o historiador Georges Duby, uma crescente busca pela autonomia pessoal e pela individualização do ser.²⁴

A Igreja, antes absoluta na comunicação entre Deus e os homens, aos poucos foi absorvendo as necessidades da nova ordem, convidando os fiéis a se esforçarem “*em plena responsabilidade individual, em progredir passo a passo para a perfeição*”.²⁵ A pedagogia da

²² A respeito da assunção de Maria na tradição patrística do século IV ao VIII. Ver: TONIOLO, Ermanno. PADRES DA IGREJA. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit, p. 1030.; BOVER, José M; ALDAMA, José de; SOLA, Francisco de P. *La Asunción de Maria: estudio teológico histórico sobre la asunción corporal de la Virgen a los cielos*. Madrid: La Editorial Católica, 1951. p. 97-144.

²³ SESBOÜÉ, Bernard (Dir.). *História dos Dogmas Tomo 3: Os sinais da salvação (séculos XII-XX)*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 502-503. Título original: *Histoire des dogmes Tome III: Les signes du salut*.

²⁴ “*Tal movimento, a mobilização das iniciativas e das riquezas suscitou a valorização progressiva da pessoa*”. DUBY, Georges. A solidão nos séculos XI-XIII. In: _____(Org.). *História da vida privada: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v.2. p. 506. Título original: *Histoire de la vie privée, vol. 2: De l'Europe féodale à la Renaissance*.

²⁵ *Ibidem*, p. 522.

“devoção privada” que incentivava a subjetivação dos princípios cristãos, cujos agentes foram os clérigos, substituídos no século XIII pelos frades mendicantes, gerou profundas alterações nas práticas religiosas. Os sacramentos da penitência (confissão) e da eucaristia (comunhão) tornaram-se, por determinação do IV concílio de Latrão (1215), obrigação anual. Todos os cristãos, após atingirem a idade da razão, deveriam confessar pessoalmente os seus pecados ao pároco e comungarem ao menos na Páscoa.²⁶ Outro fato relevante foi a oficialização do *Purgatório* em 1274²⁷. Essa doutrina escatológica modificou a geografia do mundo *pós-morte* e as relações cotidianas dos vivos, uma vez que abriu para estes, outra possibilidade de salvação, propiciando renovadas condutas para se alcançar o descanso eterno.

Com a concepção espacial trina do Além (anteriormente binária Céu-Inferno) vislumbrou-se o surgimento da idéia do *Juízo Particular*. Essa visão eclesiástica, contida ou suposta nas declarações do II concílio de Lião (1274)²⁸, responsabilizava cada alma por atos e iniquidades cometidos em vida, assegurando julgamento e sentença individual imediatamente após o falecimento, fato que reforçou o recurso à intercessão dos santos e da Virgem glorificada pelos moribundos que pressentiam a chegada da morte.

O historiador Phillipe Ariès, analisando as representações do *Juízo Universal*, verificou que a imagem apocalíptica da ressurreição dos mortos e do Cristo voltando no final dos tempos, na qual não havia expressão de avaliação ou de condenação (individual ou coletiva), própria à escatologia cristã das primeiras centúrias, começou a ser substituída no século XII. A nova iconografia, inspirada no evangelho de Matheus, enfatizava a separação dos justos e dos pecadores. O Cristo assentado no trono de juiz foi colocado no centro da cena apresentando-se,

²⁶ SESBOÛÉ, Bernard (Dir.). *História dos Dogmas Tomo 3...* op. cit., p. 116.

²⁷ A doutrina do Purgatório foi oficializada no II concílio de Lião em 1274. Cf. LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editora Estampa, 1995. p. 330-332. Título original: *La Naissance de Purgatoire*.

²⁸ BETTENCOURT, Estêvão. *A vida que começa com a morte*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1955. p. 49. Sobre o Juízo Particular e o Juízo Universal consulte o terceiro capítulo desta dissertação.

geralmente, rodeado por uma corte (apóstolos e/ou anjos). A partir do século XIII, duas ações ganharam destaque: a avaliação das almas pelo arcanjo São Miguel e a mediação da Bem-aventurada Maria e de São João Evangelista, que, ajoelhados e de mãos postas, ladeavam o “Sol da Justiça” (*Sol Justiciae*).²⁹ (FIG. 1)

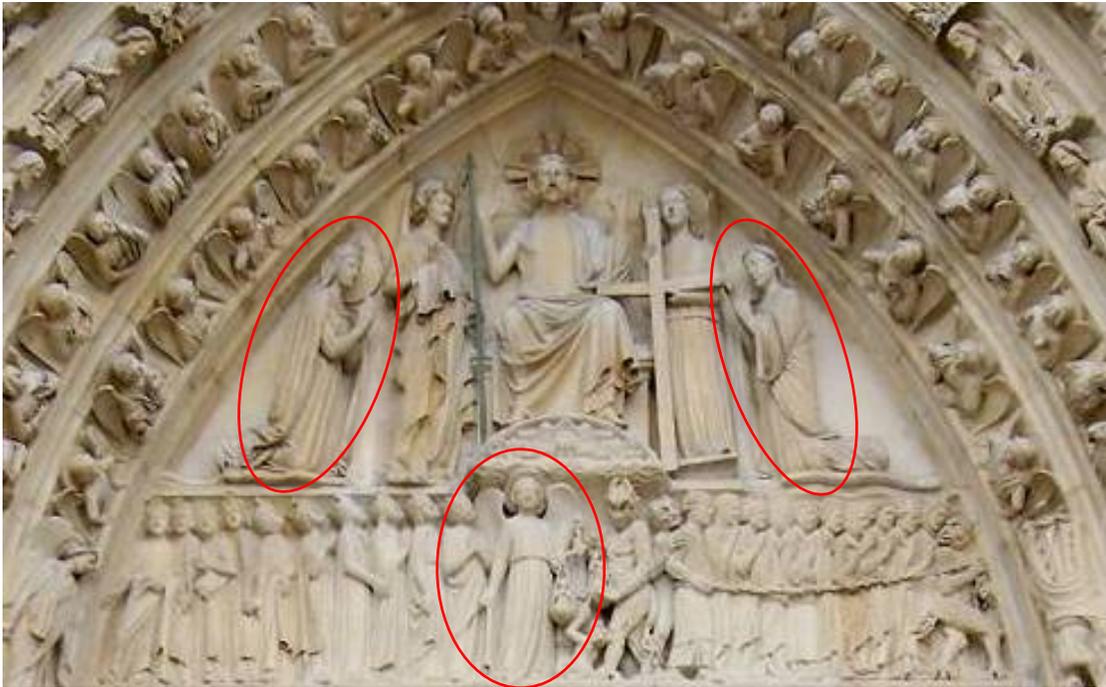


FIGURA 1 – Tímpano: O Julgamento Final

Portal central da Catedral de Notre Dame de Paris (França); século XIII.

Fonte: <http://sandstead.com/images/paris/notre_dame/Notre_Dame_de_Paris_1163-1345_Paris_LS_d100_08.jpg>
Acesso em: 15 fev. 2006.

Não por acaso, foi neste contexto, entre 1253 e 1270, que o dominicano Jacopo de Varazze escreveu a *Legenda Áurea*³⁰, coletânea hagiográfica que divulgou no ocidente, de maneira decisiva, o texto assuncionista atribuído ao evangelista João e também várias homilias, sobre este tema mariano, que teriam sido proferidas por São Cosme, apelidado Vestidor,

²⁹ Cf. ARIÈS, Philippe. *Images de l'homme devant la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1983. p. 141-181; ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 47-49. Título original: *Essais sur l'histoire de la mort em Occident*.

³⁰ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras 2003. 1040 p. Título original: *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dicta*. Edição fac-similada.

Germano, arcebispo de Constantinopla, Dionísio Areopagita, João Damasceno e Agostinho.³¹ Com o objetivo de fornecer aos seus colegas de hábito material para a elaboração de sermões compreensíveis a todos os fiéis e não apenas aos doutos, o autor italiano utilizou como instrumento de persuasão o “*exemplum*”. Esse tipo de narrativa inspirava, através de breves relatos, lições de cunho moral e religioso tornando mais eficiente a parenética e o trabalho evangelizador (contra heresias) dos seguidores de Domingos de Guzmán (1170-1221).³²

Jacopo selecionou e adaptou fontes eruditas e populares, oscilando entre a teologia e a mitologia, “*entre a necessidade de construir um discurso firmemente ortodoxo e a pressão de antigas heranças culturais às quais todos os cristãos, conscientemente ou não, estavam presos*”.³³ Neste sentido, a estrutura narrativa de sua obra privilegiava o efeito edificante em detrimento do conteúdo e, por isso, o emprego de relatos apócrifos foi recorrente.

Da *Legenda Áurea* existe hoje 1100 manuscritos, dado que revela o sucesso e a popularidade que esta obra conheceu durante a Idade Média, tendo circulado por vários territórios. Ela foi traduzida no século de sua produção em vernáculo, em catalão e em alemão. Na centúria seguinte, foi vertida em provençal, em francês (por volta de 1340), em holandês (1358) e em tcheco (1360). Entre os anos 1470 e 1500, com a imprensa, alcançou o número de 156 edições superando as publicações da Bíblia Sagrada que, neste período, somaram 128.³⁴ Se levarmos em consideração que esta obra era utilizada pelos sacerdotes na elaboração de seus sermões, fica evidente a extensão de sua difusão. Por esta razão, a elegemos como um marco na história do desenvolvimento e da longa duração da crença na Dormição e na Assunção de Maria,

³¹ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 657-681.

³² Sobre o assunto, cf. a apresentação feita por Hilário Franco Júnior In: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 11-25. A respeito do uso de “*exempla*” nos sermões, veja também: DUBY, Georges. A solidão nos séculos XI-XIII. In: _____(Org.). *História da vida privada...* op. cit., p. 524-525.

³³ Apresentação feita por Hilário Franco Júnior In: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 20.

³⁴ Cf. a apresentação feita por Hilário Franco Júnior In: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 21-22.

sobretudo no mundo ocidental, onde percebemos, concomitante ao seu uso e divulgação, a proliferação de representações imagéticas referentes a esses dois temas marianos.

Em meados do século XIV, diversos lugares da Europa foram assolados pela chamada “peste negra”. Constantinopla e Gênova foram atingidas em 1347, logo depois Portugal e finalmente da Irlanda a Moscou. Esta epidemia estendeu-se pelos anos 1348-1351, eliminando uma enorme parte da população, estimada entre 2/3 e 1/8 dependendo da região. Entre 1348 e 1720 a peste reapareceu inúmeras vezes abalando as bases do psiquismo individual e instaurando o medo coletivo.³⁵

As bruscas rupturas sentidas no cotidiano – silêncio na cidade, solidão (abandono) na doença, interrupção dos ritos públicos de alegria e de tristeza, dissolução da família causada por falecimentos, substituição dos sepultamentos personalizados por inumações conjuntas em covas comuns, entre outras – aliadas a uma crescente insegurança social, minaram, gradativamente, a possibilidade de conceber projetos de futuro. De acordo com Jean Delumeau *“a epidemia obrigava a considerar cada minuto como um sursis e a não ter outro horizonte diante de si que não o de uma morte próxima”*.³⁶

Neste ambiente, desestruturado pela angústia do homem diante do fim derradeiro, o exemplo da Dormição e da Assunção de Maria tornou-se imprescindível. Sua morte, considerada como um simples sono, inspirava os fiéis a vencerem com serenidade e contrição a última etapa da existência terrena. A elevação da alma e do corpo da Virgem aos céus, transmitia aos cristãos a convicção da vida eterna, transformando o trânsito entre a *“Jerusalém Peregrina”* e a *“Jerusalém Celeste”* em um desejável e incomparável gozo.

³⁵ Sobre a epidemia da peste Cf. DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 107-150. Título original: *La peur en Occident (XIV^e-XVIII^e siècles): une cité assiégée.*; DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. p. 77-95. Título original: *An 1000 an 2000. Sur les traces de nos peurs*. BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. 2. ed. São Paulo: Ed. Abril, 1971. 582p.

³⁶ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente...* op. cit., p. 125.

No quatrocentos, a circulação de gravuras advindas da “*Ars Moriendi*”, literatura religiosa cuja exortação é dirigida para a aceitação tranqüila da finitude da vida, reforçou a doutrina do *Juízo Particular* e o recurso à intercessão dos santos, corroborando com a idéia de que apenas os justos tinham uma boa morte como a da mãe de Jesus.³⁷ De acordo com os clérigos do declínio da Idade Média e época Moderna, aqueles que viviam dentro da orientação ética do cristianismo não temiam a hora da passagem deste mundo para o do Além, pois tinham confiança na salvação.

Na FIG. 2, Maria deitada em sua cama, rodeada pelos apóstolos, vislumbra um espetáculo espiritual: o Cristo, acompanhado de anjos, abre os braços para recebê-la no céu (*assumptio animae*). A expressão do rosto e a posição do corpo da Bem-aventurada sugerem sua entrega resignada e seu total desapego às coisas terrenas. Ao fundo da cena, dois homens acendem uma vela, conforme o costume, para ser colocada entre as mãos da mulher agonizante. A FIG. 3, por sua vez, apresenta-nos um moribundo devoto em seu leito mortuário; seguindo o mesmo padrão comportamental da Virgem, ele segura um círio aceso entregue pelo monge que o ladeia. Sua alma (pequena figura humana em posição de oração) é recebida por um anjo debruçado sobre a cabeceira. Ao fundo, vemos Jesus crucificado cercado por santos intercessores e no primeiro plano, os demônios derrotados proferindo as seguintes palavras (inscrições que saem de suas bocas): “*Estou furioso*”, “*Estamos perdidos*”, “*Estou assombrado*”, “*Isto não é consolo*”, “*Perdemos esta alma*”.³⁸

³⁷ Sobre a “*Ars Moriendi*” Cf. TENENTI, Alberto. *Ars Moriendi: quelques notes sur le problème de la mort à la fin du XV^e siècle*. In: *Annales ESC*, oct/dec, 1951. p. 433-46; ROMANO, Ruggiero; TENENTI, Alberto. *Los fundamentos del mundo moderno: edad media tardia, reforma, renacimiento*. Madrid: Ediciones Castilla S.A, 1971. p. 71-103. TENENTI, Alberto. *Il senso della morte e l'amore della vita nel Rinascimento: Francia e Italia*. Torino: Einaudi Editore, 1989. p. 62-120.; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. 1994. 432 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. p. 33-37.

³⁸ A tradução das inscrições que saem das bocas dos demônios encontra-se em: GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999. p. 282. Título original: *The Story of Art*.



FIGURA 2 – A morte da Virgem.
Hugo van der Góes, 1480.
Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 278.

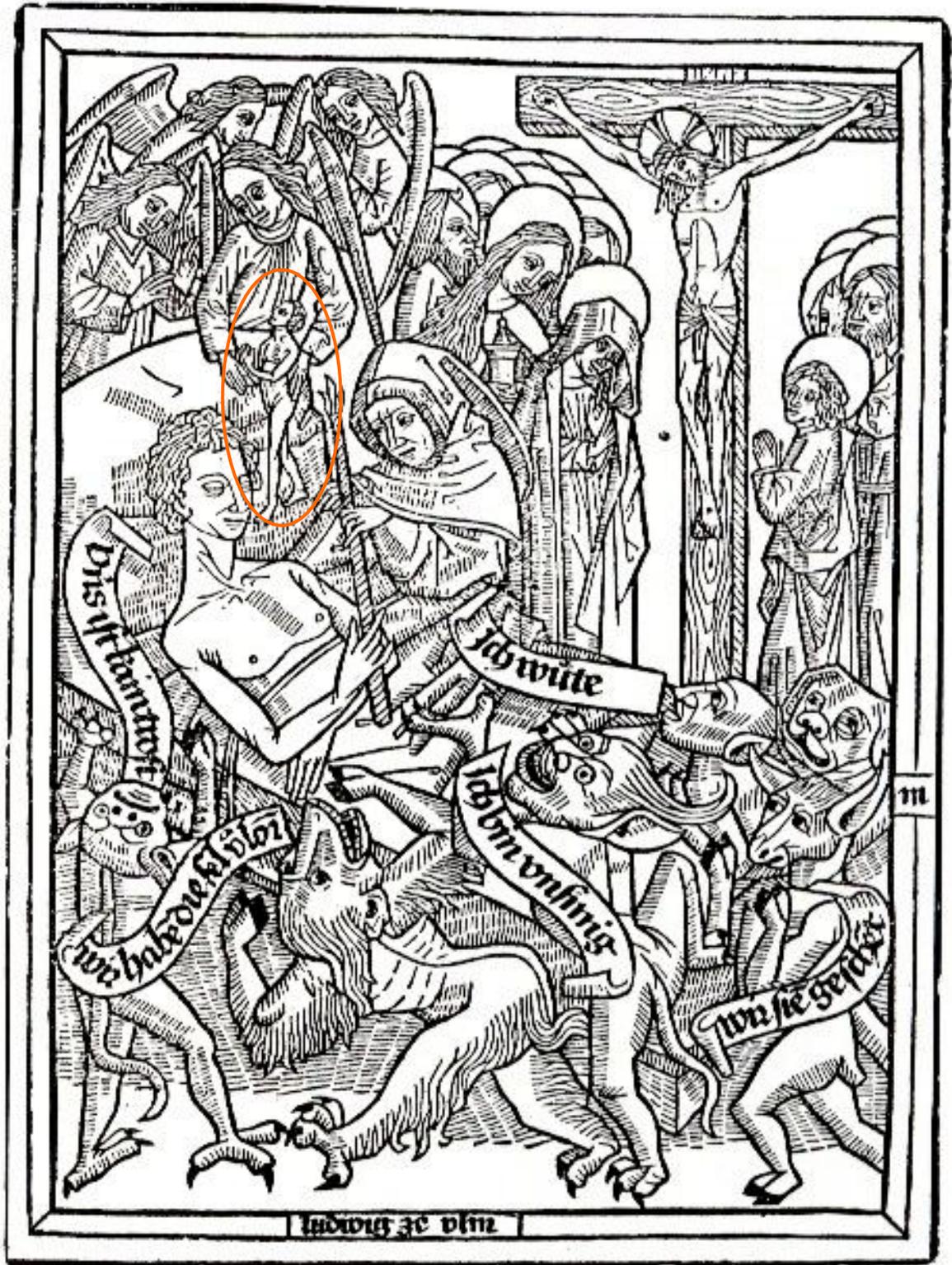


FIGURA 3 – O bom homem em seu leito de morte.
 Ilustração de “A arte de bem morrer”, publicado em Ulm, 1470.
 Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 283.

No século XVI, as Reformas Protestantes e suas críticas ao culto mariano deram novo impulso à antiga crença assuncionista. Martinho Lutero (1483-1546), Huldrych Zuínglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564) contestaram a transladação do corpo de Maria ao Paraíso, por não encontrarem fundamento bíblico que a sustentasse. Para eles apenas a Ascensão do Cristo é “Verdade Revelada” e só nela o povo deveria depositar confiança. A pronta reação dos teólogos católicos transformou em doutrina o que antes era apenas pia convicção.³⁹

Em 1648, seguindo as orientações doutrinárias de Trento, que reiteravam e incentivavam o culto à *Santa Mãe de Deus*⁴⁰, fundou-se, na Igreja do Gesú, em Roma, a Confraria da Boa Morte. Esta associação religiosa, que tinha como prática regular a devoção a Jesus, suas chagas, à Eucaristia e às aflições da Virgem⁴¹, foi difundida com grande êxito em Portugal e seus domínios, a partir do setecentos.⁴²

Na Capitania das Minas o culto à Dormição e Assunção de Maria foi oficialmente instituído no primeiro quartel do século XVIII, quando irmandades leigas vocacionadas à Nossa Senhora da Boa Morte começaram a ser erigidas. A primeira delas estabeleceu-se em 1721, na freguesia de Antônio Dias de Vila Rica (Ouro Preto)⁴³, a segunda no ano de 1730, na freguesia de Nossa Senhora de Nazareth da Cachoeira (Cachoeira do Campo)⁴⁴ e a terceira por volta de 1734 na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de São João Del Rei.⁴⁵

³⁹ Cf. SERRA, Aristide. *et al.* ASSUNÇÃO. In: FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia...* op. cit., p. 175.

⁴⁰ DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia: manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de La Iglesia en materia de fe y costumbres*. Barcelona: Editorial Herder, 1963. n° 986. Título original: *Enchiridion Symbolorum*.

⁴¹ LAVIN, Irving. "Bernini's Death" In: *The art bulletin*, LIV, 2. 1972. p. 158-86.

⁴² CAMPOS, Adalgisa Arantes. A Morte, a mortificação e o heroísmo: o homem 'comum' e o 'santo'. *Revista do IFAC/UFOP*, Ouro Preto, v. 1, 20 dez. 1996. p. 8.

⁴³ APM, CC – 2004, microfilme 127 (2/7), E5. Livro de assento de irmãos (1721-1765). Infelizmente não encontramos nos arquivos pesquisados os Estatutos, os Livros de Posse, Receita e Despesas desta irmandade.

⁴⁴ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Livro de Compromisso (1731), Livro de Assento de Irmãos (1730-1840), Livro de Receita e Despesas (1730-1746), Livro de Posse (1736-1807).

⁴⁵ AEDSJDR, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei: Livro de Compromisso (1786). Na folha 2 dos Estatutos de 1786 se lê que esta irmandade havia sido ereta há mais de cinqüenta anos.

Com o claro objetivo de ensinar Teologia Moral⁴⁶ e formar padres capazes de ajudar a população a “bem morrer”,⁴⁷ o bispo Dom Frei Manoel da Cruz, em 20 de dezembro de 1750, inaugurou o Seminário da Boa Morte, em Mariana, estimulando a devoção à Virgem jacente e assunta. Quatro anos depois, iniciou-se uma gradativa proliferação de confrarias com esta invocação, tendo o Arraial da Borda do Campo⁴⁸ (atual município de Barbacena), encabeçado a lista. Em plena atividade, estiveram elas nas seguintes regiões: Arraial de Guarapiranga (Piranga), Arraial de Aiuruoca (Aiuruoca), Vila de Baependi (Baependi), Vila da Campanha da Princesa (Campanha) e Arraial de Catas Altas do Mato Dentro (Catas Altas), constituindo ao todo, no período entre 1721 a 1822, nove centros irradiadores deste culto, devidamente amparados em suporte material (imagens), licença régia e eclesiástica.⁴⁹

No contexto das Minas, as irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte desempenharam relevante papel sócio-pio-cultural porque funcionaram como agentes da caridade cristã, prestando assistência material e espiritual a seus confrades, contribuíram para o desenvolvimento do culto santoral, incentivado pelo *Concílio de Trento* (1545-63) e reiterado pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707), e atuaram como patrocinadoras das artes, encomendando obras

⁴⁶ AEAM, Relatório Decenal do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento, redigida por Dom Frei Manoel da Cruz. Mariana, 1 de julho de 1757. Língua original: Latim. Tradução de Monsenhor Flávio Cordeiro.

⁴⁷ APM, Códice 19, CMM, 11-05-1753, Lisboa, p. 108, fotografamas 232-234. Ordem de sua Majestade, expedida pelo Conselho Ultramarino, para informar à Câmara de Mariana sobre a construção do Seminário da Boa Morte.

⁴⁸ Esta associação leiga foi formada em 28 de setembro de 1754, contando a princípio com a inscrição de doze filiados. Regida nos primeiros tempos por um compromisso provisório, ela foi formalmente instituída em 1782 - quando o novo estatuto, ratificado por Provisão Régia de 18 de janeiro de 1788, foi organizado. Cf. IPHAN, IBMI, Minas Gerais, Barbacena, Pasta da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte.; LIMA, Newton Siqueira de Araújo. *A Irmandade e a Igreja da Boa Morte*. Barbacena: Cidade de Barbacena Gráfica e Editora, 2004. p. 17-18.

⁴⁹ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, Compromissos: Guarapiranga (1779), Aiuruoca (1896), Campanha da Princesa (1840), Catas Altas do Mato Dentro (1822). Quanto à Irmandade de Baependi não encontramos nenhuma documentação nos arquivos pesquisados e por isso utilizamos as referências do historiador Caio César Boschi. Cf. BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 222. Esclarecemos que também utilizamos as datas registradas na obra de Boschi para as Irmandades de Aiuruoca (1814) e Campanha da Princesa (1820), porque só tivemos acesso às reformas de Compromisso destas instituições. Cf. BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder...* op. cit. p. 221-222.

e utilizando os serviços de entalhadores, policromadores, santeiros e músicos.⁵⁰ Além das atividades supracitadas, comuns a todas as confrarias e Ordens Terceiras com oragos diversos, as associações leigas vocacionadas à Dormição da Virgem exerceram importante função litúrgico-pedagógica, pois propagaram a doutrina da Comunhão dos Santos, ajudando os moribundos e seus familiares a aceitarem com resignação a realidade da existência humana: *porquanto és pó, e em pó te tornarás*.⁵¹ Por meio de literatura piedosa, festas, procissões e veneração das imagens, elas transmitiram ao povo católico a certeza da vida eterna, ou seja, a recompensa divina de uma boa morte para os justos.

⁵⁰ Cf. MARQUES, Edmilson Barreto. A obra de Valentim Correa Pais como referencial para identificação de uma “Escola” na região de São João Del Rei e sul de Minas. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n. 2, p. 55-60, agos. 2003.; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro...* op. cit.; AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. 1999. 402 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.; IRMANDADE E ORDEM TERCEIRA. In: ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. *Dicionário Histórico das Minas Gerais: período colonial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 180-184.; BONICENHA, Wallace. *Devoção e caridade: As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória*. Vitória: Multiplicidade, 2004. 182 p.; OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A Imaginária Religiosa em Minas Gerais. Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, p. 163-179, maio 2005.

⁵¹ “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás”. (Gênesis 3, 19).

2. A ICONOGRAFIA DO “TRÂNSITO” DE MARIA: DO ORIENTE CRISTÃO À CAPITANIA DAS MINAS

“Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor. E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”.
(Lucas 1, 46-47)

2.1 A LEGENDA ÁUREA E AS REPRESENTAÇÕES DO “TRÂNSITO” MARIANO

Apesar de ser numerosa a literatura apócrifa sobre o destino final da Mãe de Jesus, optamos por utilizar nesta dissertação a versão vulgarizada no ocidente, através da *Legenda Áurea*, do texto grego atribuído a São João Evangelista (ANEXO I). Esta escolha deve-se ao fato deste relato ter servido de inspiração para a elaboração das representações bizantinas da *Koimesis*⁵², à qual a iconografia dormicionista do ocidente é devedora.

De acordo com o teólogo Michael Schmaus, o modo como ocorreu a assunção corporal de Maria trata-se de um mistério, pois a definição deste dogma mariano, expressa através da Encíclica *Munificentissimus Deus*, proclamada em 1950 pelo Papa Pio XII, nada esclarece a respeito do processo do falecimento e transladação do corpo da Bem-aventurada aos céus. O autor mencionado explica que as narrativas apócrifas nunca foram legitimadas pelo Magistério Eclesiástico, embora tenham sido largamente utilizadas pelos artistas na composição das cenas referentes ao “Trânsito” da Virgem. Portanto, mesmo não correspondendo à santa doutrina, a iconografia dormicionista e assuncionista foi incorporada ao culto cristão-católico porque contribuía para tornar palpável aos fiéis o mistério da fé.⁵³

⁵² Termo grego que designa a dormição de Maria. Cf. nota nº 8.

⁵³ SCHMAUS, Michael. La Virgen Maria. In: _____. *Teologia Dogmatica*. Madrid: Ediciones Rialp S. A, 1963. v. 8. § 7. p. 250-51.

Desde o cristianismo das primeiras centúrias a imagem foi usada como estratégica pedagógica para a evangelização de povos de diferentes tradições lingüísticas e religiosas. As representações imagéticas possuem uma linguagem tangível que levam o homem à transcendência. O símbolo tem a capacidade de unir o visível ao invisível, o empírico ao ideal, criando unidade entre a realidade concreta e a abstrata através de um objeto palpável.

São Boaventura, por volta de 1260, justificando a veneração de ícones religiosos e evocando as definições do II Concílio de Nicéia, realizado em 787, escreveu:

As imagens não foram introduzidas na Igreja sem causa razoável. Elas derivam de três causas: a incultura dos simples, a frouxidão dos afetos e a impermanência da memória. Elas foram inventadas em razão da incultura dos simples, que não podendo ler o texto escrito utilizam as esculturas e pinturas como se fossem livros para se instruir nos mistérios de nossa fé. Da mesma forma, elas foram introduzidas em função da frouxidão dos afetos para que aqueles cuja devoção não é estimulada pelos gestos do Cristo recebidos por intermédio dos ouvidos sejam provocados pela contemplação dos olhos do corpo em sua presença nas esculturas e pinturas, já que na realidade o que se vê estimula mais os afetos do que o que se ouve... Finalmente por causa da impermanência da memória, já que o que se ouve é mais facilmente esquecido do que o que se vê... Assim, por um dom divino, as imagens foram executadas nas Igrejas para que vendo-as nos lembremos das graças que recebemos e das obras virtuosas dos santos.⁵⁴ (*sic*)

No século XVI, o Concílio de Trento, durante a vigésima quinta sessão realizada em 3 e 4 de dezembro de 1563, reiterou as resoluções de Nicéia (787), esclarecendo a função das imagens.

Posicionando-se contra as críticas iconoclastas, os Bispos de Roma estabeleceram:

Igualmente, que deben tenerse y conservarse, señaladamente en los templos, las imágenes de Cristo, de la Virgen Madre de Dios y de los otros Santos y tributárseles el debido honor y veneración, no porque se crea hay en ellas alguna divinidad o virtud, por la que haya de dárselles culto, o que haya de pedírseles algo a ellas, o que haya de ponerse la confianza en las imágenes, como antiguamente hacían los gentiles, que colocaban su esperanza en los ídolos [cf. Ps. 134, 15 ss]; sino porque el honor que se les tributa, se refiere a los originales que ellas representan; de manera que por medio de las imágenes que besamos y ante las cuales descubrimos nuestra cabeza y nos prosternamos, adoramos a Cristo y veneramos a los Santos, cuya semejanza ostentan aquéllas. Cosa que fue sancionada por los decretos de los Concilios, y particularmente por los del segundo Concilio Niceno, contra los opugnadores de las imágenes.⁵⁵ (*sic*)

⁵⁴ Apud OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Capítulo I. In: AGUILAR, Nelson (Org.). *Mostra do Redescobrimto: arte barroca*. Fundação Bial de SP. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000. p. 38. Veja o texto do II Concílio de Nicéia em DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia: manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbres*. Barcelona: Editorial Herder, 1963. n.º 302 e segs. Título original: *Enchiridion Symbolorum*.

⁵⁵ DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia...* op. cit., n.º 986.

A utilização de representações simbólicas, portanto, “*demonstra, por parte da Igreja, a preocupação manifesta de humanização do culto cristão, no sentido de tornar próximas as formas de mediação cultural, ou a apreensão mais imediata, sensível e material dos significados atribuídos às imagens.*”⁵⁶ É neste sentido que nosso estudo analisa a iconografia do “Trânsito” da Virgem, privilegiando a função litúrgico-pedagógica em detrimento da técnica e estilo artístico empregado.

A redação apócrifa em análise possui cinco episódios principais, tendo cada um deles suscitado representações específicas. Cotejando as informações literárias com as fontes imagéticas pesquisadas examinaremos os seguintes temas: “a Segunda Anunciação”, “a navegação aérea dos discípulos”, “a Dormição”, “o cortejo fúnebre” e a “Assunção corporal da mãe de Jesus”.

2.1.1 A SEGUNDA ANUNCIAÇÃO

A narrativa popularizada no século XIII pelo dominicano Jacopo de Varazze conta que a Virgem, na antevéspera de sua morte, recebeu a visita de um mensageiro divino que a saudou dizendo: “*Bendita Maria, receba a bênção daquele que deu a salvação a Jacó. Aqui está um ramo de palmeira que trouxe do Paraíso para você, minha senhora, e que deve ser levado diante*

⁵⁶ RIBEIRO, José Manuel. Significado e função das imagens. In: Câmara Municipal de Paredes de Coura. Arciprestado de Paredes de Coura. Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Org.). *Imaginária Religiosa Barroca: Paredes de Coura 2002/2003*. Paredes de Coura: Câmara Municipal de Paredes de Coura. 2002. p. 15. Cf também. MÂLE, Émile. *L'art religieux du XVIIe siècle: Italie, France, Espagne, Flandres*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1984. 479 p.; WEISBACH, Werner. *El Barroco: Arte de la Contrarreforma*. Madrid. Espasa-Calpe S.A., 1948. 337 p.

de seu caixão, pois em três dias sairá do corpo, já que o filho espera sua reverenda mãe".⁵⁷

Ouvindo atentamente estas palavras, disse a Bem-aventurada:

Se encontrei graça diante de seus olhos, peço que se digne a revelar seu nome. Mas o que peço ainda mais insistentemente é que meus filhos e irmãos, os apóstolos, estejam reunidos junto de mim para que possa vê-los com os olhos do corpo antes de morrer, e que possa ser sepultada por eles depois que tiver entregue meu espírito ao Senhor na presença deles. Há outra coisa que desejo avidamente: que ao sair do corpo, minha alma não veja nenhum mau espírito e que nenhuma das potências de Satanás apareça nesse momento.⁵⁷

Então respondeu o anjo:

Por que, senhora, deseja saber meu nome, que é admirável e grande? Quanto aos apóstolos, virão todos e estarão reunidos junto de você, farão magníficos funerais quando de seu passamento, que acontecerá na presença deles. Aquele que outrora, em um piscar de olhos, levou pelo cabelo o profeta da Judéia até a Babilônia, certamente poderá em um instante trazer os apóstolos para perto de você. Por que você teme ver o espírito maligno, a quem destruiu inteiramente a cabeça e despojou de todo poder? Seja feita contudo a sua vontade; você não o verá.⁵⁷

Neste momento, após cumprir sua tarefa reveladora, o ser celestial retornou aos Céus.

A passagem descrita acima, conhecida como *Segunda Anunciação* ou *Anunciação ante a morte*, suscitou poucas produções iconográficas. De acordo com Louis Réau a arte cristã oriental e ocidental não privilegiou este tema por considerar sua composição muito próxima da cena do anúncio da Natividade do Redentor.⁵⁸ As imagens não deveriam causar confusão, mas facilitar a evangelização e a doutrinação dos fiéis.

Na FIG. 4, em conformidade com os relatos apócrifos, o artista italiano *Duccio di Buoninsegna* (1255-1319) representou Maria como uma mulher idosa.⁵⁹ Sentada sobre uma arca, ela escuta atentamente as palavras do anjo que lhe entrega a “palma *mortis*”, símbolo de vitória,

⁵⁷ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras 2003. p. 658. Título original: *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dicta*. Edição fac-similada.

⁵⁸ Cf. inventário temático-iconográfico feito por Louis Réau, séculos XII a XVI. RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento*. Traducción Daniel Alcoba. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996. p. 624. Título original: *Iconographie de l'Art Chrétien*.

⁵⁹ Segundo a Legenda Áurea a mãe do Cristo era sexagenária quando faleceu. Para Epifânio (315-403), bispo de Constantia, em Chipre, a Virgem deixou este mundo aos 72 anos, porém alguns autores bizantinos atestam que sua passagem para a eternidade se deu aos 80 anos. Cf. VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 657.; RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 627.

regeneração e imortalidade.⁶⁰ Na FIG. 5, vemos a Virgem de pé, recebendo a notícia de sua maternidade divina. Em ambas as cenas há presença de um livro aberto, sugerindo a meditação e a interiorização das Sagradas Letras, a Bem-aventurada está vestida de azul, portando véu sobre a cabeça e o ser celestial está à sua frente. Se à primeira vista podemos achar que os temas tratados são idênticos, os detalhes revelam a diferença. Na anunciação da concepção do Cristo, a mulher tem aparência jovial e o mensageiro celeste segura um bastão ao invés do ramo de palmeira.⁶¹



FIGURA 4 – Segunda Anunciação.

Painel da Maestà, Museu Opera del Duomo, Siena (Itália), 1308-1311

Fonte: <<http://www.abcgallery.com/D/duccio/duccio25.html>>. Acesso em: 09 jul. 2005.

⁶⁰ Cf. PALMA. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 680. Título original: *Dictionnaire des Symboles*.

⁶¹ Na cena da Anunciação do Nascimento do Redentor o arcanjo Gabriel pode ser representado segurando lírios, um cetro ou um bastão de mensageiro e também sem nada portar nas mãos.



FIGURA 5 – Anunciação da Natividade do Redentor
 Painel da Maestà, Galeria Nacional de Londres (Inglaterra), 1308-1311.
 Fonte: <<http://www.abcgallery.com/D/duccio/duccio34.html>>. Acesso em: 09 jul. 2005.

A iluminura realizada pelo francês *Jean Fouquet* no século XV, para o *Livro de Horas de Étienne Chevalier*, apresenta as mesmas características iconográficas descritas anteriormente (Veja a FIG. 6). Maria está vestida de azul, sobre sua cabeça há um véu e ela está ajoelhada e de mãos postas frente à Bíblia. O atributo do anjo (a “palma *mortis*”) e a idade avançada da Virgem, elementos essenciais na composição do tema da *Segunda Anunciação*, podem passar despercebidos aos olhos dos observadores menos cautelosos e daqueles que desconhecem o

conteúdo dos relatos dormicionistas ou assuncionistas, gerando dúvidas e enganos entre os não convertidos (a quem a Igreja quer alcançar), entre os neófitos e até mesmo fiéis devotos.⁶²



FIGURA 6 – Segunda Anunciação.
 Miniatura do Livro de Horas de Étienne Chevalier, 1453-1460.
 Fonte: <<http://www.abcgallery.com/F/fouquet7.html>>. Acesso em: 09 jul. 2005.

⁶² Nas localidades pesquisadas – Ouro Preto, Cachoeira do Campo, Barbacena, Mariana, São João Del Rei, Piranga, Aiuruoca, Baependi, Campanha da Princesa, Catas Altas do Mato Dentro e Sabará – não encontramos fonte imagética referente ao tema da Segunda Anunciação.

2.1.2 A NAVEGAÇÃO AÉREA DOS DISCÍPULOS

Após o episódio da *Anunciação ante mortem*, a Legenda Áurea registra a chegada milagrosa dos discípulos aos aposentos da mãe do Messias. O evangelista João, que na ocasião estava pregando em Éfeso, foi o primeiro a ser transladado por uma nuvem branca. Feliz em vê-lo, disse Maria:

João, meu filho, lembre-se das palavras do seu mestre que me confiou a você como a um filho e você a mim como a uma mãe. Eis-me chamada pelo Senhor para pagar o tributo à condição humana, separando-me de meu corpo, e peço que cuide dele, pois soube que os judeus se reuniram e disseram: “Esperemos, irmãos, o momento em que aquela que carregou Jesus sofrerá a morte, para imediatamente raptarmos seu corpo e o jogarmos ao fogo”. Quando meu corpo estiver sendo conduzido à sepultura, você mandará levar esta palma diante de meu esquife.⁶³

E João respondeu: “*Ó, quisesse Deus que todos os apóstolos, meus irmãos, estivessem aqui, a fim de poderem celebrar convenientemente suas exéquias e prestar as homenagens de que você é digna*”.⁶⁴ Neste instante, todos os discípulos foram arrebatados por nuvens dos lugares onde estavam pregando e levados até a porta do quarto da Virgem. Estupefatos e confusos, eles perguntaram: “*Por que o Senhor nos reúne aqui?*”⁶⁴ E João, revelando-os o que estava acontecendo, advertiu: “*Prestem atenção, irmãos, para que ninguém chore quando ela estiver morta, a fim de que vendo isso o povo não fique inquieto e diga: ‘Vejam como temem a morte aqueles homens que pregam aos outros a ressurreição.’*”⁶⁴

As representações imagéticas referentes ao trecho supracitado, cujo motivo foi denominado por Louis Rèau de “Navegação Aérea dos Apóstolos”, foram mais freqüentes na arte bizantina. Na Capadócia, Turquia, há afrescos que remontam à décima centúria, entretanto a

⁶³ VARAZZE, Jacopo de. Legenda Áurea... op. cit, p. 658.

⁶⁴ VARAZZE, Jacopo de. Legenda Áurea... op. cit, p. 659.

maioria dos exemplares são tardios, pois datam dos séculos XIV e XVI.⁶⁵ Por ser esta cena prenúncio da Dormição, ela sempre aparece associada ao momento da morte da Virgem.

A iconografia da transladação dos discípulos comportou variações. Podemos encontrar os amados de Cristo viajando em nuvens coletivas, como no convento de Xenophon no monte Athos (século XVI), onde duas nebulosas levam seis passageiros cada uma, ou em nuvens individuais, como nos mostra a FIG. 7.

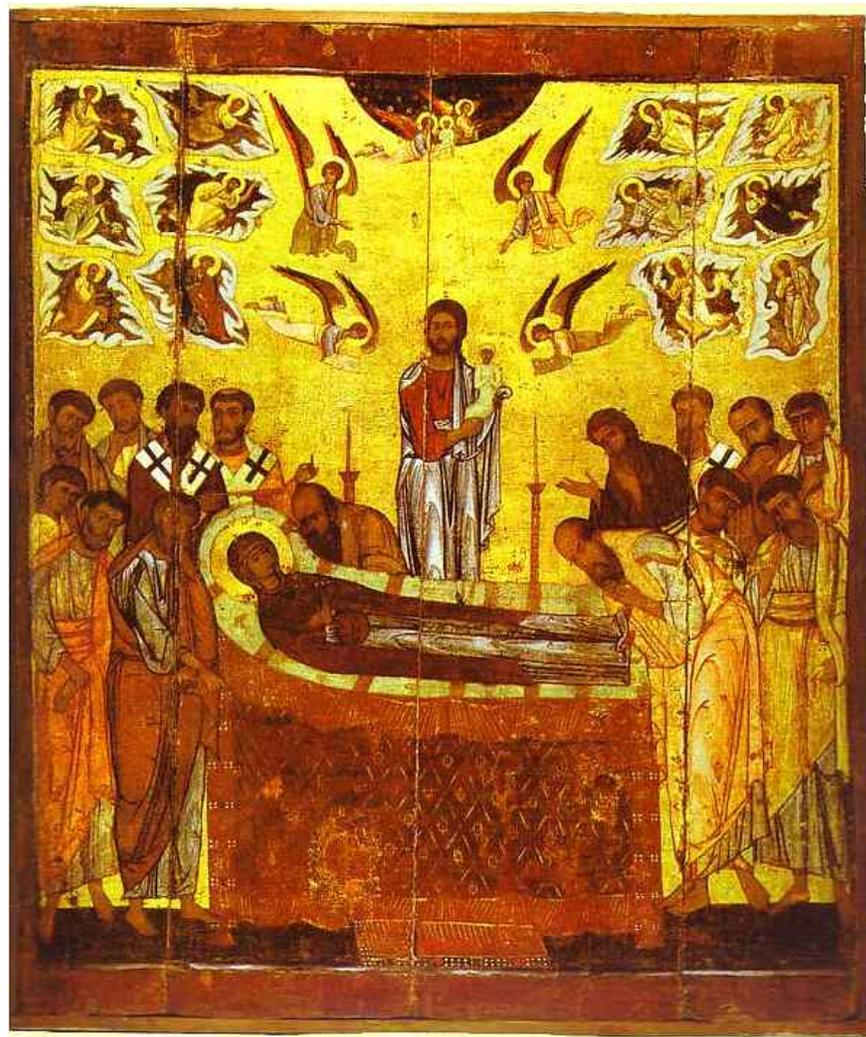


FIGURA 7 – A Dormição da Virgem
Igreja da Dormição do Desyatiny Monastério, próximo a Novgorod (Rússia); século XII.
Fonte: <<http://www.abcgallery.com/I/icons12.html>> Acesso em: 09 jul. 2005.

⁶⁵ Cf. Inventário temático-iconográfico feito por Louis Réau, séculos X a XVI. RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 625.

2.1.3 A DORMIÇÃO E A ASSUNÇÃO DA ALMA DE MARIA

De acordo com a Legenda Áurea, após a milagrosa reunião dos discípulos, “*por volta da terceira hora da noite*” Jesus desceu ao encontro de sua mãe, acompanhado dos anjos, dos patriarcas, dos mártires, do exército dos confessores e dos coros das virgens. Disse o Cristo: “*Venha, minha eleita, e eu a colocarei em meu trono porque desejo sua beleza*”.⁶⁶ Ela respondeu: “*Meu coração está preparado, Senhor, meu coração está preparado*”.⁶⁷ Os seres celestiais que seguiam Jesus proferiram as seguintes palavras: “*Aqui está quem conservou seu leito sem mácula e que por isso receberá a recompensa que cabe às almas santas*”.⁶⁸ Ela disse: “*Todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Todo-Poderoso, cujo nome é santo, fez em mim grandes coisas*”.⁶⁹ E o chantre entoou: “*Venha do Líbano, minha esposa, venha do Líbano e você será coroada*”.⁷⁰ E ela por fim respondeu: “*Aqui estou, pois está escrito no Livro da Lei que eu faria sua vontade, Deus, porque meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador*”.⁷¹ Dito isso, a alma de Maria voou em direção aos braços do filho ressuscitado (*assumptio animae*). O Senhor dirigindo-se aos apóstolos, ordenou: “*Levem o corpo da Virgem Mãe para o vale de Josafá e coloquem-no em um sepulcro novo que encontrarão ali, e esperem-me por três dias até eu voltar*”.⁷²

⁶⁶ VARAZZE, Jacopo de. Legenda Áurea... op. cit., p. 659.

⁶⁷ Ibidem, p. 659-60.

⁶⁸ Ibidem, p. 660.

⁶⁹ Ibidem, 660. O relato apócrifo faz, nesta passagem, referência a dois versículos bíblicos: Lucas 1, 48-49. Na ocasião em que Maria proferiu as palavras contidas nesta frase, ela não estava morrendo, mas visitando Isabel (mãe de João Batista).

⁷⁰ Ibidem, p. 660. Esta frase foi inspirada em uma passagem do Velho Testamento. No Livro chamado Cantares de Salomão ou Cântico dos Cânticos (4, 8) se lê: “Vem comigo do Líbano, minha esposa, vem comigo do Líbano. Olha desde o cume de Amaná, desde o cume de Senir e de Hermom, desde as moradas dos leões, desde os montes dos leopardos”.

⁷¹ Ibidem, p. 660. Esta frase foi pronunciada por Maria no momento em que visitava Isabel, antes do nascimento de Jesus. (Lucas 1, 46-47).

⁷² Ibidem, p. 660.

O culto à morte da Genitora do Verbo foi muito popular entre os cristãos do medievo, mas foi a arte bizantina que deu forma à *Koimesis*. Na tradição iconográfica oriental, Maria é representada jacente, tendo ao seu lado os apóstolos e uma multidão de adoradores. O Cristo, posicionado em pé ao lado do cadáver, segura a alma da Bem-aventurada (criança vestida ou enfaixada como múmia).⁷³ Três discípulos se destacam na cena: Pedro, que à cabeceira da cama mortuária segura um incensário, Paulo, que beija os pés da Santa, e João, que respeitosamente recosta uma de suas orelhas sobre o peito (ou sobre o leito) da Virgem. (Veja FIG. 7, 8, 9 e 10).

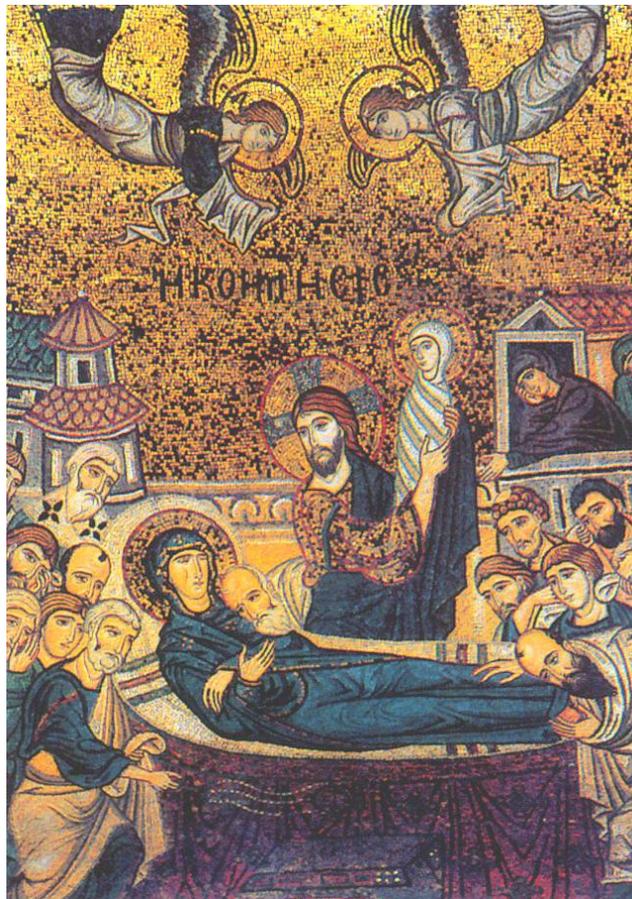


FIGURA 8 – A Dormição da Virgem (*Koimesis*).
Mosaico da Igreja da Martorana, Palermo, século XII.

Fonte: <<http://www.classicalmosaics.com/images/palmart11.jpg>> Acesso: 09 jul. 2005.

⁷³ Apesar do esquema supracitado ser o mais freqüente, podemos encontrar variações. Em algumas fontes imagéticas Jesus não se encontra no plano terrestre, mas paira no ar levando nas mãos uma pequena nuvem sobre a qual está ajoelhada a alma de sua mãe (pequena figura humana, despida de roupas e ornamentos). Cf. RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 628.



FIGURA 9 – A Dormição da Virgem (*Koimesis*).
Mosaico da Igreja de Santa Maria Maggiore, Roma (Itália), século XIII.
Fonte: BOVINI, 1996, p. 31.



FIGURA 10 – Detalhe: Pedro, Paulo e João.
Mosaico da Igreja de Santa Maria Maggiore, Roma (Itália), século XIII.
Fonte: BOVINI, 1996, p. 31.

O esquema iconográfico bizantino (supracitado), caracterizado pela organicidade e pela rígida composição cruciforme, cuja linha horizontal é definida pelo corpo de Maria e a vertical pelo Cristo, sofreu adaptações e modificações na arte ocidental. O tradicional modelo, aos poucos, cedeu lugar a novas formas e movimentos, permitindo diferentes representações do tema.

No pórtico do transepto sul da catedral gótica de Estrasburgo, o arranjo escultórico, ainda em conformidade com a simetria oriental, apresenta alterações quanto aos elementos figurativos.

O artista, nesta obra, não faz referência à corte celestial que acompanha Jesus. O turbulento carregado por Pedro foi suprimido, o apóstolo Paulo reclina-se e acaricia os pés da Virgem enquanto João, sustentando o rosto com a mão direita, fita o cadáver. No primeiro plano, uma mulher, sentada no chão à beira da cama, confere à cena a dramaticidade do luto. Trata-se, provavelmente, de uma das três virgens citadas na Legenda Áurea, que cuidaram da *toilette* fúnebre da Santa.⁷⁴ (FIG. 11)

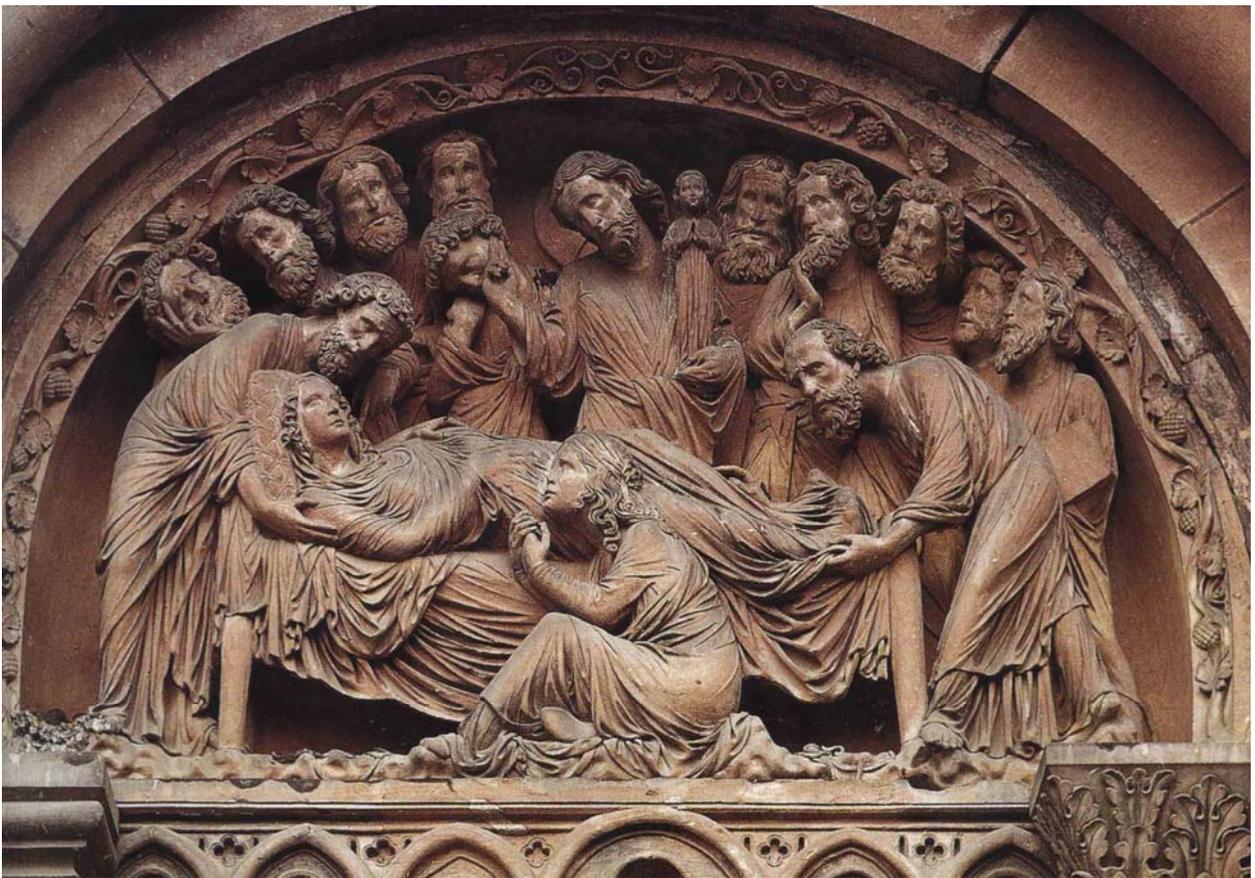


FIGURA 11 – A morte da Virgem
Pórtico do transepto sul da catedral gótica de Estrasburgo, século XIII.
Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 193.

⁷⁴ Para o historiador da arte E. H. Gombrich a mulher representada no pórtico da catedral de Estrasburgo é a Maria Madalena, mas segundo os estudos de Louis Réau trata-se de uma das duas viúvas, citadas em fontes apócrifas diferentes do relato difundido pela Legenda Áurea, que receberam de herança da amiga Maria (mãe de Jesus) dois vestidos. Cf. GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999. p. 192. Título original: *The Story of Art.*; RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 631. Para elucidar a questão – quem é a mulher sentada ao lado do leito da Virgem? – é preciso um estudo aprofundado, que permita assegurar, com certeza, qual das versões apócrifas dormicionistas foi utilizada (ou era conhecida) pelo artista.

Outra variação do tema pode ser vista na FIG. 12 (Veja também a FIG. 2). O italiano Andrea Mantegna (1431-1506), como vários artistas do quatrocentos, contrariando a tradição bizantina que sempre representou Maria morta – a alma fora do corpo, nos braços do Cristo –, pintou a cena da Dormição (1462) retratando o momento que antecede o “Trânsito”. A Virgem agonizante está em seu quarto, deitada sobre uma cama e rodeada pelos discípulos. Os papéis litúrgicos se repartem de forma diversa⁷⁵: João, em conformidade com o relato apócrifo, segura a “palma *mortis*”, André balança o incensário, Pedro, Príncipe dos apóstolos, vestido com capa, lê um livro de preces, enquanto ao seu lado um irmão sustenta a caldeirinha de água benta.

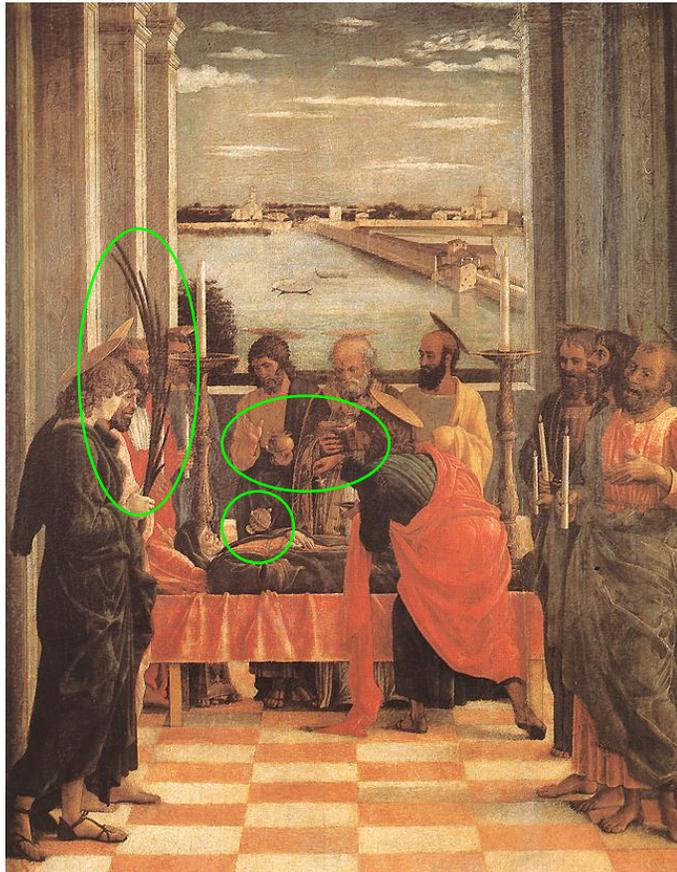


FIGURA 12 – A morte da Virgem

Andrea Mantegna, Museu del Prado, Madri (Espanha), 1462.

Fonte: <<http://www.abcgallery.com/M/mantegna/mantegna20.html>> Acesso em: 20 jul. 2005.

⁷⁵ Sobre a mudança das ações dos discípulos no tema do passamento da Virgem Cf. RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 630-31.

Inspirado na conjectura dos místicos do fim da Idade Média, que acreditavam que Maria tinha dado à luz ajoelhada, a arte alemã criou uma nova versão para a iconografia dormicionista.⁷⁶ O retábulo da Igreja de Nossa Senhora, na cidade polonesa de Cracóvia, realizado por Veit Stoss entre 1477 e 1489, mostra-nos a Virgem cercada pelos doze apóstolos. Entretanto, nesta obra, ela não foi representada jacente, mas ajoelhada em oração. No centro, sua alma é recebida pelo Cristo (*assumptio animae*) e no topo, sua coroação é efetivada pela Santíssima Trindade. (FIG. 13)



FIGURA 13 – O Trânsito da Virgem
Altar da Igreja de Nossa Senhora, Cracóvia (Polónia), século XV.
Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 280.

⁷⁶ Sobre as representações alemãs da morte da Virgem de joelhos, artistas e obras Cf. RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 629-30.

O retábulo de autoria do alemão Hans Holbein, o Velho (1460-1524), executado entre 1501 e 1502, para a Igreja dos Dominicanos em Frankfurt, apresenta-nos outra versão iconográfica sobre o destino final de Maria. Baseado na opinião de teólogos que asseguravam que a Virgem deixou este mundo sem sofrimento e que a morte a surpreendeu sentada, o artista alemão compôs, sem desprender-se da tradição antecedente, uma cena até então inusitada.⁷⁷ A Bem-aventurada, em um trono, com as mãos suavemente cruzadas sobre o peito (simbolizando a contrição e o amor a Deus), tem ao seu lado o apóstolo João, que lhe entregando um círio aceso sustenta com a mão direita um ramo de palmeira. No primeiro plano, Pedro, ajoelhado próximo ao túrbulo e à caldeira com hissopo, faz leitura de preces. Ao fundo, vemos os demais discípulos agrupados em torno da Santa manifestando diferentes reações corporais-psíquicas. (FIG. 14)



FIGURA 14 – A morte da Virgem.

Retábulo da Igreja dos Dominicanos em Frankfurt am Main (Alemanha), 1501-1502.
 Fonte: <<http://www.abcgallery.com/H/holbein/fholbein1.html>> Acesso em: 20 jul. 2005

⁷⁷ RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 630.

Embora as representações imagéticas da Dormição da Mãe de Jesus tenham variado – recostada sobre leito retratado em posição oblíqua (FIG. 2), ajoelhada (FIG.13), sentada (FIG. 14), morta (FIG. 11) ou agonizante (FIG.12) – elas não invalidaram o antigo modelo bizantino (FIG. 7, 8 e 9), ao contrário. A arte ocidental reformulou o tema da *Koimesis*, mas conservou algumas características marcantes desta tradição – a cama mortuária, a presença dos apóstolos, o uso do incensário e até mesmo o “Trânsito” da alma de Maria.

No altar de Nossa Senhora da Boa Morte, da Matriz mineira vocacionada a Nossa Senhora da Conceição, na freguesia de Antônio Dias, em Ouro Preto, vemos a Virgem jacente (imagem de roca) em um nicho que lhe serve de lugar de repouso. Ao fundo (talha em relevo), dez discípulos, portando livro de orações e caldeira de água benta com hissopo, assistem ao fim da vida terrena da Mulher “Cheia de Graça”. (FIG.15)



FIGURA 15 – Nicho do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.
Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia de Antônio Dias, Ouro Preto (Brasil), século XVIII.
Foto: Adalgisa Arantes Campos.

O coroamento do retábulo barroco supracitado reserva-nos um detalhe importante: a alma da Bem-aventurada (busto feminino) sobe aos céus em uma pequena nuvem. (FIG. 16 e 18) Portanto, nesta obra, Maria está morta (como na arte oriental) e não moribunda. A Trindade Divina espera-a na eternidade, segurando uma coroa, símbolo cristão que indica a transcendência, a salvação, a glorificação e a vitória dos justos sobre a morte.⁷⁸



FIGURA 16 – Detalhe do coroamento do altar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia de Antônio Dias, Ouro Preto (Brasil), século XVIII. Foto: Rodrigo Gomes.

Na região de Minas Gerais, os altares de Nossa Senhora da Boa Morte erigidos entre 1721 e 1822, não apresentam outra versão iconográfica além da que situa a Dormição no plano horizontal. Geralmente os retábulos congregam duas etapas do “Trânsito” da Virgem: a parte inferior é destinada ao corpo da Santa, que fica exposto em um esquife, enquanto a superior

⁷⁸ COROA. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...* op. cit., p. 289-92.

abriga imagem de Nossa Senhora da Assunção.⁷⁹ Este formato, comum nos séculos XVIII e XIX, alcançou inclusive os oratórios (FIG. 17), permitindo uma eficiente doutrinação dos fiéis – doutos ou iletrados – e evangelização dos incrédulos, à medida que oferecia uma espécie de resumo teológico da promessa do cristianismo: *os salvos terão vida eterna com Cristo*. Vida no sentido do gozo da imortalidade, o que não é o caso dos condenados ao inferno. (FIG. 18 e 19)

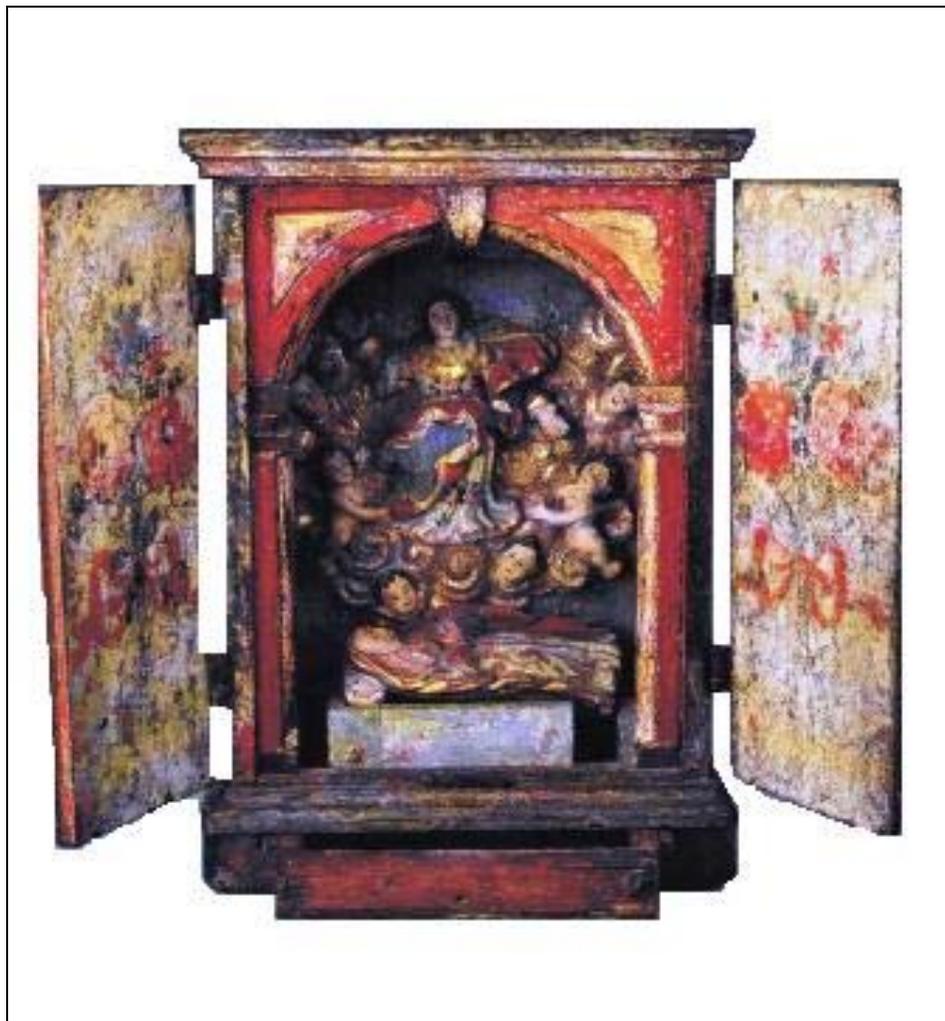


FIGURA 17 – Oratório de Esmolar
 Madeira talhada, policromada, dourada e ferro batido, século XVIII.
 Fonte: O Museu da Inconfidência, 1995, p. 102-103.

⁷⁹ Exceto o altar de Nossa Senhora da Boa Morte da Matriz de Antônio Dias, que agrega três etapas: na parte inferior a morte da Virgem, na parte superior a assunção corporal (Imagem de Nossa Senhora da Assunção) e no coroamento do altar a transladação da alma de Maria para os céus.



FIGURA 18 – Altares de Nossa Senhora da Boa Morte
 À esquerda: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, Ouro Preto.
 À direita: Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João Del Rei.
 Fotos: Adalgisa Arantes Campos e José Sandim.



FIGURA 19 – Altar da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. (detalhe)
 Matriz de Nossa Senhora do Pilar, São João Del Rei (Brasil), século XVIII.
 Foto: José Sandim

2.1.4 O CORTEJO FÚNEBRE E O PRIMEIRO MILAGRE *PÓST-MORTEM* DE MARIA

Depois que alma da Bem-aventurada subiu aos céus, Jacopo de Varazze registra que três virgens prepararam o corpo da Santa para o sepultamento. Terminada a *toilette* fúnebre, Pedro, erguendo o ataúde junto com Paulo, começou a cantar: “*Israel saiu do Egito, aleluia!*”.⁸⁰ Os outros apóstolos continuaram o canto, enquanto João, à frente do cortejo, levava a “palma *mortis*”.

Envolvida por uma névoa, remetida dos céus, a comitiva mortuária ficou oculta aos olhos humanos. Entretanto a música que cantavam chamou a atenção do povo, que se dirigiu para fora da cidade, a fim de saber o que estava acontecendo. De repente, alguém gritou: “*São os discípulos de Jesus que carregam Maria morta, em volta de quem cantam essa melodia que escutamos*”.⁸⁰ Imediatamente a multidão incrédula empunhou armas dizendo uns aos outros: “*Vamos, matemos todos os discípulos e entreguemos ao fogo o corpo que carregou aquele sedutor*”.⁸⁰ Furioso, o príncipe dos sacerdotes judeus estendeu os braços em direção ao corpo da Virgem para jogá-lo ao chão, mas suas mãos instantaneamente secaram, ficando grudadas ao féretro. Os demais revoltosos foram acometidos por uma cegueira, provocada pelos anjos que a tudo assistiam.

O príncipe dos sacerdotes, sentindo muita dor, gritou: “*São Pedro, não me abandone na tribulação em que me encontro, reze por mim ao Senhor, eu imploro, lembre-se de que certa vez eu o socorri quando você foi acusado por uma escrava*”.⁸⁰ Pedro respondeu: “*Estamos ocupados nos funerais de Nossa Senhora e não podemos curá-lo. Se você acreditar em Nosso Senhor Jesus Cristo e naquela que o gerou e o carregou, espero que você possa recuperar imediatamente a*

⁸⁰ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit, p. 661.

saúde”.⁸¹ Então, disse o judeu: “*Creio que o Senhor Jesus é realmente o Filho de Deus e que essa é sua santíssima mãe*”.⁸² Dito isso, suas mãos desprenderam-se do esquiife, mas a dor não cessou. Pedro falou: “*Beije o caixão e diga ‘Creio em Deus Jesus Cristo, que ela carregou no útero, permanecendo Virgem depois do parto’*”.⁸² Após repetir estas palavras, o príncipe dos sacerdotes ficou curado. Pedro, enfim ordenou: “*Pegue esta palma das mãos de nosso irmão João e passe-a sobre esse povo cego, e então aquele que quiser crer recuperará a visão, quem não quiser nunca mais poderá ver*”.⁸²

A iconografia do cortejo fúnebre de Maria foi comum no ocidente cristão entre os séculos XIII e XVI e apresentou poucas variações.⁸³ Os discípulos, carregando sobre os ombros uma padiola, transportam o cadáver da Virgem até o sepulcro. À frente da comitiva mortuária, em conformidade com a *Legenda Áurea*, João leva a palma advinda do Paraíso, com o intuito de afugentar o mal. Normalmente a Bem-aventurada não pode ser vista, pois se encontra em ataúde fechado, mas esta não foi uma regra seguida à risca. Na FIG. 20, podemos ver o trabalho do artista Duccio de Buoninsegna que representou o corpo da Mãe de Jesus livre de qualquer impedimento visual. No retábulo de Ternant, datado do século XV, sua face está descoberta enquanto o resto do corpo permanece oculto aos olhos dos expectadores.

O episódio do primeiro milagre *post-mortem* de Maria – a cura das mãos do sacerdote judeu – que na arte bizantina aparece associado à cena da Dormição, não foi popular no mundo ocidental, onde, apesar da infreqüência, três variantes podem ser observadas. O judeu arrependido mostra suas mãos ao apóstolo Pedro, suplicando o restabelecimento de sua saúde; o

⁸¹ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit., p. 661.

⁸² *Ibidem*, p. 662.

⁸³ Cf. Inventário temático-iconográfico feito por Louis Réau, séculos XIII a XVII. RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 635.

arcanjo Miguel, usando uma espada, mutila o profanador; as extremidades dos membros superiores do homem incrédulo ficam grudadas ao féretro.⁸⁴ (Veja FIG. 20)

Por volta de 1525, um pouco antes do Concílio de Trento (1545-63), mas no âmbito da Reforma Católica, este tema anti-semita desapareceu. Louis Réau atribui tal fato ao momento histórico da Igreja, que neste período estava mais preocupada em combater a ameaça protestante do que as heresias judaicas.



FIG. 20 – O funeral de Maria e seu primeiro milagre post-mortem.
Painel da Maestà, Museu Opera del Duomo, Siena (Itália), 1308-1311.

Fonte: <http://www.wga.hu/frames-e.html?html/d/duccio/buoninse/maesta/crown_f/> Acesso em: 20 jul. 2005.

⁸⁴ RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de la Biblia – Nuevo...* op. cit., p. 634.

O cortejo fúnebre de Maria não foi um tema recorrente em Minas Gerais. Durante esta pesquisa a representação foi encontrada apenas na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará. Infelizmente o estado de conservação do painel, que está no forro da capela-mor, datado do século XVIII e de autoria desconhecida, encontra-se bastante comprometido devido à oxidação das cores originais. Contudo, é possível observarmos que a obra pictórica não registra a cena do primeiro milagre *post-mortem*. Deitado sobre o féretro está o cadáver da Virgem. O apóstolo João leva a palma *mortis* à frente da comitiva, três discípulos sustentam e transportam o ataúde, enquanto outro traz às mãos um livro de preces ou um hinário. Quatro pessoas, no canto direito da imagem, achegam-se e integram o solene acompanhamento funéreo. Ao fundo, muito apagada, há uma paisagem urbana. (FIG. 21)



FIG. 21 – O Cortejo fúnebre de Maria
Painel do forro da capela-mor, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Sabará (Brasil) século XVIII.
Foto: Jader Barroso Neto

2.1.5 A ASSUNÇÃO CORPORAL DE MARIA

Chegando ao lugar escolhido pelo Senhor, os apóstolos, após sepultarem o cadáver da Bem-aventurada, ficaram aguardando o retorno do Mestre Jesus. Conforme havia prometido, no terceiro dia Ele veio ao encontro de seus irmãos, acompanhado por muitos anjos. Saudando a todos disse o Cristo: *“A paz esteja com vocês”*.⁸⁵ Responderam os discípulos: *“E a glória com você, Deus, que sozinho faz grandes maravilhas”*.⁸⁵ O Salvador então perguntou: *“Que graça e que honra vocês pensam que eu deva conceder agora à minha mãe?”*.⁸⁵ Eles responderam: *“Estes seus escravos, Senhor, acham justo que da mesma forma que depois de ter vencido a morte você reina eternamente, ressuscite, Jesus, o corpo de sua mãe e o coloque à sua direita por toda a eternidade”*.⁸⁵ Concordando o Senhor falou: *“Levante-se, minha mãe, minha pomba, tabernáculo de glória, vaso de vida, templo celeste, e da mesma maneira que me gerou sem coito e sem mácula, também no sepulcro manterá o corpo íntegro”*.⁸⁵ Imediatamente o cadáver de Maria saiu do túmulo, uniu-se à sua alma e foi levado aos céus na companhia de uma multidão de anjos. Tomé que na ocasião estava ausente, para não duvidar da elevação corporal da Virgem, recebeu do alto uma dádiva: a faixa que cingia a mortalha da Santa.

As representações imagéticas referentes a Assunção corpórea de Maria não têm raízes na tradição bizantina. Enquanto o oriente cristão privilegiou a Dormição e a assunção da alma da Bem-aventurada (*Koimesis*), o ocidente preferiu dar forma e cor à cena do triunfo físico da *Theotókos* sobre a efemeridade das coisas terrenas.

⁸⁵ VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea...* op. cit, p. 662.

A iconografia da entrada da Virgem no Paraíso está presente na Europa desde a oitava centúria, mas foi a partir do século XIV que este tema ganhou vulto.⁸⁶ Normalmente a Mãe de Jesus sobe aos céus, carregada por anjos, com as mãos unidas em posição de oração, enquanto os apóstolos, em torno do sepulcro vazio, vislumbram o milagre de sua glorificação corporal. Esta composição, no entanto, também apresentou variações.

O artista italiano Lippo Memmi (1317-1347) representou a Assunção de Maria suprimindo o plano terreno. A Bem-aventurada, sentada sobre uma nuvenzinha, ao som de instrumentos musicais – flautas, trombetas, bumbo e bandolim – é levada por inteligências puras ao encontro de seu Filho Divino, que a espera no alto, ladeado por santos. No topo da obra, Cristo honra sua genitora coroando-a. (FIG. 22).

O baixo-relevo em mármore, esculpido por Donatello (1386?-1466) para a tumba do cardeal Brancacci, enfatiza a cena do movimento transitório entre o mundo terrestre e o celeste. O artista não fez referência aos apóstolos em volta do túmulo vazio e nem ao Messias, ou à Trindade, esperando na eternidade. O florentino cinzelou o painel destacando no centro a serena figura da Virgem, que está assentada e com as mãos postas em sinal de oração. Um grupo angélico, enviado dos céus com a missão de transportar a “Cheia de Graça” para o Paraíso, reuni-se em torno do corpo feminino, erguendo-o e sustentando-o no ar. (FIG. 23)

O afresco realizado por Filippino Lippi (1457-1504) para a *Basílica di Santa Maria sopra Minerva*, em Roma, apresenta outra configuração: Maria não está sentada, mas de pé sobre uma nuvem, da qual pendem dois turíbulo. Erguida por três anjos e louvada por outros seis, a Bem-aventurada, com as mãos unidas, deixa a efemeridade para traz subindo em direção ao Reino de Deus. (FIG. 24)

⁸⁶ Cf. Inventário temático-iconográfico feito por Louis Réau, séculos VIII a XVII. RÉAU, Louis de. *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia*2 – Nuevo... op. cit., p. 641-42.

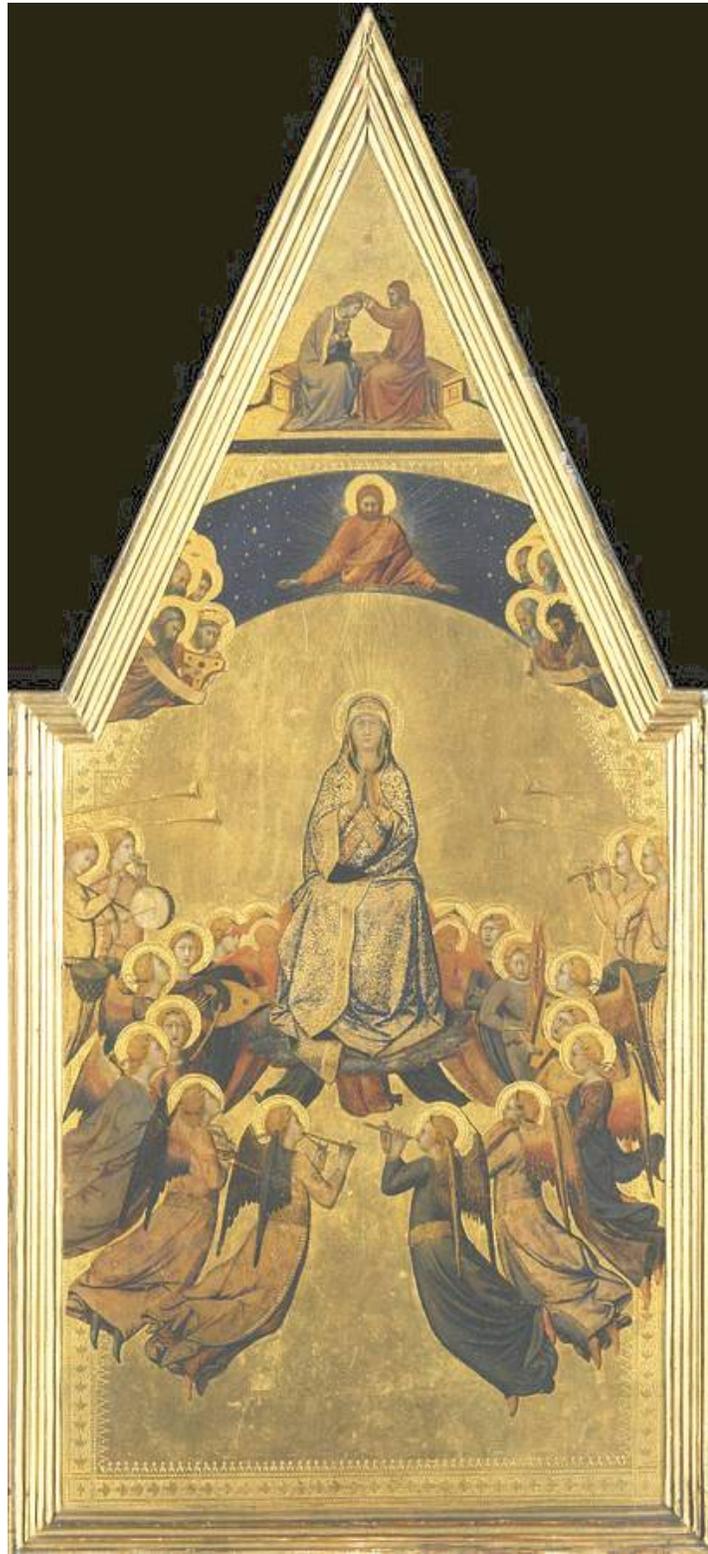


FIG. 22 – Assunção da Virgem

Lippo Memmi, Pinacoteca de Munique (Alemanha), 1340.

Fonte: <http://www.pinakothek.de/alte-pinakothek/sammlung/rundgang/rundgang_inc_em.php?inc=bild&which=9603>

Acesso em: 10 agos. 2005.



FIGURA 23 – Assunção da Virgem

Donatello, detalhe da tumba do cardeal Brancacci, S. Ângelo em Nilo, Nápoles (Itália), 1427.

Fonte: <<http://www.wga.hu/frames-e.html?html/d/donatell/1-early/3assumpt.html>> Acesso em: 20 fev. 2006.

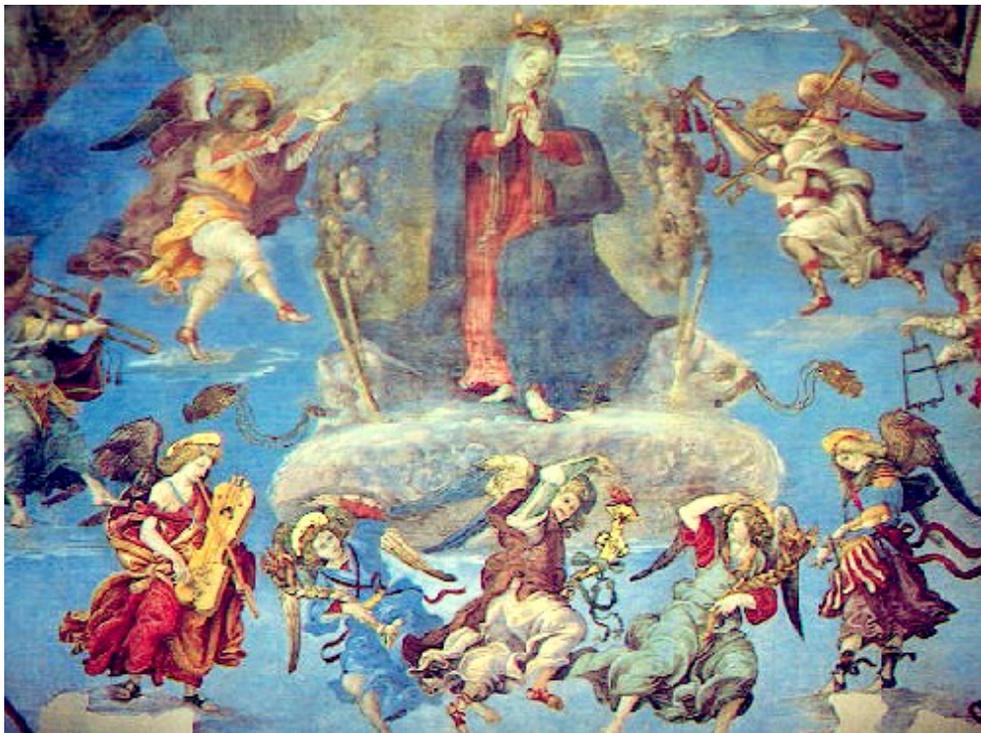


FIGURA 24 – Assunção da Virgem

Filippino Lippi, Afresco da Basílica di Santa Maria sopra Minerva, Roma (Itália), 1488-1493.

Fonte: <<http://www.ca-catholics.net/churches/rome-s-maria-sopra-minerva/06-04.jpg>> Acesso em: 10 agos. 2005.

Durante o quatrocentos, uma importante variante surgiu: a Bem-aventurada, com a fronte voltada para o alto e os braços abertos e erguidos, levita por força própria. Esta nova versão, que já não justifica o título de Assunção, mas o de Ascensão⁸⁷, consumou-se na arte italiana do século XVI. Entretanto é preciso frisar que ela não invalidou a antiga composição, mas que ambas coexistiram.

No afresco localizado na cúpula da Catedral de Parma, cujo autor é Antonio Allegri, apelidado Correggio (1489?-1534), vemos Maria adentrando o Paraíso sem ajuda alguma. Os seres celestiais, dispostos entre nebulosas, apenas assistem à subida da “Gloriosa”. (FIG. 25)



FIGURA 25 – Assunção da Virgem
Correggio, Afresco: cúpula da Catedral de Parma (Itália), 1525.
Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 338.

⁸⁷ Ascensão, do latim *ascensiōnis*, exprime a ação de subir, subida. Assunção, do latim *assumptiōnis*, significa ação de se juntar ou associar, tomada, aceitação. O termo ascensão é usado para designar a elevação do Cristo aos céus, que subiu por força própria, e o vocábulo assunção para se referir à transladação da Virgem ao Paraíso, porque seu corpo foi levado (tomado por forças externas). Cf. ASCENSIÃO; ASSUMPTIÃO. In: FARIA, Ernesto (Org.) *Dicionário Escolar Latino-Português*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. p. 103, 108.

O Italiano Guido Reni (1575-1642) e o francês Nicolas Poussin (1594-1665), no século XVII, representaram a elevação da Virgem aos céus enfatizando a intervenção dos anjos. Estas duas fontes imagéticas, entre outras do período, são a comprovação da coexistência dos temas iconográficos – Assunção e “Ascensão” de Maria – e da interação entre os elementos figurativos pertencentes a cada um deles. (Reparem as FIG. 26 e 27. Apesar das imagens expressarem o conceito da palavra assunção, o corpo da Bem-aventurada foi pintado seguindo o modelo da “ascensão mariana”: a Mulher tem os braços abertos e a cabeça votada para cima.).



FIGURA 26 – Assunção da Virgem
Guido Reni, Düsseldorf Galeria, 1642.

Fonte: <http://pinakothek.de/alte-pinakothek/sammlung/rundgang/rundgang_inc_en.php?inc=bild&which=6967>
Acesso: 20 jan. 2006.



FIGURA 27 – Assunção da Virgem
Nicolas Poussin, óleo sobre tela. Louvre, Paris (França), 1650.
Fonte: <<http://www.abcgallery.com/P/poussin/poussin76.html>> Acesso em: 20 jan. 2006.

Em Portugal a iconografia da “Ascensão” também esteve presente. A obra do lusitano André Gonçalves, datada de 1730, apresenta-nos a Mãe de Jesus sentada sobre um nimbo, subindo em direção ao Paraíso Celeste na companhia de inteligências puras. Os apóstolos, no plano terreno, circundam o jazigo vazio onde uma figura feminina está recostada. Provavelmente a referência é a mesma que aparece na cena da Dormição esculpida no tímpano da catedral gótica de Estrasburgo (Veja FIG. 11 e 28)



FIGURA 28 – A Assunção da Virgem.

André Gonçalves, Palácio Nacional de Mafra (Portugal), 1730.

Fonte: <http://www.uc.pt/artes/6spp/imagens/andre-goncalves_assuncao1.jpg> Acesso em: 10 agos. 2005

Na América Portuguesa, especificamente na região das Minas Gerais, muitos forros de templos católicos, datados entre os séculos XVIII e XIX, apresentam a cena da Assunção da Virgem, privilegiando o modelo da “Ascensão”. Essa recorrência iconográfica deve-se à circulação de gravuras impressas em missais (executadas por gravadores europeus), que serviam de inspiração aos pintores mineiros, e à influência de artistas estrangeiros – portugueses e italianos, principalmente – que pela região passaram ou fixaram residência.⁸⁸

A pintura do forro da capela-mor do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, executada por Antônio Martins da Silveira em 1782⁸⁹, mostra-nos Maria ascendendo aos céus sobre um nimbo, com os braços erguidos e a frente voltada para o alto. Um ser celestial postado ao lado direito e dois ao lado oposto, dividindo o espaço da nuvem, acompanham o “Trânsito” da Bem-aventurada, porém, sem interferir na sua elevação. Os querubins colocados nas duas extremidades superiores e no meio da margem esquerda completam o cortejo divinal. (Veja a FIG. 29)

O quadro central do forro da nave da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Rita Durão, realizado por João Batista de Figueiredo entre 1788 e 1790⁹⁰, e o da nave da Matriz de Santa Luzia, cuja datação e autoria são desconhecidas, constituem mais dois exemplos de iconografia ascensionista. A composição, dividida em dois planos: terrestre e celeste, registra o túmulo vazio e a Virgem levitando. (FIG. 30)

⁸⁸ Sobre o uso de estampas dos missais na produção artística das Minas Cf. BOHRER, Alex. Um Repertório em Reinvenção: apropriação e uso de fontes iconográficas na pintura colonial mineira. *Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, p. 297-310, maio 2005. Sobre a influência dos estrangeiros na produção artísticas das Minas Cf. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Colonial. In: ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva/Belo Horizonte Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997. p. 443-64.

⁸⁹ ANTÔNIO MARTINS DA SILVEIRA. In: MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974, v. 2. p. 247.

⁹⁰ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Colonial: ciclo Rococó In: ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva/Belo Horizonte Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997. p. 468.



FIGURA 29 – A Assunção da Virgem
Forro da capela-mor do Seminário de N.S. da Boa Morte, Mariana (Brasil), 1782.
Foto: Hércio Rocha.



FIGURA 30 – A Assunção da Virgem
Forro da nave da Matriz de Santa Luzia (Brasil), autoria desconhecida, s.d.
Fonte:

No contexto religioso das Minas do setecentos e oitocentos, as representações da Dormição, do cortejo fúnebre, da Assunção e “Ascensão” de Maria não foram constituídas de forma isolada. Conforme demonstramos, as referências literárias e artísticas do oriente e do ocidente cristão atravessaram o oceano e se fizeram presentes nas terras do Ultramar. O trânsito cultural, efetivado pela circulação de tradições orais, de livros, de estampas impressas e de artistas estrangeiros, contribuiu não só para o enriquecimento da imaginária local e desenvolvimento do culto mariano, mas também para a assimilação – pela população douta e iletrada – do conceito e modelo cristão de “bem morrer”.

3. OS “FINS ÚLTIMOS” DO HOMEM E A CONCEPÇÃO DE BOA MORTE: LITERATURA PIEDOSA, REPRESENTAÇÕES E COTIDIANO

“E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno.”
(Daniel 12, 2)

3.1 A DOCTRINA DOS NOVÍSSIMOS

O termo “novíssimos” – do latim *novíssimus* – era usado durante o período Medieval e época Moderna para designar a doutrina dos fins últimos, isto é, os remates da vida humana segundo a perspectiva das Sagradas Escrituras. Atualmente, esses ensinamentos são conhecidos como “escatologia” – denominação que tem origem na palavra grega *escháton* e que se tornou corrente entre os dogmáticos a partir do fim do século XIX.⁹¹

Os Tratados sobre os Novíssimos, especialmente os que foram escritos após o concílio de Trento (1545-1564), abordam questões doutrinárias a respeito da Morte, do Juízo Particular, dos lugares reservados às almas (Céu, Inferno e Purgatório) e do Juízo Final (consumação dos tempos).⁹² Versam, portanto, sobre os derradeiros destinos do homem, considerando o plano individual e o universal.

⁹¹ Cf. GRESHAKE, Gisbert. ESCATOLOGIA. In: LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. p. 620-625. Título original: *Dictionnaire critique de théologie*.; LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: _____. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 323-371.

⁹² O Purgatório, após ser admitido pelo Magistério Eclesiástico em 1274, foi incorporado aos ensinamentos escatológicos tornando-se freqüente na literatura sobre os Novíssimos. O mesmo ocorreu com o Juízo Particular, que embora nunca tenha sido declarado pela Igreja como um dogma de fé, está suposto ou contido nas decisões doutrinárias do II concílio de Lião (1274), de Florença (1439) e no catecismo elaborado pelo concílio de Trento. Sobre o Purgatório Cf. LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editora Estampa, 1995. 448 p Título original: *La Naissance du Purgatoire*. Sobre o Juízo Particular veja: SCHMAUS, Michael. Los Novisimos. In: _____. *Teologia Dogmatica*. Madrid: Ediciones Rialp, 1965. v. 7. § 302. p. 412-429.

De acordo com as concepções católicas, vigentes no período colonial, após o falecimento, o corpo volta ao pó (decompõe-se) e a alma comparece diante do juízo de Deus para prestar contas e receber sentença irrevogável: salvação ou danação eterna. Os justos entrarão no Paraíso, os réprobos sofrerão no Inferno e os que necessitam de expiar pecados veniais, antes de atingirem a visão beatífica, passarão pelo Purgatório. Com a segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos, consumar-se-á o Juízo Universal. Este evento porá termo à história do mundo presente e definirá, de uma vez por todas, a situação da humanidade: os bons estarão reunidos na “Nova Jerusalém” junto aos anjos e à Trindade, enquanto os maus ficarão na companhia dos demônios para sempre.

Diante disso, podemos dizer que a doutrina dos fins últimos assegura uma existência após o cessar das atividades corpóreas, entretanto não promete um futuro de felicidade plena para todos. Só gozarão da eternidade aqueles que forem salvos, porque os condenados padecerão tormentos infindáveis. Neste sentido, a morte só iguala os homens do ponto de vista biológico – todos vão morrer – porque no além os destinos serão distintos.

3.2 O JUÍZO PARTICULAR, O JUÍZO UNIVERSAL E A ARTE DO BEM MORRER

A teologia católica pós-tridentina, em continuidade com a teologia medieval, admite a existência de dois juízos: o Particular, que ocorre logo após o falecimento, e o Universal, que se efetivará com a volta gloriosa do Cristo. Segundo esta asserção escatológica, ao deixar o corpo, a alma é imediatamente examinada e sentenciada por Deus, contudo o mesmo parecer divino será novamente proferido quando o tempo da parusia chegar e o Tribunal presidido por Jesus for instaurado. Isso significa que, embora o exame seja duplo, a sentença é única, ou seja, na essência

os julgamentos são idênticos. Todavia é preciso ressaltar que no Juízo Particular a avaliação recai sobre a boa ou má vontade do homem e, no Juízo Final, o que importa é o valor das ações individuais para o transcurso da história.⁹³

Nas Sagradas Escrituras não há nenhuma referência que afirme a ocorrência do Juízo Particular. Entretanto, o teólogo Michael Schmaus pondera que este Juízo está implícito na doutrina veterotestamentária e neotestamentária da sanção, uma vez que depois da morte o estado dos justos e dos pecadores é diferente. O estudioso elenca uma série de passagens bíblicas que deram suporte a esta interpretação eclesiástica, destacando a *Parábola do rico e Lázaro* (Lc 16, 19-31) e a promessa feita por Jesus ao ladrão crucificado: “*Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.*” (Lc 23, 43).⁹⁴

Em geral, o Julgamento Individual (Particular) é aceito pelos teólogos católicos, mas há divergências de opiniões sobre sua natureza e processo. Das proposições apresentadas por Schmaus, escolhemos a que mais se identifica com o conceito expresso nas fontes analisadas nesta dissertação. Sendo assim, no exato momento em que a vida expira, a alma recebe uma efusão da luz divina e, de modo inevitável, toma consciência de seus méritos e deméritos. A onipotência e onisciência de Deus trazem à memória do homem todos os pensamentos, ações e decisões tomadas durante sua existência terrena. Sem poder apartar-se deste exame, que atinge o estrato mais íntimo do ser, a alma conhece seu destino eterno.⁹⁵

O Juízo Universal, ao contrário do Particular⁹⁶, é um dogma de fé e está atestado explicitamente em várias passagens bíblicas. As Santas Escrituras não informam a data em que este evento ocorrerá (Mc 13, 32-37), mas revelam que no “fim dos tempos” a humanidade inteira

⁹³ Cf. SCHMAUS, Michael. Los Novisimos. In: _____. *Teologia Dogmatica...* op. cit., § 302. p. 424.

⁹⁴ Ibidem, § 302. p. 413-415.

⁹⁵ SCHMAUS, Michael. Los Novisimos. In: _____. *Teologia Dogmatica...* op. cit., § 302. p. 424-429. Cf. também BETTENCOURT, Estêvão. *A vida que começa com a morte*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1955. p. 45-55.

⁹⁶ Cf. nota nº 92.

– os vivos e os mortos – serão publicamente julgados por Jesus, a quem o Pai (Deus) investiu de autoridade e honra (Jo 5, 22-27; At 10, 42). O chamado “Dia do Senhor” será precedido por grandes sinais e marcará o término, ou melhor, o cumprimento da história da criação – quando o cosmo, segundo a perspectiva doutrinária embasada na visão apocalíptica de João, será consumido e dará lugar a um “*novo Céu*” e uma “*nova Terra*” (Ap. 20, 11 e 21, 1).⁹⁷

O imaginário e a cultura devota do Declínio da Idade Média e época Moderna não consideravam o fim do mundo como uma realidade próxima e por isso a religiosidade, neste período, manteve-se estreitamente ligada à doutrina do Juízo Particular.⁹⁸ Por esta razão o ato de testar na iminência da morte foi freqüente. Através destes documentos os fiéis suplicavam a intercessão dos santos, distribuía seus bens, praticavam caridade (deixando doações para ordens religiosas, órfãos, pobres e donzelas), solicitavam expressivo número de missas em sufrágio pela sua alma e pelas do Purgatório, escolhiam a mortalha e o lugar em que queriam ser sepultados, resolviam assuntos pendentes (como o pagamento de dívidas) e emendavam erros (como o reconhecimento de filhos ilegítimos). O testamento, para além de ter função puramente

⁹⁷ II Pd 3, 10-13 também é muito significativo neste contexto. Sobre o Juízo Universal Cf. BETTENCOURT, Estêvão. *A vida que começa com a morte...* op. cit., p. 155-258.

⁹⁸ O padre Manuel Bernardes, discorrendo sobre o Juízo Universal e distinguindo-o do Particular, pauta-se na visão catastrófica do fim do mundo descrita por João no canônico livro do Apocalipse. A obra do religioso Nuno Marques Pereira, mais afinada com a mentalidade do catolicismo barroco – que não crê na iminência do Juízo Final, preocupando-se mais com o julgamento individual após a morte –, destaca a importância da conduta terrena para se alcançar a salvação. Nada de consumação dos tempos, seu discurso concentra-se no valor das ações praticadas neste mundo frente ao exame de Deus na eternidade. Cf. BERNARDES, Pe. Manuel. *Exercícios Espirituais*. In: Obras Completas do Padre Manuel Bernardes. São Paulo: Editora Anchieta, 1946. v. 7. Tomo II, Exercício IV, p. 32-213. Reprodução fac-similada da edição de 1686.; PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939. v. 2. p. 247-255. O padre Manuel Bernardes nasceu em Lisboa a 20 de agosto de 1644 e faleceu em 17 de agosto de 1710. Entre os anos 1674 e 1708, ao abrigo da Congregação do Oratório de Lisboa, escreveu extensa obra – onze títulos somando 17 tomos – voltada à vida virtuosa e aos fins últimos do homem. Sua produção literária é importante porque muito circulou pela América Portuguesa, influenciando a cultura e o imaginário devoto na Capitania das Minas. Sobre a vida e obra deste religioso Cf. SILVEIRA, Francisco Maciel. *Textos Doutrinários*: Pe Manuel Bernardes. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 1-14. O lusitano Nuno Marques Pereira, nascido em 1652 e falecido em Lisboa depois de 1733, viveu parte de seus dias na colônia americana portuguesa. Sua obra, publicada primeiramente em 1728, teve cinco edições até o ano de 1765 – dado que revela sua popularidade.

econômica, era um instrumento de fé e um meio de “bem morrer”, ou seja, de passar a consciência a limpo e estar pronto para o julgamento individual na eternidade.⁹⁹

A boa morte, nas palavras do historiador João José Reis, “*significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo, sem que ele prestasse contas aos que ficavam e também os instruisse sobre como dispor de seu cadáver, de sua alma e de seus bens terrenos.*”¹⁰⁰

Almejado e praticado (na medida do possível) pelos cristãos, desde o medievo, o “morrer bem” consistia na aceitação da vontade divina, na resignação diante do sofrimento, na entrega espiritual e na perseverança, sendo a venerada imagem da Dormição de Maria exemplo para os devotos.

Os últimos instantes da vida eram considerados primordiais para a salvação porque, não resistindo às tentações deste mundo e aos insistentes ataques do demônio, os moribundos poderiam perder a bem-aventurança celestial. Refletindo sobre esta problemática o oratoriano lisboeta Manuel Bernardes escreveu:

Que a nossa salvação depende de termos uma boa morte, é coisa certa; porque assim como quem dá a sentença entre as duas balanças, sobre qual delas pesa mais, é o ponto, que está no ápice do fiel das mesmas balanças; assim o ponto, ou momento último da nossa vida, é o que dá a sentença entre as duas eternidades, uma de pena, outra de glória, qual delas há de levar a alma.¹⁰¹ (*sic*)

A doutrina dos Novíssimos – ensinada pela Igreja através de sermões, literatura piedosa e artes visuais¹⁰² – gerou, ao longo do tempo, crenças e costumes relativos ao fim da existência

⁹⁹ Sobre o ato de testar cf. VOVELLE, Michel. *Pieté barroque et déchristianisation en Provence au XVIII^e siècle*. Paris: Editions du Seuil. 1978. p. 229-64.; MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. p. 209-228.

¹⁰⁰ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 92. A boa morte foi chamada pelo historiador Philippe Ariès de “morte domada” (mort apprivoisée). Cf. ARIÈS, Philippe. *L’homme devant la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1977. p. 13-36.

¹⁰¹ BERNARDES, Pe. Manuel. *Os Últimos Fins do Homem*. In: *Obras Completas do Padre Manuel Bernardes*. São Paulo: Anchieta, 1946. v. 9. Livro I, cap. XI, p. 171. Reprodução fac-similada da edição de 1728. (Atualizamos a grafia nesta transcrição). A respeito de outras mensagens relativas ao “bem morrer” Cf. VIEIRA, Antônio. *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1944. v. 1, p. 87-142. Reprodução fac-similada da edição de 1679.; PEREIRA, Nuno Marques. *Compendio Narrativo do Peregrino...* op. cit., v. 2. p. 236-46.

¹⁰² Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Os Novíssimos do Homem” – a Morte, o Juízo, o Inferno e o Paraíso: fontes escritas e iconografia. In: _____. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. 1994. 432 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. cap. 1, p. 12-81.

terrena. Imbuídos dos princípios escatológicos, os fiéis, na América Portuguesa, desejavam o “bem morrer” e repudiavam o contrário. Falecer sem deixar testamento, sem tempo para preparação e arrependimento *ante mortem*, sem assistência e preces de parentes, amigos, confrades e sacerdote era motivo de temor entre os cristãos, pois a possibilidade de concerto só existia para os vivos. Uma vez passado o umbral da eternidade a sorte das almas estava lançada.

Advertindo sobre esta matéria o religioso Nuno Marques Pereira redigiu o seguinte trecho:

E considerai que vos aviso agora, pois tendes tempo para o fazer; obrai muito para aplacares a indignação deste Deus ofendido, porque depois vos não falte tempo de o poderes fazer naquela tão apertada hora, entre o instante da vida, e a morte; porque já então não haverá lugar para serem admitidos vossos rogos, nem terem mais despachos as vossas súplicas, nem para vossas lágrimas perdão, nem para o vosso arrependimento misericórdia.¹⁰³ (*sic*)

No *Catecismo Romano*, elaborado pelo concílio de Trento, não há informação sobre o local onde se dá o Juízo Particular. Todavia o padre Manuel Bernardes, em seus *Exercícios Espirituais*, afirmou que o exame individual ocorre no mesmo lugar onde a morte nos colhe. Por esta razão o pio autor aconselhou: “(...) *quando te fores deitar na tua cama, não olhes para o leito como lugar de descanso de teu corpo, senão como tribunal do juízo de tua alma pois nesse leito, e nessa noite podes morrer, e ser julgado.*”¹⁰⁴ (*sic*). Esta orientação não foi uma novidade da época Moderna. No declínio da Idade Média, a literatura religiosa conhecida como *Ars Moriendi* difundiu ilustrações que mostravam moribundos vislumbrando a sentença divina em seus dormitórios (Veja FIG. 3). Tais imagens, utilizadas por missionários na evangelização dos povos desde o século XV, circularam pela América Portuguesa e Espanhola propagando os ensinamentos acerca dos “fins últimos”.¹⁰⁵

¹⁰³ PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino...* op. cit., v. 2. p. 252. (A grafia foi atualizada nesta transcrição parcial).

¹⁰⁴ BERNARDES, Pe. Manuel. *Exercícios Espirituais*. In: _____. *Obras Completas do Padre Manuel...* op. cit., Tomo II, Exercício IV, p. 15. Reprodução fac-similada da edição de 1686. (A grafia foi atualizada).

¹⁰⁵ VOVELLE, Michel. A conversão vista através das imagens: das vaidades aos fins últimos, passando pelo macabro, na iconografia do século XVII. In: _____. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997. cap. 6, p. 119-133.

O tema da *morte do justo e do pecador*, presente na cultura e no imaginário devoto do Novo Mundo, foi recorrente em Minas Gerais durante os séculos XIX e XX. Apesar das fontes imagéticas que encontramos serem datadas do oitocentos e do novecentos, isso não significa que elas foram inexistentes no período anterior. Além do mais, podemos assegurar que a deficiência iconográfica não implica na ausência ou na fragilidade de uma crença. A prática comum de testar na iminência do falecimento é prova suficiente de que a doutrina do Julgamento Individual estava interiorizada e assimilada pela população mineira do setecentos. Desta forma, compreendemos que a análise das representações inspiradas no modelo da *Ars Moriendi* e figuradas na região mineradora no espaço de tempo posterior ao delimitado por nossa pesquisa não exprime anacronismo histórico. Esclarecemos ainda que, neste caso, os recursos visuais sobre os quais nos detemos servem para elucidar a concepção de boa morte internalizada pela sociedade colonial, posto que se enquadram e exprimem perfeitamente a mentalidade do catolicismo barroco.

No Museu Regional Casa dos Otoni, localizado no Serro, há duas litogravuras cujo conteúdo expressa a tradição iconográfica proveniente do medievo (Veja FIG. 31 e 32). As estampas são de procedência francesa e outrora pertenceram à instituição serrana chamada Santa Casa de Misericórdia.¹⁰⁶

Na FIG. 31, datada do século XIX, podemos observar a “*morte do justo*”. O homem representado é magro e aparenta idade avançada, dado que nos assinala a prática penitencial do jejum e a dádiva da longevidade. Ele está deitado em leito modesto, onde recebe efusão da luz divina e contempla sua salvação. O quarto está repleto de seres celestiais que vieram ao encontro da alma eleita. No alto, à esquerda, um anjinho ladeado por querubins mostra a coroa da vida eterna, enquanto o diabo, no canto inferior direito, está com a frente voltada para o chão em posição de derrota. Ao redor do moribundo, que segura um crucifixo de madeira e possui tonsura

¹⁰⁶ IPHAN, IBMI, Minas Gerais, Serro, Museu Regional Casa dos Otoni.

sobre a cabeça (sinal de que é um religioso), destaca-se a presença de três membros da hierarquia clerical: um papa, um bispo e um pároco. Este último, com traje marrom e estola bordada, parece ministrar o sacramento da confissão. São José, considerado o patrono da boa morte, está presente na cena. O arcanjo Miguel, vestido de guerreiro (manto azul, saiote e botas cinza), empunha sua espada na direção do satã antropomorfo. Ao fundo, na parte esquerda da imagem, uma figura angélica porta o símbolo universal da justiça: a balança.



FIGURA 31 – A morte do justo.
Litogravura, acervo do Museu Regional Casa dos Otoni, Serro (Brasil), século XIX.
Foto: Júlio Martins.

A FIG. 32, datada do século XX, apresenta-nos a “*morte do pecador*”. O moribundo tem aparência robusta e jovem, informação visual que denota seu falecimento precoce. Ele está deitado em leito confortável (equipado com duplo colchão), onde, iluminado pela justiça divina, toma consciência de sua desgraça eterna. Diferente dos aposentos do justo, o quarto está repleto de seres danados. No canto esquerdo, sentado no trono e segurando um tridente, o rei do inferno

aguarda a chegada da alma perdida. Três demônios antropomorfos dominam a cena: um puxa o lençol que está sob o corpo do enfermo rumo ao mundo das trevas; o outro segura um espelho que reflete imagem de mulher jovem e ricamente ornada, seduzindo o homem a permanecer no engano das paixões efêmeras; enquanto o terceiro, movimentando o braço na direção do anjo que retorna aos céus, alegra-se com a vitória do mal. Simbolizando o apego material e o pecado da avareza, vemos ao lado da cama, sobre o móvel, uma caixinha de jóias e logo abaixo, no chão, um baú e um saco de moedas envolto por uma serpente. Tentando apartar-se da visão do Juízo, o moribundo levanta a mão direita, vira o rosto contra a luz celestial, despreza a presença do sacerdote e mira a figura feminina que está na moldura sustentada pelo diabo. Ajoelhada ao pé do leito sua esposa chora copiosamente, mas as lágrimas derramadas não podem salvar o pecador renitente.



FIGURA 32 – A morte do pecador.
Litogravura, acervo do Museu Regional Casa dos Otoni, Serro (Brasil), século XX.
Foto: Júlio Martins.

No acervo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, existe um par de telas oriundas da segunda metade do oitocentos (Veja FIG. 33 e 34). As obras, cuja autoria é desconhecida, foram doadas para a instituição ouropretana pelo Museu Arquidiocesano de Mariana.¹⁰⁷

O quadro que apresenta a “*morte do justo*” foi executado, sem sombra de dúvidas, seguindo o modelo da litogravura descrita anteriormente. O artista usou paleta de cores diferentes, acrescentou e retirou alguns elementos iconográficos, mas manteve a mesma composição imagética (Compare as FIG. 31 e 33). O moribundo está deitado, usando tonsura sobre a cabeça e segurando um crucifixo. No mesmo instante em que recebe auxílio sacerdotal, ele vislumbra seu Juízo Particular. Ao lado da cabeceira, no canto direito da tela, o diabo lamenta sua derrota, enquanto o Arcanjo Miguel vigia-o com a espada em punho. São José e os demais personagens presentes no recinto acompanham a boa morte do enfermo.



FIGURA 33 – A morte do justo.
Óleo sobre tela, acervo do Museu da Inconfidência, Ouro Preto (Brasil), século XIX.
Fonte: O Museu da Inconfidência, 1995, p. 290.

¹⁰⁷ Cf. análise pioneira das telas do Museu da Inconfidência. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro...* op. cit., p. 34-37.

Na FIG. 34 uma jovem mulher conhece o *fim último* dos pecadores renitentes. Trajando camisola decotada e exibindo corpo escultural, ela está deitada sobre cama luxuosa dotada de dossel e cortinado vermelho. Seu quarto está cheio de seres infernais. Debruçado sobre a cabeceira do leito mortuário, um demônio aponta a cena em que ocorre o Juízo Particular. Nela podemos ver o Cristo de pé sobre uma nuvem, Maria ajoelhada frente à âncora da salvação e um diabinho mostrando o livro em que foram anotados todos os pensamentos impuros, ações e decisões iníquas da ré. No primeiro plano, horrenda figura de dragão alado simboliza a luxúria e os prazeres do amor carnal. Ao lado do único anjo de luz, que com tristeza olha a moribunda, um espírito maligno segura o espelho da vaidade. O pároco, em vão, empunha um crucifixo tentando convencer a enferma a arrepender-se de seus pecados, mas esta vira-lhe o rosto em sinal de desprezo. Perto de sua mão esquerda encontra-se um baú de trastes e um saco de moedas, representando a avareza e o apego material.



FIGURA 34 – A morte do pecador.
Óleo sobre tela, acervo do Museu da Inconfidência, Ouro Preto (Brasil), século XIX.
Fonte: O Museu da Inconfidência, 1995, p. 291.

Em Sabará, na sacristia da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e em Campanha, no Museu Regional do Sul de Minas, encontramos dois conjuntos (idênticos entre si) de litogravuras datadas do século XX. A estampa da *morte do pecador* é igual àquela que compõe o acervo do Museu Regional Casa dos Otoni, localizado no Serro (Veja FIG. 32). Entretanto, a gravura da *morte do justo* é diferente das descritas anteriormente.



FIGURA 35 – A morte do justo.
Litogravura, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Sabará (Brasil), século XX.
Foto: Jader Barroso Neto.

Na FIG. 35, reproduzida acima, podemos observar um leigo visualizando o Julgamento Individual e recebendo a dádiva da salvação. Ele está deitado em seu leito, segurando crucifixo de madeira com a mão esquerda e um rosário com a destra. Postado ao lado do moribundo, um anjo aponta para a cena celeste onde a Trindade Divina aguarda a alma eleita. Ao fundo, com espada em punho, outro ser angélico expulsa do recinto o diabo derrotado. À beira da cama, sem desesperação, a esposa e os filhos do enfermo acompanham os últimos sacramentos ministrados

pelo pároco. No primeiro plano, sobre a mesinha, há um livro aberto (provavelmente a Bíblia Sagrada) e um frasco de vidro contendo o óleo da extrema-unção. No canto esquerdo do quadro, próximo ao cortinado rubro, um jovem em posição de orante (mãos unidas e cabeça reclinada) auxilia com preces o bom desfecho da vida do agonizante. A conduta do justo é admirável. Com fé, resignação e perseverança ele aceita a vontade do Criador, despede-se dos entes queridos e renuncia aos prazeres mundanos. Seu comportamento diante da morte está em perfeita conformidade com o modelo da Dormição de Maria.

A imaginária dormicionista e a iconografia proveniente da *Ars Moriendi* difundiram, de maneira pedagógica e persuasória, um padrão cristão de “bem morrer”, mas também enfatizaram a responsabilidade de cada um sobre seu próprio destino eterno. No que diz respeito a esta questão a literatura religiosa do seiscentos e do setecentos foi consensual. O Catecismo Tridentino ensinava: “*Recordemos, además, que todos los hombres habremos de comparecer dos veces delante del Señor para dar cuenta de todos y cada uno de nuestros pensamientos, palabras y acciones, y para escuchar su sentencia de Juez.*”¹⁰⁸ Manuel Bernardes, comentando as palavras do Apóstolo Paulo em Gálatas (6, 7-8), exortava: “*não nos enganemos: de Deus ninguém zomba: o que cada um semear, isso colherá: será a sua morte conforme for a sua vida.*”¹⁰⁹ A obra de Nuno Marques Pereira também advertia: “*(...) nem uma criatura racional pode escapar de ser julgada naquele Diviníssimo Tribunal, diante do Retíssimo juiz dos bens e males, que neste mundo tiver feito, até o último instante da hora da sua morte.*”¹¹⁰

¹⁰⁸ HERNANDEZ, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano*. Madrid: Editorial Católica, 1956. cap. VII, p. 174.

¹⁰⁹ BERNARDES, Pe. Manuel. *Os Últimos Fins do Homem*. In: _____. *Obras Completas do Padre Manuel...* op. cit., Livro I, cap. XII, p. 225. Reprodução fac-similada da edição de 1728. (A grafia foi atualizada).

¹¹⁰ PEREIRA, Nuno Marques. *Compendio Narrativo do Peregrino da...* op. cit., v. 2. p. 248. (Atualizamos a grafia).

3.3 A BOA MORTE E A VIVÊNCIA DO “BEM MORRER” NAS MINAS

Para alcançar a graça da redenção – objetivo de toda a cristandade – era necessário que os fiéis zelassem por uma existência virtuosa, sendo primordial a prática contínua da auto-avaliação. Os devotos deveriam resistir às tentações deste mundo, fixar os pensamentos na eternidade, arrepende-se de seus pecados e confessá-los a um sacerdote, pois só assim conseguiriam caminhar rumo à bem-aventurança celestial. O oratoriano Manuel Bernardes, em seus Exercícios Espirituais, recomendava: “(...) *aprende o modo com que podes fazer o juízo de Deus mais antecipado, e mais vagaroso que é julgando-te a ti mesmo todos os dias.*”¹¹¹ Destacando a importância da contrição e do sacramento da penitência, o pio autor insistia:

Se fores contra ti testemunha fiel não dissimulando as culpas, e testemunha veloz, não retardando a penitência, não te causará horror, mas alegria, que o Supremo Juiz seja testemunha veloz, e testemunha fiel. Porque sendo fiel, não te imputará de novo os pecados, que já perdoou, e sendo veloz, não te dilatará mais o prêmio, que já mereceste.¹¹² (*sic*)

A boa morte era sinônimo de salvação e, portanto, consequência de uma vida ilibada, ou seja, estava diretamente vinculada a uma conduta terrena pautada pela interiorização e prática dos valores ético-cristãos. Neste sentido, os justos não tinham razão para temerem um falecimento súbito, pois ainda que lhes faltassem o tempo necessário para as preparações *ante mortem* suas atitudes cotidianas e seus testemunhos pios garantiam o prêmio da redenção eterna. A justiça e a misericórdia divina jamais condenariam as almas que, enquanto estiveram unidas ao corpo, respeitaram e obedeceram aos preceitos estabelecidos nas Sagradas Escrituras. Esta concepção religiosa foi reiterada nos diversos manuais do “bem morrer”, produzidos desde o declínio da Idade Média. As orientações contidas no *Retiro Espiritual Para Hum Dia De Cada Mez*, obra

¹¹¹ BERNARDES, Pe. Manuel. *Exercícios Espirituais*. In: _____. Obras Completas do Padre Manuel... op. cit., Tomo II, Exercício IV, p. 13. Reprodução fac-similada da edição de 1686. (A grafia foi atualizada).

¹¹² *Ibidem*, loc. cit. (Atualizamos a grafia).

voltada para a meditação e preparação daqueles que desejavam uma boa morte, cuja oitava edição – “mais correta e exata” – data de 1818, reafirmavam a estreita relação entre a vida e o fim último dos justos. No trecho transcrito abaixo podemos perceber como o “bem viver” e o “bem morrer” estavam aliançados.

Considera quanto é suave o morrer para aquele, que tem vivido bem. A morte é castigo do pecado: não é, pois, propriamente falando, só as almas manchadas com o pecado, que ela deve causar aflição? E pode deixar de causar grande consolação, e alegria aqueles, que têm vivido no exercício das virtudes cristãs? Poderá deixar de morrer contente quem morre santo?

A morte dos justos é preciosa diante de Deus, diz o Profeta, ela é agradável. O que é precioso, estima-se em qualquer lugar que esteja, tem-se muito cuidado dele. Assim, ainda que os justos morram destituídos de todo o socorro humano, ainda que morram subitamente, a sua morte nunca é imprevista, Deus tem um singular cuidado dela: E como poderia deixar de ser feliz esta morte, sendo tão preciosa nos seus olhos?¹¹³ (*sic*)

Desde o medievo a Igreja foi enfática em recomendar aos fiéis que se preparassem continuamente durante a vida e que estivessem atentos aos mandamentos de Deus, porque no momento derradeiro poderia não haver tempo para contrições. Entretanto, sabemos que existe uma grande diferença entre o dever ser e o que realmente se efetiva no cotidiano.

Na Capitania das Minas, conforme observou a historiadora Adalgisa Arantes Campos, a vivência e a experiência religiosa do leigo foram marcadas, essencialmente, pelo aspecto devocional. Nada de heroísmos em nome da fé, comportamentos ilibados e práticas penitenciais excessivas. O homem do qual tratamos, cuja cultura está sedimentada historicamente na expressão barroca, “*quer se salvar, mas – salienta-se – dentro de uma perspectiva bastante aclimatada às exigências temporais.*”¹¹⁴

Na região aurífera, predominava a crença no milagre e o culto aos santos, mas também a valorização do mundo das ocupações (*status*) em detrimento da mortificação e expiação dos

¹¹³ APNSPilar, Casa dos Contos – Ouro Preto. Volume 0091, Rolo/Microfilme 005/0360-0475. *Retiro Espiritual Para Hum Dia De Cada Mez*. Obra muito útil para toda a sorte de pessoas e principalmente para aqueles que desejam segurar uma boa morte. Traduzido da Língua Francesa. Tomo I. Oitava Edição mais correta, e exata. Lisboa, na Officina de Antônio Rodrigues...1818. p. 184. (A grafia do trecho transcrito foi atualizada).

¹¹⁴ CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro...* op. cit., p. 32.

pecados em vida, a extroversão e a licenciosidade. O jejum e a continência sexual eram raramente acatados, sendo levados a efeito somente em dias de grande significação do calendário litúrgico. As obras de misericórdia eram feitas, basicamente, na iminência da morte e a participação nos diversos sacramentos, principalmente o matrimônio, era demasiadamente irregular.¹¹⁵

O cisterciense Dom Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo de Mariana e fundador do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, prestando contas à Sagrada Congregação do Concílio de Trento sobre seu governo episcopal, escreveu no ano de 1757 um relatório decenal. Na sexta sessão deste documento o benemérito prelado expôs suas observações sobre a vivência moral e religiosa nas Minas. Segundo ele:

O território desta região aurífera, a nenhum outro inferior na incontável multidão de habitantes e adventícios, sobrepuja as maiores Cidades do Orbe na torpeza diversificada dos vícios. Porquanto estende-se longe com enorme multidão de indivíduos nele dispersos e projeta-se para o alto, mais que as outras, com vértices de montes muito elevados, alicia os habitantes para os campos demasiado amplos dos vícios, precipita-os no abismo bastante profundo da ambição, atrai os mineiros para o incitamento do mal, a saber, a extração do ouro: pois que eles, envolvendo seus irmãos com inumeráveis ardis de injustiça, roubando em benefício próprio, através de demandas dolosas, os veios do ouro alheio, ensoberbecem-se com a altivez demasiado arrogante da avareza. Daí encontrarás vários de seus vizinhos iludidos e apegados aos hábitos da ambição, vaidade, soberba e aos falazes prazeres carnavais, impelindo-os talvez a estas faltas a abominável ganância do ouro. Nem digas que alguns eclesiásticos ficam imunes de se queimar nesta desonra, já que a eles, não sem motivo, pode aplicar-se aquele dito de Kolkocius: Procuram Libras não livros, obedecem às moedas, não às monições, ajudam alguém com preço, não com prece. Inclinados por demais a estes vícios, no entanto, torna-os grandemente merecedores de um único louvor a copiosa liberalidade para com os Santos, graças à qual rios de ouro são destinados a promover o esplendor de todas as Igrejas.¹¹⁶ (*sic*)

¹¹⁵ Sobre a irregularidade do matrimônio Cf. VILLALTA, Luiz Carlos. *A “torpeza diversificada dos vícios”*: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748-1801). 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.; FIGUEIREDO, Luciano. *Barrocas famílias*: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997. 198p. É preciso ressaltar que a simplificação da experiência religiosa e da conduta moral não foi uma particularidade vivida na Capitania das Minas. De maneira geral, as sociedades cristãs da Idade Moderna compartilhavam do mesmo padrão comportamental: só se preocupavam com o destino de suas almas na iminência da morte. Cf. D’ARAÚJO, Ana Cristina. *A morte em Lisboa*: atitudes e representações 1700-1830. Lisboa: Editorial Notícias, 1997. MORAES, Douglas Batista. *Bem nascer, bem viver, bem morrer*: administração dos sacramentos da Igreja em Pernambuco (1650 à 1790). 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.; ROLDÁN, Francisco Núñez. *La vida cotidiana en la Sevilla del Siglo de Oro*. Madrid: Sílex, 2004. 248p.

¹¹⁶ AEAM, Relatório Decenal do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento, redigida por Dom Frei Manoel da Cruz. Mariana, 1 de julho de 1757. Língua original: Latim. Tradução de Monsenhor Flávio Cordeiro.

De acordo com a análise coeva do bispo cisterciense, a situação de sua diocese era aviltante. Na capitania sobrepujava a corrupção e a degradação dos bons costumes, sendo motivo de elogio apenas a “liberalidade para com os Santos” praticada pela população viciosa. Nem os padres resistiam aos prazeres mundanos e à concupiscência da carne.

Os católicos da região aurífera almejavam a salvação e desejavam o “bem morrer”, mas não se preocupavam em viver cotidianamente segundo as regras e preceitos da fé que professavam. Para compensarem a vida desregrada que levavam e assegurarem uma boa morte, os devotos dedicavam-se ao culto santoral com extremado apreço e pompa. Agremiando-se em associações leigas, eles honravam seus padroeiros, contribuindo materialmente para construção e decoração de templos, realização de festas, procissões e caridades. Além disso, garantiam o acompanhamento confrarial em seus funerais, sepultamento em covas internas (*ad sanctos*) e missas em sufrágio de suas almas.¹¹⁷ No momento derradeiro não dispensavam o direito de testar e o auxílio sacerdotal, sendo prática receberem ao menos um dos três sacramentos *ante mortem*, a saber: eucaristia, penitência e extrema-unção.¹¹⁸

¹¹⁷ Sobre os sepultamentos “ad sanctos” e “apud ecclesiam” Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. A Idéia do Barroco e os desígnios de uma nova mentalidade: a misericórdia através dos sepultamentos pelo amor de Deus na Paróquia do Pilar de Vila Rica (1712-1750). *Revista Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, p. 45-68, 2000.

¹¹⁸ A eucaristia consistia na comunhão. Os fiéis recebiam da mão do sacerdote o pão de trigo (Corpo de Cristo), que no caso dos doentes podia significar o último alimento espiritual antes do trânsito de suas almas – viático. Cf. VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras Do Arcebispado Da Bahia*. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720. Livro 1, Título XXIII a XXXII, nº 83-122. p.35-53.; HERNANDEZ, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano...* op. cit. cap. III. p. 436-516. A penitência consistia no arrependimento sincero e na confissão dos pecados a um sacerdote autorizado. Cf. VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras Do Arcebispado Da Bahia...* op. cit., Livro 1, Título XXXIII a XLVI, nº 123-190. p.54-80.; HERNANDEZ, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano...* op. cit. cap. IV. p. 516-591. A extrema-unção era realizada pelo sacerdote. Com óleo bento de oliva ele ungia partes do corpo do moribundo (olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos e eventualmente os pés), pedindo o perdão de Deus por todo pecado cometido através destes sentidos. Segundo as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: “*Os efeitos próprios deste sacramento são muitos, e principalmente três. O primeiro é, perdoar-nos as relíquias dos pecados, pelos quais faltava satisfazer da nossa parte, ficando por isso aliviada a alma do enfermo. O segundo é, dar muitas vezes, ou em todo, ou em parte a saúde corporal ao enfermo, quando assim convêm para bem de sua alma. O terceiro é, consolar ao enfermo, dando-lhe confiança, e esforço, para que na agonia da morte possa resistir aos assaltos do inimigo, e levar com paciência as dores da enfermidade.*” Cf. VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras Do Arcebispado Da Bahia...* op. cit., Livro 1, Título XLVII, nº 193. p. 81-82. (a grafia foi atualizada nesta transcrição); HERNANDEZ, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano...* op. cit. cap. V. p. 592-609.

Do ponto de vista estritamente doutrinal as Irmandades vocacionadas à Dormição de Maria tiveram importante função nas Minas. Ao difundirem o modelo mariano de “bem morrer”, elas enfatizaram a relevância do “bem viver”, ou seja, contribuíram para conscientizar a população (incluindo seus irmãos filiados) acerca da estreita relação entre a existência terrena e o destino eterno de cada um. A salvação era o coroamento da vida cristã e por isso não deveria ser preocupação e objetivo apenas dos moribundos. Neste sentido, o culto a Nossa Senhora da Boa Morte cooperou para a valorização do padrão de perfeição comportamental e espiritual ensinado pela Igreja. Não foi por acaso que o Bispo Dom Frei Manuel da Cruz consagrou o Seminário de Mariana – fundado por ele em 1750 – a esta invocação.¹¹⁹

¹¹⁹ Sobre o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte Cf. TRINDADE, Raymundo. *Archidiocese de Marianna: subsídios para sua história*. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1929. v. 2. p. 754-918. _____. *Breve Notícia dos Seminários de Mariana*: publicação comemorativa do Bicentenário do Seminário e Cinquentenário Sacerdotal de Dom Helvécio Gomes de Oliveira. São Paulo: Oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1953. 280p.

4. AS IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: COMPROMISSOS E SOCIABILIDADE CONFRARIAL NO TERRITÓRIO DAS MINAS (1721-1822)

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou.”
(Eclesiastes 3, 1-2)

4.1 AS IRMANDADES MINEIRAS DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

As irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte começaram a ser instituídas no primeiro quartel do século XVIII. Entre os anos 1721 e 1822, elas foram erigidas em nove localidades, a saber: Vila Rica (Ouro Preto), Arraial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira ou Arraial da Cachoeira (Cachoeira do Campo), Vila de São João Del Rei (São João Del Rei), Arraial de Guarapiranga (Piranga), Arraial da Borda do Campo (Barbacena), Arraial de Aiuruoca (Aiuruoca), Vila de Baependi (Baependi), Vila da Campanha da Princesa (Campanha) e Arraial de Catas Altas do Mato Dentro (Catas Altas).¹²⁰

Na Capitania das Minas, o culto ao “Trânsito” da Virgem não se limitou às regiões supracitadas; a imaginária dormicionista e assuncionista foi venerada em diversos sítios do território colonial mineiro – Sabará e Caeté, por exemplo, guardam excelente acervo em seus templos e museus. Ratificamos que o objetivo de nossa pesquisa é o estudo das *confrarias de*

¹²⁰ Caio César Boschi realizou levantamento exaustivo de irmandades mineiras, sob várias invocações. Entretanto, sua listagem referente às Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte encontra-se incompleta, contando apenas seis das nove que conseguimos mapear. Cf. BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986. Anexos 4 e 5, p.189 e 192

compromisso e por este motivo não incluímos, nesta análise, os *grêmios de devoção* (entidades sem estrutura administrativa reconhecida por autoridade competente).¹²¹

No mapa abaixo (FIG. 36), estão destacadas apenas as localidades onde houveram irmandades oficialmente constituídas. Observe que a influente cidade de Mariana, sede do Bispado e do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, não foi assinalada. O suporte cartográfico que usamos, apesar de corresponder à configuração do atual estado de Minas Gerais, mostra que as associações vocacionadas à Dormição de Maria concentraram-se no sul da Capitania, dividindo-se entre as antigas Comarcas de *Vila Rica* e do *Rio das Mortes* – dois importantes centros urbanos e econômicos do período analisado.¹²²



FIGURA 36 – Mapa do Estado de Minas Gerais com demarcação das antigas Comarcas.
Fonte de dados: BOSCHI, 1986, p. 206. Edição digital: Ramon Sant' Anna.

¹²¹ Sobre as diferenças entre Irmandades de compromisso (ou de obrigação) e Irmandades de devoção Cf. AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Vila Rica dos Confrades: a sociabilidade confrarial entre negros e mulatos no século XVIII*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p. 7-20.

¹²² A respeito da demarcação e configuração do território das Minas Gerais Cf. COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Cartografia da Conquista do Território das Minas*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004. p. 99-159. Sobre a estrutura e dinâmica política-econômica-cultural da Comarca de Vila Rica e da Comarca do Rio das Mortes Cf. MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira (Brasil e Portugal – 1750-1808)*. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 317 p.; PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais (1716-1789)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. 285 p.

Estabelecer com precisão a data de fundação das agremiações leigas é tarefa difícil, pois a elaboração dos compromissos nem sempre coincide com a época em que o sodalício foi organizado. Embora o mais freqüente fosse a defasagem de tempo entre os dois atos, optamos por considerar o ano de redação dos estatutos – momento em que os devotos buscavam ter a existência de suas confrarias confirmada *de jure*. Esclarecemos que a Irmandade de Vila Rica foi datada conforme a referência do Livro de Entrada de Irmãos (1721-1765), pois infelizmente não encontramos o seu Regimento¹²³. A de São João Del Rei teve o ano fixado em 1734 por causa das declarações contidas na folha dois do compromisso reformado, onde se lê:

Nós o Juiz, Escrivão, Tesoureiro, Procurador, e mais Irmãos de Mesa, que servimos o **presente ano de mil setecentos e oitenta e cinco**, nesta Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte ereta na Matriz de Nossa Senhora do Pilar desta Vila de São João Del Rei do Rio das Mortes, juntos em Mesa no Consistório da mesma, por reconhecer-mos, que o Compromisso, que até agora tem servido a esta Irmandade de diretório, para o seu governo, e regimento **aprovado tão somente pelo Ordinário há mais de cinquenta anos em que foi ereta a Irmandade**, padece pela variação do tempo, e decadência do País algumas dificuldades, e dureza na observância, e prática (...).¹²⁴ (*sic*)

Para as associações instituídas em Aiuruoca, Baependi e Campanha da Princesa mantemos a data estipulada pelo historiador Caio César Boschi.¹²⁵ As irmandades fundadas no Arraial da Cachoeira,¹²⁶ de Guarapiranga¹²⁷, da Borda do Campo¹²⁸ e de Catas Altas do Mato Dentro¹²⁹

¹²³ APM, CC: 2004, microfilme 127 (2/7), E5. Livro de assento de irmãos da Irmandade de N. Sra. da Boa Morte de Vila Rica (1721-1765). O primeiro registro data de 03/12/1721.

¹²⁴ AEDSJD, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte: Compromisso (1786), folha dois. Grifos meus. (grafia atual).

¹²⁵ BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder...* op. cit., Anexo 14, p. 221-222. Nos arquivos pesquisados não foram encontrados documentos referentes à Irmandade de Baependi e por esta razão utilizamos os dados registrados por Caio César. Para as associações de Aiuruoca e de Campanha adotamos o mesmo procedimento, pois só localizamos reformas de estatuto. AEAM, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte de Aiuruoca: Compromisso (1896); Irmandade de N. Sra. da Boa Morte de Campanha: Compromisso (1840).

¹²⁶ AEAM, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Compromisso (1731).

¹²⁷ AEAM, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte de Guarapiranga: Compromisso (1779).

¹²⁸ Esta Irmandade foi fundada em 1754, mas somente em 1782 foi oficialmente instituída. Cf. IPHAN, IBMI, Minas Gerais, Barbacena, Pasta da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena.

¹²⁹ Certamente o sodalício de Catas Altas foi erigido antes de 1822 – ano em que se uniu à Arquiconfraria de São Francisco – pois, de acordo com o compromisso, redigido na segunda década do oitocentos, as pessoas que estivessem alistadas na Irmandade de N. Sra. da Boa Morte ou na Arquiconfraria de São Francisco, ficariam, daquela data em diante (1822), automaticamente incorporadas na Irmandade e Arquiconfraria unidas. Entretanto, como não encontramos outra referência, além do estatuto supracitado, estabelecemos como data de instituição oficial o ano de 1822. AEAM, Irmandade de N. Sra. da Boa Morte e Assunção unida a Arquiconfraria de São Francisco. Catas Altas do Mato Dentro: Compromisso (1822), sexto capítulo.

foram datadas conforme o critério que explicitamos em linhas anteriores. Desta maneira, o quadro 1 nos informa o ano em que as associações leigas vocacionadas à Dormição de Maria elaboraram seus regulamentos e pleitearam o *status* jurídico – salvo os casos de Vila Rica e São João Del Rei.

QUADRO 1 – IRMANDADES DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE		
Localidade	Ano	Freguesia
Vila Rica	1721	N. Sra. da Conceição de Antônio Dias
Arraial da Cachoeira	1731	N. Sra. de Nazaré
Vila de São João Del Rei	1734	N. Sra. do Pilar
Arraial de Guarapiranga	1779	N. Sra. da Conceição
Arraial da Borda do Campo	1782	N. Sra. da Piedade
Arraial de Aiuruoca	1814	N. Sra. da Conceição
Vila de Baependi	1815	N. Sra. do Monserrate
Vila da Campanha da Princesa	1820	Santo Antônio do Rio Verde
Arraial de Catas Altas do Mato Dentro	1822	N. Sra. da Conceição

4.2 A COMPOSIÇÃO ÉTNICA, OS DEVERES E OS DIREITOS DOS CONFRADES

Na Capitania das Minas, as irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte foram compostas, mormente, por mulatos de ambos os sexos. Nos seus estatutos, em petições endereçadas à coroa, os confrades sempre se identificaram como “pardos”, embora a filiação dos membros não se restringisse a este segmento racial. O compromisso do sodalício instituído no Arraial da Cachoeira, escrito em 1731, estabelecia: “*toda a pessoa que quiser ser irmão desta Santa Irmandade fará petição ao Juiz dela o qual informando-se da geração, vida e costumes da tal pessoa, e parecendo-lhe capaz o aceitará mandando ao escrivão que faça termo (...)*” (sic).¹³⁰ O do grêmio fundado no Arraial de Guarapiranga, redigido em 1779, determinava: “*Todas as pessoas homens e mulheres pardos, assim forros como cativos se poderão assentar por Irmãos*

¹³⁰ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Compromisso (1731), folha dois. (atualizamos a grafia)

desta Irmandade, como também quaisquer pessoas assim brancas como pretas de qualquer condição e qualidade (...)” (sic).¹³¹ O da associação erigida na Vila de São João Del Rei, reformado entre 1785 e 1786, declarava: “*Para Irmãos desta Irmandade, se aceitarão todas aquelas pessoas que forem brancos, pardos legítimos, e libertos, assim homens como mulheres que por sua devoção quiserem servir à Mãe de Deus (...)*” (sic).¹³² Os estatutos e os livros de matrícula (assento de irmãos) das demais confrarias mineiras vocacionadas à Dormição de Maria nos permitem assegurar que elas também não foram agremiações exclusivas de mulatos.

Para ingressarem nas corporações religiosas de leigos e terem acesso à assistência material e espiritual que buscavam, os devotos deveriam corresponder às exigências da entidade (pré-requisitos como raça e *status* social, por exemplo) e se comprometerem a cumprir os deveres estipulados nos compromissos. De maneira geral, as obrigações dos confrades eram as seguintes: pagar a taxa de entrada, manter as anuidades em dia, acompanhar os funerais dos outros filiados, rezar pelas almas dos irmãos defuntos, zelar pelos bons costumes (leia-se: não ter comportamento vexatório) e participar dos festejos e procissões realizados em honra do orago cultuado. Em contrapartida, os direitos garantidos eram: socorro em caso de doença, viuvez ou desgraça pessoal, cortejos e enterros solenes acompanhados pela irmandade e seu respectivo capelão, sepultura em solo sagrado e missas em sufrágio da alma.

Normalmente o recebimento dos benefícios estava condicionado ao pagamento das cotas (entradas e anuais). Algumas associações eram condescendentes com a situação financeira de seus fregueses e admitiam atenuantes. Os irmãos que interrompiam ou atrasavam suas contribuições por impossibilidade material poderiam ser sufragados, mas os inadimplentes por

¹³¹ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Guarapiranga: Compromisso (1779), folha 4 verso. (atualizamos a grafia)

¹³² AEDSJDR, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei: Compromisso (1786), folha 5 verso. (atualizamos a grafia)

displícência sofreriam as conseqüências prescritas. Em outras agremiações prevalecia a racionalidade administrativa em detrimento da função caritativa. Nestas, independente da causa da dívida, os insolventes tinham os direitos cerceados.

As irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte, em geral, eram benevolentes para com os seus confrades. Nenhum dos estatutos analisados, especificamente os redigidos entre 1721 e 1822, possuía cláusula que desabonasse (em totalidade) os direitos dos inadimplentes por motivo de pobreza. O sodalício erigido no Arraial de Catas Altas do Mato Dentro, embora não se comprometesse a sufragar os irmãos devedores, permitia “por misericórdia” que eles fossem conduzidos até a sepultura no esquife da associação.¹³³ O quadro 2 nos informa o valor das taxas cobradas e o número de missas prometidas pelos grêmios devotados à Dormição de Maria.¹³⁴

QUADRO 2 - TAXAS E MISSAS				
Irmandades de N. Sra. da Boa Morte		Valores em oitava*		Número de Sufrágios
Localidade	Ano	Entrada	Anuidade	
Cachoeira	1730	1	½	8
Guarapiranga	1779	1	½	12
Borda do Campo	1782	1	½	12
São João Del Rei	1786	1 ½	½	12
Vila Rica**	Fins do séc. XVIII	1	½	8
Catas Altas	1822	1 + 1 libra de cera	½	4

¹³³ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção unida a Arquiconfraria de São Francisco. Catas Altas do Mato Dentro: Compromisso (1822), décimo primeiro capítulo.

¹³⁴ Não tivemos acesso à documentação da irmandade erigida em Baependi e por isso não a incluímos no quadro 2. Quanto às associações de Campanha da Princesa e de Aiuruoca só consultamos as reformas de compromisso, cujas datas – respectivamente 1840 e 1896 – são posteriores ao período que nos propomos a analisar. Contudo, para informar o leitor, explicitamos aqui os seguintes dados: Campanha da Princesa – entrada: mil réis; anuidade: quinhentos réis; missas em sufrágio das almas dos irmãos defuntos: 12. Aiuruoca – entrada: três mil réis; anuidade: mil réis; missas em sufrágio das almas dos irmãos defuntos: 4.

* ACC – Ouro Preto, CC: 1676, microfilme: 096. Valores que teve o ouro em diferentes tempos nesta Capitania. De acordo com este documento: de 1 de janeiro de 1700 até 31 de janeiro de 1725 a oitava valia mil e quinhentos réis; de 1 de fevereiro de 1725 até 25 de maio de 1730 valia mil e duzentos réis; de 25 de maio de 1730 até 5 de setembro de 1732 valia mil e trezentos e vinte réis; de 5 de setembro de 1732 até 30 de junho de 1735 valia mil e duzentos réis; de 30 de junho de 1735 até 30 de julho de 1751 valia mil e quinhentos réis. O último valor descrito permaneceu até o fim do século XVIII. Cf. COELHO, José João Teixeira. *Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. 301 p.

** Sobre os dados utilizados para a irmandade de Vila Rica Cf. APM, CC: 2004, microfilme 127 (2/7), E5. Livro de assento de irmãos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Vila Rica (1721-1765). AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais/ uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. 1999. 402 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 293.

Observando os dados, percebemos uma padronização entre as entradas e anuidades. A Irmandade de São João Del Rei diferenciava-se por exigir de matrícula meia oitava de ouro a mais e a de Catas Altas porque requeria uma libra de cera. Com relação aos sufrágios, notamos que a quantidade variou entre 4, 8 e 12, contudo, de acordo com as pesquisas de Marcos Magalhães de Aguiar, sabemos que estes índices estão dentro da normalidade, pois correspondem ao costume praticado pelas associações negras e mulatas erigidas em Minas Gerais durante o setecentos e o início do oitocentos.¹³⁵

O numerário arrecadado por cada entidade (quantias advindas de matrículas, anuais, mesadas, esmolas e doações testamentárias) garantia o auto-sustento individual destas, ou seja, as confrarias eram independentes entre si. O balanço positivo entre a receita e a despesa possibilitava o cumprimento responsável das obrigações e atividades litúrgicas – socorrer os filiados, sepultar e sufragar os irmãos, realizar os Ofícios Divinos, ataviar altares e imagens para as festividades, etc – como também a construção e ornamentação de capelas próprias. Das nove irmandades mapeadas apenas a da Borda do Campo (Barbacena) e a de Baependi edificaram templos, embora todas tivessem essa intenção.¹³⁶

As associações mineiras da Boa Morte, assim como as demais dedicadas a outros oragos, primavam pelas obras pio-caritativas e pela prestação de serviços funerários.¹³⁷ A agremiação

¹³⁵ AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais...* op. cit., p. 291-293.

¹³⁶ A capela de Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena foi aberta ao culto (inaugurada) em 25 de março de 1796, mesmo dia em que se entronizou a imagem da Virgem jacente. Entretanto, não correspondendo às expectativas dos irmãos, a construção primitiva cedeu lugar a outra edificação em 1816 – data que se encontra esculpida no medalhão localizado sobre a portada. A capela de Nossa Senhora da Boa Morte de Baependi foi erigida em 1815. Cf. IPHAN, IBMI, Minas Gerais, Barbacena, Pasta da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte de Barbacena.; IEPHA, Inventário/2002, caixa 09, Pasta de Baependi. A Irmandade de São João Del Rei – embora nunca tenha concretizado tal intento – em 1796, contando com mais de 400 irmãos filiados, requereu licença para construir capela própria no termo da mesma Vila. Cf. APM, AHU, caixa 142, documento 47, código 10877, microfilme 129.

¹³⁷ Cf. BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder...* op. cit., p. 150-151.; CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. 1994. 432 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. p. 29.; AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Negras Minas Gerais...* op. cit., p. 320-321.

instituída em 1731 no Arraial de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, determinava no sexto capítulo de seu compromisso: “*estando algum (irmão) enfermo será visitado pelos oficiais da Mesa e sendo tão pobre que não tenha com que se puder sustentar a Mesa o socorrerá com suas esmolas mostrando nisto a verdadeira caridade de irmãos (...)*” (sic). No que diz respeito às exéquias, assunto de grande relevância no imaginário e na cultura cristã barroca, o capítulo terceiro estabelecia:

Serão obrigados os Irmãos desta Irmandade a carregarem o Irmão defunto na tumba até a sepultura e sendo distância grande se irão revezando conforme a distância do caminho (...) e serão obrigados cada Irmão a ter sua opa branca e nas procissões e acompanhamentos irão com ela e com sua vela que também terão para isso com pena de ser riscado o que faltar sendo primeiramente admoestado três vezes.¹³⁸ (sic)

O sodalício erigido em 1779 no Arraial de Guarapiranga estipulava em seu regimento:

Esta nossa Irmandade, falecendo algum Irmão será obrigada, enquanto o corpo estiver sobre a terra, a assistir-lhe com quatro luzes, depois de amortalhado; e havendo acompanhamento, esta Irmandade o acompanhará com suas opas, luzes, e cruz, e o carregará na tumba desta Irmandade e lhe dará sepultura dentro da Igreja, e lhe mandará dizer doze missas.¹³⁹ (sic)

O grêmio de São João Del Rei, no estatuto reformado entre 1785 e 1786, ordenava:

Terá a Irmandade um esquife para conduzir os seus Irmãos que falecerem à sepultura, mandando dizer a cada um doze missas de sufrágio pela sua alma com um responso no fim de cada uma (...) e será obrigada a Irmandade acompanhar, e dar sepultura, aos seus irmãos falecidos, sendo para esse efeito avisados os Irmãos pelo Andador, que também haverá na Irmandade para o dito enterro, sendo acompanhado pelo Capelão, e os Irmãos serão obrigados a rezar cada um uma coroa de Nossa Senhora pela Alma do que falecer.¹⁴⁰ (sic)

Os compromissos redigidos no século XIX revelam que os cortejos e sepultamentos solenes (serviços funerários) permaneceram como direito dos irmãos defuntos e dever dos confrades vivos. Mesmo após as leis de secularização dos cemitérios – que proibiam enterros dentro das igrejas – as irmandades, ainda que lentamente tenham se adequadado às exigências da nova ordem,

¹³⁸ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Compromisso (1731), sexto capítulo, folha 3; terceiro capítulo, folha 2 verso. (atualizamos a grafia)

¹³⁹ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Guarapiranga: Compromisso (1779), sexto capítulo. (atualizamos a grafia)

¹⁴⁰ AEDSJDR, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei: Compromisso (1786), décimo segundo capítulo. (atualizamos a grafia)

continuaram a zelar pelos ritos de “bem morrer” e pelas exéquias de seus filiados.¹⁴¹ O regimento de 1822 da agremiação vocacionada à Nossa Senhora da Boa Morte, fundada no arraial de Catas Altas, determinava: “*No esquife da Irmandade e Arquiconfraria unidas pegarão Irmãos Confrades, e se algum Irmão Confrade quiser ser conduzido no esquife de outras Irmandades, ou o queiram seus parentes, contudo sempre será acompanhado do maior número de irmãos (...)*” (sic).¹⁴² A associação de Campanha da Princesa decretava em 1840:

Falecendo algum Irmão desta Irmandade será a mesma obrigada a acompanhar à sepultura com Cruz, para o que serão chamados os Irmãos por Campainha que tangerá o Irmão Andador incorporada nesta o Reverendo Pároco Capelão [?] Juizes levará a Vara, em sua falha o Escrivão, ou Tesoureiro, ou Procurador irão todos em boa ordem com toda a modéstia até a casa do falecido, e ali fará conduzir o corpo no seu esquife com a mesma devoção até ficar sepultado será também esta Irmandade obrigada a acompanhar as mulheres dos Irmãos e seus filhos legítimos menores até a idade de quatorze anos, e as viúvas não tomando outro estado também logrará os mesmos privilégios sem que para isso sejam obrigados [?] com esmolos alguma.¹⁴³ (sic)

Em 1896, o grêmio de Aiuruoca estabelecia:

Esta Irmandade acompanhará gratuitamente a seus Irmãos falecidos; aos cônjuges deles, e a seus filhos legítimos até vinte e um anos, enquanto estiverem sob o pátrio poder. Aos que não forem irmãos mas gozarem das regalias supracitadas poderá esta Irmandade acompanhar dando-se a esmola de oito mil réis.¹⁴⁴ (sic)

A extensão do benefício exequial às esposas e prole dos confrades da Boa Morte não foi uma particularidade do oitocentos. A irmandade do Arraial da Cachoeira, no estatuto de 1731, comprometia-se a enterrar e sufragar, com o mesmo número de missas, as mulheres dos irmãos.¹⁴⁵

¹⁴¹ Sobre as leis de secularização dos cemitérios Cf. SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. *Entre políticas públicas e tradições: o processo de criação do campo santo na cidade de Diamantina (1846-1915)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. p. 92-155.

¹⁴² AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção unida a Arquiconfraria de São Francisco. Catas Altas do Mato Dentro: Compromisso (1822), décimo segundo capítulo. (atualizamos a grafia)

¹⁴³ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Campanha: Compromisso (1840), décimo terceiro capítulo. (atualizamos a grafia)

¹⁴⁴ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Aiuruoca: Compromisso (1896), nono capítulo. (atualizamos a grafia.)

¹⁴⁵ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Compromisso (1731), quarto capítulo.

Portanto, sob a égide das corporações religiosas de leigos, os devotos sentiam-se seguros, pois contavam com a tranquilidade do assistencialismo mútuo que lhes garantia amparo em momentos de tribulação, apoio na iminência da morte, dignidade nos sepultamentos e missas na intenção de suas almas. Neste sentido, as confrarias e Ordens Terceiras desempenharam importante função *pio-social*, posto que cuidavam dos vivos e também dos mortos garantido aos seus filiados auxílio intra e extraterreno. Mesmo que as associações não fossem zelosas no cumprimento de suas obrigações materiais e espirituais – as Visitas Pastorais registraram várias irregularidades – os cristãos na América portuguesa experimentavam, através da vinculação a estas entidades, a sensação de proteção que a política metropolitana não lhes proporcionava. As características e atividades descritas acima contribuíram para a rápida disseminação e sucesso das agremiações leigas no território das Minas, onde a formação delas precedeu à instalação do aparelho burocrático e militar português.¹⁴⁶

4.3 A FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E ASSUNÇÃO

Na Capitania das Minas, as Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte festejavam o “Trânsito” da Virgem com pompa e devoção. Todos os anos, na ocasião da festa, realizavam-se novenas, matinas, missas, procissões e sermões para homenagear a padroeira. A execução anual

¹⁴⁶ Sobre a instituição das associações leigas no território das Minas, a segurança do assistencialismo mútuo e a política metropolitana Cf. BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder...* op. cit., p. 1-29. Sobre as admoestações das Visitas Pastorais Cf. TRINDADE, José da Santíssima; OLIVEIRA, Ronaldo Polito de; LIMA, Jose Arnaldo Coelho de Aguiar. *Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998 446 p. (Mineiriana. Série clássicos). CAMPOS, Adalgisa Arantes. A mentalidade religiosa do setecentos: o Curral Del Rei e as visitas pastorais. *VARIA HISTÓRIA*. Revista do Depto. de História da UFMG, Belo Horizonte, v. 18, p. 11-28, 1997. AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Cachoeira do Campo: Livro de Receita e Despesa, folhas 25 e 25 verso. Em 25 de setembro de 1753, a irmandade da Cachoeira foi advertida por não registrar as missas celebradas pelos irmãos defuntos, deixando dúvidas quanto ao cumprimento dos sufrágios.

das solenidades era obrigação de compromisso e devia ser cumprida com seriedade e esmero, afinal, a principal atividade religiosa das associações leigas era a veneração do orago. Em 1779, a agremiação de Guarapiranga determinava: *“Todos os anos se fará eleição na ante véspera, ou véspera da Festa de Nossa Senhora, havendo-a, caso que não haja Festa, sempre se fará eleição (...)” (sic)*. Entretanto, o termo de confirmação deste estatuto, datado de 1781, registrou a seguinte admoestação: *“No Capítulo Segundo se declarará, que em todos os anos haja Festa a Nossa Senhora, porque só para o fim do seu solene culto, se admite a criação desta Irmandade (...)” (sic)*.¹⁴⁷

As confrarias mineiras da Boa Morte celebravam o “Trânsito” da Virgem no dia 15 de agosto, mas algumas se comprometiam a comemorar a Dormição e a Assunção em datas distintas. A fórmula do festejo, descrita no estatuto do sodalício de São João Del Rei, prescrevia que no dia 14 do oitavo mês de cada ano, no altar da irmandade, haveria missa cantada e sermão. À tarde, os irmãos saíam em procissão, sendo o esquife, com a imagem da Senhora jacente, carregado por sacerdotes paramentados (representação do cortejo fúnebre). Retornando para a igreja, a mesma Virgem deveria ser depositada, pelos condutores do féretro, no túmulo armado no altar da confraria (representação do sepultamento). À noite, matinas seriam oficiadas. No dia subsequente haveria missa cantada e sermão com exposição do Santíssimo Sacramento no Trono da capela-mor. À tarde, em procissão solene, saíam pelas ruas o Santíssimo Sacramento e o andor com a imagem da Senhora da Assunção, sendo este último conduzido pelos irmãos.¹⁴⁸ A irmandade de Catas Altas do Mato Dentro comprometeu-se em seguir ritual semelhante, pois,

¹⁴⁷ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Guarapiranga: Compromisso (1779), folha 4 verso e folha 9. (a grafia foi atualizada).

¹⁴⁸ AEDSJDR, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei: Compromisso (1786), décimo capítulo: *Das festividades de Nossa Senhora*.

apesar de não haver detalhado a liturgia de suas cerimônias, estabeleceu como dever do Capelão celebrar a missa da Assunção e, na véspera, presidir a procissão e as matinas.¹⁴⁹

As agremiações leigas que concentravam as comemorações da padroeira em um só dia não deixavam de solenizar a festa com pompa e decoro. Os acórdãos do Livro de Posse do sodalício erigido no Arraial da Cachoeira, normalmente, ordenavam que fossem realizadas matinas, missas cantadas, procissões, sermões, exposição do Santíssimo e música. Estas atividades podiam variar de um ano para o outro dependendo da receita disponível, das doações espontâneas de devotos e das determinações dos oficiais da Mesa. O livro de Contas da irmandade da Cachoeira, anualmente, registrava gastos com a compra de cera e incenso para os festejos, pagamento de músicos, de sacerdotes convidados para officiar as cerimônias e da provisão para expor o Santíssimo Sacramento. Em 1758 esta associação, alegando decadência, celebrou na data oficial da festa apenas uma missa rezada em seu altar. Quatro anos depois, em 1763, as comemorações foram solenizadas com missa cantada, coral, sermão e exposição do Santíssimo. A partir desta época observamos uma estabilização do padrão festivo.¹⁵⁰

Embora o grêmio do Arraial da Cachoeira tenha se comprometido a comemorar o “Trânsito” de Maria todo dia 15 de agosto, observamos que, na prática, nem sempre os seus festejos ocorriam na data estabelecida. O Livro de Posse desta associação possui vários acórdãos, aprovados pelo Reverendo Vigário, nos quais as Mesas eleitas determinavam dias mais

¹⁴⁹ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção unida a Arquiconfraria de São Francisco. *Catas Altas do Mato Dentro: Compromisso* (1822), décimo quarto capítulo, sétima obrigação do capelão comissário.

¹⁵⁰ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Cachoeira do Campo: Livro de Posse. Sobre as decisões a respeito da festa da padroeira de 1758 veja folha 39. Após esta data a fonte registra eleições e posse dos oficiais da Mesa e só volta a mencionar as determinações a cerca da comemoração do “Trânsito da Virgem” em 1763, veja folha 63 verso. Cf. também, no mesmo arquivo: Livro de Receita e Despesa. Para os gastos com a festa de 1757 veja folha 35; de 1758 veja folha 36 verso; de 1761 veja folha 39; de 1763 veja folha 40. Esta fonte não obedece a uma criteriosa ordem cronológica. Muitas vezes há recuo de datas, grandes saltos de tempo nos registros, ou faltam relatórios financeiros de alguns anos. Contudo, observamos que entre 1763 e 1822 o padrão dos festejos permaneceu equilibrado, pois há registro de gastos com material para as celebrações e pagamento de sacerdotes, de músicos e da provisão para expor o Santíssimo Sacramento. Veja folhas 40-59.

convenientes para se realizar as solenidades.¹⁵¹ De acordo com a fonte supracitada, entre 1740 e 1822 a entidade rompeu 19 vezes com o costume. (Veja o QUADRO 3)

QUADRO 3 – CELEBRAÇÃO DO “TRÂNSITO” DA VIRGEM							
Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte – Arraial da Cachoeira							
Ano	Dia	Ano	Dia	Ano	Dia	Ano	Dia
1740	08/09	1767	23/08	1781	26/12	1807	07/09
1741	24/09	1768	11/09	1782	18/08	1820	10/09
1742	09/09	1772	16/08	1785	21/08	1821	09/09
1747	08/09	1774	28/10	1805	30/09	1822	24/08
1763	28/08	1779	22/08	1806	07/09	-	-

Conforme mencionamos em linhas anteriores, a agremiação instituída em São João Del Rei celebrava a Dormição e a Assunção de Maria com reverência e devoção. Tradicionalmente, entre os dias cinco e treze de agosto, ocorria a novena da Senhora da Boa Morte (ANEXO II). Este evento era oficiado por três padres devidamente paramentados e contava com a participação de todos os confrades. No dia 14 iniciavam-se as festividades propriamente ditas.¹⁵² O Livro de Contas desta sociedade religiosa, cujos registros foram feitos entre 1791 e 1809, não deixa dúvidas quanto à pompa e execução zelosa das homenagens à padroeira.¹⁵³ Em geral, compravam-se anualmente: lenha para a fogueira que era feita na véspera da festa, cera para o altar e para as tochas da procissão, incenso, atavios para andores, adornos para as imagens, alfinetes de latão e “foguetes” (barbantes e pólvora). Além destas despesas, a irmandade também pagava aos sacerdotes que celebravam as cerimônias, aos músicos que tocavam nas solenidades,

¹⁵¹ AEAM, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo: Livro de Posses, folhas 2-18; 32verso-93verso. Os acórdãos não explicitam o motivo da transferência da data das festividades. Não temos dados suficientes para saber se as outras irmandades mineiras da Boa Morte também solenizavam a festa da padroeira em dias diferentes dos que foram estabelecidos nos compromissos, mas ressaltamos que, provavelmente, esta não foi uma particularidade da agremiação do Arraial da Cachoeira.

¹⁵² Segundo a tradição oral, um escravo sineiro chamado Francisco, cuja proprietária Ana Romeira do Sacramento costumava alugar para as irmandades da cidade, criou no século XVIII um repique de sinos para a Festa da Irmandade de São João Del Rei. A musicalidade e a singeleza dos badalos, até hoje executados, parecem declarar – como o povo são-joanense diz – “dão, dem, dão, Senhora é morta num caixão”. (Agradeço ao amigo Aluizio Viegas a gentileza da informação.).

¹⁵³ AEDSJDR, Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São João Del Rei: Livro de Receita e Despesa (1791-1809) folhas 01-95verso.

aos armadores, a provisão para expor o Santíssimo, a confecção de opas novas, a fatura ou reforma de paramentos e imagens sacras, o feitiço de toalhas para o altar, entre outros. Analisando as anotações financeiras da última década do setecentos e da primeira do oitocentos, percebemos que esta associação realizava a festa do “Trânsito” da Virgem conforme a liturgia descrita em seu estatuto, pois há registros detalhados dos pagamentos referentes a todas as atividades que os festejos envolviam.

O culto ao “Trânsito” da Virgem, efetivado por todas as Irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte – e aqui nos referimos às associações de devoção e de compromisso – difundiu entre a população branca, mestiça, negra, escrava e liberta a importância do “bem morrer” e, principalmente, do “bem viver” para se alcançar a salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto ao “Trânsito” da Virgem, remotíssimo como vimos, foi oficialmente instituído na Capitania das Minas no primeiro quartel do setecentos. A iconografia dormicionista e assuncionista, como também as representações advindas da *Ars Moriendi*, contribuíram para a doutrinação dos fiéis e evangelização dos incrédulos, para a difusão do padrão cristão de “bem viver” e do modelo mariano de “bem morrer”, e para a interiorização dos ensinamentos acerca dos Novíssimos do Homem.

De acordo com a doutrina católica, vigente no período colonial, após o falecimento, a alma era imediatamente julgada e sentenciada. Os justos recebiam a graça da salvação, os réprobos eram condenados ao inferno e os que precisavam expiar pecados veniais, antes de atingirem a visão beatífica, eram destinados ao Purgatório.

A boa morte, sinônimo de redenção, estava condicionada a uma vida reta aos olhos de Deus e da religião ou, em casos extremos, à conversão e arrependimento sincero antes do último suspiro. Por esta razão, morrer sem deixar testamento, sem tempo para contrição, sem assistência sacerdotal e sem preces de amigos e parentes era motivo de temor entre os cristãos, pois a possibilidade de conserto só existia para os vivos. É neste ponto que ressaltamos o papel devocional-evangelizador das Irmandades mineiras vocacionadas à Dormição de Maria, que ensinavam e propagavam, através da veneração às imagens da Virgem jacente e assunta, a doutrina da salvação e a certeza de que os justos gozariam de uma boa morte como a da mãe de Jesus. O esforço terreno – privação dos prazeres efêmeros, mortificação da carne, expiação dos pecados em vida etc – seria eternamente recompensado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcos Magalhães de. *Vila Rica dos Confrades: a sociabilidade confrarial entre negros e mulatos no século XVIII*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. *Negras Minas Gerais: uma história da diáspora africana no Brasil Colonial*. 1999. 402 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

ARIÈS, Philippe. *L'homme devant la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

_____. *Images de l'homme devant la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

_____. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Título original: *Essais sur l'histoire de la mort em Occident*.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* São Paulo: Paulus, 1996. Título original: *Les sens caché des rites mortuaires: mourir est-il mourir?*

BETTENCOURT, Estêvão. *A vida que começa com a morte*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1955.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa: vocábulo, expressões da língua geral e científica-sinônimos*. São Paulo: Edição Saraiva, 1963. v. 1.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. 2. ed. São Paulo: Ed. Abril, 1971.

BOHRER, Alex. Um Repertório em Reinvenção: apropriação e uso de fontes iconográficas na pintura colonial mineira. *Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, maio 2005.

BONICENHA, Wallace. *Devoção e caridade: As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória*. Vitória: Multiplicidade, 2004.

BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOVER, José M; ALDAMA, José de; SOLA, Francisco de P. *La Asunción de Maria: estudio teológico histórico sobre la asunción corporal de la Virgen a los cielos*. Madrid: La Editorial Católica, 1951.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *A vivência da morte na Capitania das Minas*. 1986. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986.

_____. *A Terceira Devoção do Setecentos Mineiro: o culto a São Miguel e Almas*. 1994. 432 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. *A Morte, a mortificação e o heroísmo: o homem 'comum' e o 'santo'*. Revista do IFAC/UFOP, Ouro Preto, v. 1, 20 dez. 1996.

_____. *Irmandades e devoção no setecentos mineiro: a atuação de D. Frei Manoel da Cruz (1748-1764)*. In: XIX Simpósio Nacional de História, Caderno de Resumos. Belo Horizonte: ANPUH, 1997. p. 61.

_____. *A mentalidade religiosa do setecentos: o Curral Del Rei e as visitas pastorais*. VARIA HISTORIA-Revista do Depto. de História da UFMG, Belo Horizonte, v. 18, p. 11-28, 1997.

_____. *Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000.

_____. *A Idéia do Barroco e os desígnios de uma nova mentalidade: a misericórdia através dos sepultamentos pelo amor de Deus na Paróquia do Pilar de Vila Rica (1712-1750)*. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, 2000.

_____. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CASADO, Pilar González (Ed.). *La dormición de la Virgen: cinco relatos árabes*. Madrid: Editorial Trotta S.A., 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. Título original: *Dictionnaire des Symboles*

COELHO, José João Teixeira. *Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1944.

COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Cartografia da Conquista do Território das Minas*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004.

D'ARAÚJO, Ana Cristina. *A morte em Lisboa: atitudes e representações 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Título original: *La peur en Occident (XIV^e-XVIII^e siècles): une cité assiégée*.

DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia: manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de La Iglesia en materia de fe y costumbres*. Barcelona: Editorial Herder, 1963. p. 227. Título original: *Enchiridion Symbolorum*.

DUBY, Georges. A solidão nos séculos XI-XIII. In: _____ (Org.). *História da vida privada: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. v.2. Título original: *Histoire de la vie privée, vol. 2: De l'Europe féodale à la Renaissance*.

_____. *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999. Título original: *An 1000 an 2000. Sur les traces de nos peurs*.

ERLANDE-BRANDENBURG, Alain. *Gothic art*. New York: Harry N. Abrams, INC., Publishers, 1989.

FARIA, Ernesto (Org.) *Dicionário Escolar Latino-Português*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FIGUEIREDO, Luciano. *Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. Título original: *Nuovo Dizionario di Mariologia*.

FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1999. Título original: *The Story of Art*.

HERNANDEZ, Pedro Martin (trad., introd e notas). *Catecismo Romano*. Madrid: Editorial Católica, 1956.

LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. Título original: *Dictionnaire critique de théologie*

LANDSBERG, Paul-Louis. *Essai sur l'expérience de la mort*. Paris: Éditions du Seuil, 1951.

LANGE, Francisco C. *História da Música nas Irmandades de Vila Rica: Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias (Vol. V)*. Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1981.

LAVIN, Irving. "Bernini's Death" In: *The art bulletin*, LIV, 2.1972.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.

_____. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editora Estampa, 1995. Título original: *La Naissance du Purgatoire*.

LIMA, Newton Siqueira de Araújo. *A Irmandade e a Igreja da Boa Morte*. Barbacena: Cidade de Barbacena Gráfica e Editora, 2004.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

MÂLE, Émile. *L'art religieux du XVIIIe siècle: Italie, France, Espagne, Flandres*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1984.

MARQUES, Edmilson Barreto. A obra de Valentim Correa Pais como referencial para identificação de uma “Escola” na região de São João Del Rei e sul de Minas. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n. 2, p. 55-60, agos. 2003.

MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. v. 1 e 2.

MARTINS, Mário. *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*. Braga: Livraria Cruz, 1969. v. 1 e 2.

MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira (Brasil e Portugal – 1750-1808)*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MICHAELIS: *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIMOUNI, Simon Claude. *Dormition et Assomption de Marie: histoire des traditions anciennes*. In: KANNENGIESSER, Charles (Org.). *Théologie Historique*. Paris: Beauchesne, 1995. v. 98.

MORAES, Douglas Batista. *Bem nascer, bem viver, bem morrer: administração dos sacramentos da Igreja em Pernambuco (1650 à 1790)*. 2001. 111 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. Título original: *L'homme et la mort*.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A pintura de perspectiva em Minas Colonial. In: ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva/Belo Horizonte Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

_____. A pintura de perspectiva em Minas Colonial: ciclo Rococó In: ÁVILA, Affonso (Org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva/Belo Horizonte Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.

_____. A Imaginária Religiosa em Minas Gerais. *Barroco*, Belo Horizonte, v. 19, maio 2005.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais (1716-1789)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RAMOS, Lincoln (Org.). *Morte e Assunção de Maria: Trânsito de Maria, Livro do Descanso*. Tradução de Lincoln Ramos. 5. ed. Petrópoles: Editora Vozes, 2002. Título Original: *Liber Requiei*.

RÉAU, Louis de. *Iconografía del Arte Cristiano: Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento*. Traducción Daniel Alcoba. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996. Título original: *Iconographie de l'Art Chrétien*.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, José Manuel. Significado e função das imagens. In: Câmara Municipal de Paredes de Coura. Arciprestado de Paredes de Coura. Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Org.). *Imaginária Religiosa Barroca: Paredes de Coura 2002/2003*. Paredes de Coura: Câmara Municipal de Paredes de Coura. 2002.

ROHRBACHER, Padre. Vidas dos Santos. In: _____. *Vidas dos Santos*. São Paulo: Editora das Américas, 1959. v. 20.

ROMANO, Ruggiero; TENENTI, Alberto. *Los fundamentos del mundo moderno: edad media tardia, reforma, renacimiento*. Madrid: Ediciones Castilla, 1971.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. *Dicionário Histórico das Minas Gerais: período colonial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSARIO, Diogo do. Festas e Santos do Mez de Março. In: _____. *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas Festas*. ed. rev. e aum. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869. v. 3.

_____. Festas e Santos do Mez de Julho. In: _____. *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas Festas*. ed. rev. e aum. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1870. v. 7.

_____. Festas e Santos do Mez de Agosto. In: _____. *Flos Sanctorum ou História das vidas de Christo e sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas Festas*. ed. rev. e aum. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869. v. 8.

SCHMAUS, Michael. Los Novisimos. In: _____. *Teología Dogmática*. Madrid: Ediciones Rialp, 1965. v. 7.

_____. La Virgen Maria. In: _____. *Teología Dogmática*. Madrid: Ediciones Rialp, 1963. v. 8.

SESBOÛÉ, Bernard (Dir.). *História dos Dogmas Tomo 3: Os sinais da salvação (séculos XII-XX)*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 502-503. Título original: *Histoire des dogmes Tome III: Les signes du salut*.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *Textos Doutriniais: Pe Manuel Bernardes*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

TENENTI, Alberto. *Ars Moriendi: quelques notes sur le problème de la mort à la fin du XV^e siècle*. In: *Annales ESC*, oct/dec, 1951.

_____. *Il senso della morte e l'amore della vita nel Rinascimento*: Francia e Italia. Torino: Einaudi Editore, 1989.

TRINDADE, Jose da Santíssima; OLIVEIRA, Ronaldo Polito de; LIMA, Jose Arnaldo Coelho de Aguiar. *Visitas pastorais de Dom Frei Jose da Santíssima Trindade (1821-1825)*. Belo Horizonte: Fundação João

Pinheiro: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998. (Mineiriana. Série clássicos).

TRINDADE, Raymundo. *Archidiocese de Marianna: subsídios para sua história*. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1929. v. 2.

_____. *Breve Notícia dos Seminários de Mariana: publicação comemorativa do Bicentenário do Seminário e Cinquentenário Sacerdotal de Dom Helvécio Gomes de Oliveira*. São Paulo: Oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1953.

VERMEERSCH, A. *Méditations sur la Sainte Vierge: fêtes de Marie*. Bruges: Éditions CH Beyaert (dépôt à Paris), 1953.

VILLALTA, Luiz Carlos. *A “torpeza diversificada dos vícios”: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748-1801)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1993.

VOVELLE, Michel. *Piété barroque et déchristianisation en Provence au XVIII^e siècle*. Paris: Editions du Seuil. 1978.

_____. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WEISBACH, Werner. *El Barroco: Arte de la Contrarreforma*. Madrid. Espasa-Calpe, 1948.

FONTES IMPRESSAS:

BERNARDES, Pe. Manuel. *Exercícios Espirituais*. In: Obras Completas do Padre Manuel Bernardes. São Paulo: Editora Anchieta, 1946. v. 7. Tomo 1 e 2. Reprodução fac-similada da edição de 1686. (encontramos exemplar datado de 1784 no Museu do Livro: *Biblioteca dos Bispos Marianenses – Mariana/MG* – e no *Arquivo Paroquial de Nossa Senhora da Conceição – Ouro Preto/MG*).

_____. *Os Últimos Fins do Homem*. In: Obras Completas do Padre Manuel Bernardes. São Paulo: Anchieta, 1946. v. 9. Reprodução fac-similada da edição de 1728. (encontramos exemplar datado de 1728 no Museu do Livro: *Biblioteca dos Bispos Marianenses – Mariana/MG*)

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, v. 1 a 4; Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva. V. 5 a 8, 1712-1721. CD-ROM produzido pela UERJ.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939. v. 1 e 2.

Retiro Espiritual Para Hum Dia De Cada Mez. Obra muito útil para toda a sorte de pessoas e principalmente para aqueles que desejam segurar uma boa morte. Traduzido da Língua Francesa. Tomo I. Oitava Edição mais correta, e exata. Lisboa, na Oficina de Antônio Rodrigues... 1818. (microfilmado pela *Casa dos Contos – Ouro Preto/MG*. Volume 0091, Rolo/Microfilme 005/0360-0475. O exemplar impresso encontra-se no *Arquivo Paroquial de Nossa Senhora do Pilar – Ouro Preto/MG*).

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras 2003. Título original: *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dicta*. Edição fac-similada.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1720. .

VIEIRA, Antônio. *Sermões do Padre Antonio Vieira*. São Paulo: Anchieta, 1944. v. 1. Reprodução fac-similada da edição de 1679. (encontramos este exemplar fac-similado no Arquivo da Casa dos Contos – Ouro Preto/MG.).

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo da Casa dos Contos – Ouro Preto

CC: Volume 1676, Microfilme: 096. Valores que teve o ouro em diferentes tempos nesta Capitania.

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM)

Correspondências:

Arquivo 1/ 1ª Gaveta/ Pasta 17 - RELATÓRIO DECENAL de Dom Frei Manoel da Cruz à Santa Sé-1757. Relatório do Episcopado de Mariana para a Sagrada Congregação do Concílio de Trento. (transcrito e traduzido do latim por Mons. Flávio Carneiro Rodrigues).

Irmandades:

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Cachoeira do Campo

Prateleira AA – Nº 29: Livro de Compromisso (1731)

Prateleira AA – Nº 30: Livro de Posse (1736-1807)

Prateleira AA – Nº 31: Livro de Receita e Despesa (1730-1746)

Prateleira W – Nº 31: Livro de Assento de Irmãos (1730-1840)

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Guarapiranga

Armário 8, Prateleira 1 – Nº 23: Livro de Compromisso (1779)

Prateleira Y – Nº 02: Livro de Assento de Irmãos (1788-1808)

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Catas Altas do Mato Dentro

Prateleira G – Nº 28: Livro de Compromisso (1822-1827)

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Campanha da Princesa

Armário 14, Pasta 3848: Livro de Compromisso (1840)

Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Aiuruoca

Armário 14, Pasta 3847: Livro de Compromisso (1896)

Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João Del-Rei (AEDSJDR)

Inventário de Fontes do Acervo da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte (Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar de São João Del Rei):

Caixa 01 – Nº 06: Livro de Compromisso (1786)

Caixa 03 – Nº 21: Livro de Assento de Irmãos (1799-1839)

Caixa 03 – Nº 22: Livro de Assento de Irmãos (1811-1840)

Caixa 13 – Nº 53: Livro de Receita e Despesa (1790-1809)

Arquivo Público Mineiro (APM)

CÓDICE 19, CMM, 11-05-1753, Lisboa, p. 108, fotogramas 232-234. Trata-se de ordem de sua Majestade expedida pelo Conselho Ultramarino para informar à Câmara de Mariana a respeito do seminário a ser construído. Afirma ainda que a protetora do Seminário seria Nossa Senhora da Boa Morte.

CC: Volume: 2004, microfilme: 127 (2/7), E5. Livro de assento de irmãos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de Vila Rica (1721-1765).

AHU, caixa 142, documento 47, código 10877, microfilme 129. Requerimento dos irmãos da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sita na Igreja Matriz da Vila de São João Del Rei, do Rio das Mortes, bispado da cidade de Mariana, solicitando licença para construir a sua igreja dentro do território da mesma Vila.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Casa do Seminário Menor e Capela de Nossa Senhora da Boa Morte – Minas Gerais – Módulo II – Região de *Mariana* (V. 3) – Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI).

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte – Minas Gerais – *Barbacena* – Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI).

Museu Regional Casa do Otoni – Minas Gerais – *Serro* – Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (IBMI).

Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA)

Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte – Minas Gerais – *Baependi* – Inventário/2002. Caixa 09.

Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte – Minas Gerais – *Barbacena* – Inventário/2000. Caixa 06, Pastas 05 e 04.

ANEXO I

A ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

Relato apócrifo atribuído a São João Evangelista

Fonte: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras 2003. Título original: *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dicta*. Edição fac-similada. p. 657-681

114. A ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

L Um livro apócrifo atribuído a São João Evangelista¹ informa sobre as circunstâncias da assunção da bem-aventurada Virgem Maria. Enquanto os apóstolos percorriam as diferentes partes do mundo para pregar, a Virgem beata permaneceu, pelo que se diz, em uma casa perto de monte Sião. Enquanto viveu, visitou com grande devoção todos os locais que lhe lembravam seu filho, como os que testemunharam seu batismo, seu jejum, sua prece, sua Paixão, seu sepultamento, sua Ressurreição e sua Ascensão. Segundo Epifânio,² a bem-aventurada Virgem tinha catorze anos quando concebeu Cristo, quinze quando o pôs no mundo, viveu com ele 33 anos, sobreviveu 24 anos à morte e Ascensão de seu filho, estava com 72 quando morreu. Contudo, o que se lê em outros lugares parece mais provável: que ela sobreviveu doze anos a seu filho e era sexagenária quando de sua Assunção, pois os apóstolos levaram exatamente doze anos pregando na Judéia e nas regiões vizinhas, segundo a *HISTÓRIA ECLESIASTICA*.

Um dia em que o coração da Virgem estava fortemente abrasado de saudade de seu filho, comoveu tanto seu espírito que derramou lágrimas abundantes, e como ela não podia se consolar facilmente pela perda do filho que lhe fora subtraído por algum tempo, apareceu um anjo que cercado por intensa luz saudou-a com reverência como a mãe do Se-

¹ Texto grego do século IV, mais tarde traduzido para o latim e publicado por A. Wilmart, *Stude Testi*, 59, 1933, pp. 357-62.

² Epifânio (c. 315-c. 403), bispo de Constantia, em Chipre, santo festejado em 12 de maio, destacou-se na Igreja primitiva por seu combate às heresias, no curso do qual se chocou com personagens importantes como ORÍGENES e João Crisóstomo (capítulo 137). Esta é sua única aparição na *Legenda áurea*.

nhor: “Salve, bendita Maria, receba a bênção daquele que deu a salvação a Jacó. Aqui está um ramo de palmeira que trouxe do Paraíso para você, minha senhora, e que deve ser levado diante de seu caixão, pois em três dias sairá do corpo, já que o filho espera sua reverenda mãe”. Maria respondeu: “Se encontrei graça diante de seus olhos, peço que se digne a revelar seu nome. Mas o que peço ainda mais insistentemente é que meus filhos e irmãos, os apóstolos, estejam reunidos junto de mim para que possa vê-los com os olhos do corpo antes de morrer, e que possa ser sepultada por eles depois que tiver entregue meu espírito ao Senhor na presença deles. Há outra coisa que desejo avidamente: que ao sair do corpo, minha alma não veja nenhum mau espírito e que nenhuma das potências de Satanás apareça nesse momento”.

O anjo:

Por que, senhora, deseja saber meu nome, que é admirável e grande? Quanto aos apóstolos, virão todos e estarão reunidos junto de você, farão magníficos funerais quando de seu passamento, que acontecerá na presença deles. Aquele que outrora, em um piscar de olhos, levou pelo cabelo o profeta da Judéia até a Babilônia, certamente poderá em um instante trazer os apóstolos para perto de você. Por que você teme ver o espírito maligno, a quem destruiu inteiramente a cabeça e despojou de todo o poder? Seja feita contudo a sua vontade; você não o verá.

Dito isso, o anjo subiu aos Céus no meio de muita luz. A palma, cujo verdor parecia o de um ramo, resplandecia de forma intensa, com folhas brilhando como a estrela da manhã.

João estava pregando em Éfeso quando de repente trovejou e uma nuvem branca levantou-o, transportou-o e colocou-o diante da porta de Maria. O apóstolo virgem bateu, entrou na casa e, com grande reverência, saudou a Virgem. Feliz de vê-lo, Maria não pôde conter lágrimas de alegria e disse: “João, meu filho, lembre-se das palavras do seu mestre que me confiou a você como a um filho e você a mim como a uma mãe. Eis-me chamada pelo Senhor para pagar o tributo à condição humana, separando-me de meu corpo, e peço que cuide dele, pois soube que os judeus se reuniram e disseram: ‘Esperemos, irmãos, o momento em que aquela que carregou Jesus sofrerá a morte, para imediatamente raptarmos seu corpo e o jogarmos ao fogo’. Quando meu corpo estiver sendo conduzido à sepultura, você mandará levar esta palma diante de meu esquife”.

João respondeu: “Ó, quisesse Deus que todos os apóstolos, meus irmãos, estivessem aqui, a fim de poderem celebrar convenientemente suas exéquias e prestar as homenagens de que você é digna”. Enquanto falava assim, todos os apóstolos foram arrancados por nuvens dos lugares onde pregavam e colocados diante da porta de Maria. Vendo-se reunidos todos no mesmo lugar, ficaram admirados e perguntaram: “Por que o Senhor nos reúne aqui?”. Então João saiu e foi encontrá-los para os prevenir de que sua senhora ia morrer, e acrescentou: “Prestem atenção, irmãos, para que ninguém chore quando ela estiver morta, a fim de que vendo isso o povo não fique inquieto e diga: ‘Vejam como temem a morte aqueles homens que pregam aos outros a ressurreição’”.

DIONISO, discípulo do apóstolo Paulo, afirma a mesma coisa em seu livro *Nomes divinos*, onde diz que os apóstolos se reuniram e assistiram juntos a morte da Virgem e que logo a seguir cada um deles fez um sermão em honra de Cristo e da Virgem. Ele falou a Timóteo: “Nós e muitos santos nossos irmãos nos reunimos para ver o corpo que produziu a vida e carregou Deus. Ali estavam Tiago, o irmão de Deus, e Pedro, e o maior e mais perfeito dos teólogos, Paulo. Depois se combinou que todos louvassem, cada um conforme sua hierarquia, a infinita bondade daquele que se revestira de nossa humanidade”. Assim escreveu Dioniso. Quando a bem-aventurada Maria viu todos os apóstolos reunidos, bendisse o Senhor e, depois que haviam acendido lâmpadas e tochas, sentou-se no meio deles. Por volta da terceira hora da noite, Jesus chegou com os anjos, a assembléia dos patriarcas, a tropa dos mártires, o exército dos confessores e os coros das virgens. Todos se agruparam em torno do trono da Virgem e entoaram sem parar doces cânticos. Aprende-se no citado livro atribuído a São João como foram os funerais então celebrados.

Jesus começou e disse: “Venha, minha eleita, e eu a colocarei em meu trono porque desejo³ sua beleza”. Ela: “Meu coração está prepa-

³ A palavra pode soar imprópria a ouvidos modernos (*concupivi*, do verbo *concupisco*, “desejar ardentemente”, do qual deriva o substantivo *concupiscentia*, “apetite de prazeres sensuais”), mas a par da pureza da Virgem, sua grande característica, a Idade Média não deixava de atribuir a ela certa sensualidade. Esta podia se manifestar em relação a seu pai-filho-marido Cristo, como ocorre no presente parágrafo da *Legenda áurea*, ou, mais adiante nesse mesmo capítulo, quando afirma, seguindo muitas autoridades teológicas, que a Virgem foi levada ao *thalamus* (“quarto nupcial”, “leito nupcial”) celeste. A sensualidade da Virgem manifestava-se também em relação a seus fiéis, como mostram diversos episódios da hagiografia mariana, inclusive da própria *Legenda áurea*, capítulo 126, item 6.

rado, Senhor, meu coração está preparado”. Então todos os que tinham vindo com Jesus entoaram docemente estas palavras: “Aqui está quem conservou seu leito sem mácula e que por isso receberá a recompensa que cabe às almas santas”. Ela cantou a si própria, dizendo: “Todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Todo-Poderoso, cujo nome é santo, fez em mim grandes coisas”.⁴ Por fim o chantre começou a entoar: “Venha do Líbano, minha esposa, venha do Líbano e você será coroada”.⁵ E ela: “Aqui estou, pois está escrito no Livro da Lei que eu faria sua vontade, Deus, porque meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador”.

Foi assim que a alma de Maria saiu de seu corpo e voou nos braços de seu filho, liberada da dor da carne da mesma forma que fora isenta da corrupção. O Senhor disse aos apóstolos: “Levem o corpo da Virgem Mãe para o vale de Josafá e coloquem-no em um sepulcro novo que encontrarão ali, e esperem-me por três dias até eu voltar”. Imediatamente ela foi cercada por rosas vermelhas, quer dizer, pela assembléia dos mártires, e por lírios dos vales, que são os exércitos dos anjos, dos confessores e das virgens. Os apóstolos puseram-se a excluir: “Virgem cheia de prudência, para onde vai? Lembre-se de nós, Senhora!”. Então os coros dos que haviam permanecido no Céu, admirados por ouvir o coro dos que subiam, foram ao seu encontro, e diante da visão de seu rei carregando nos braços a alma de uma mulher, ficaram estupefatos e puseram-se a perguntar: “Quem é esta que sobe do deserto, cumulada de delícias, apoiada em seu bem-amado?”. Os que a acompanhavam responderam: “É a mais bela das filhas de Jerusalém, que vocês já viram cheia de caridade e de amor”. Ela foi assim alegremente recebida no Céu e colocada à direita de seu filho em um trono de glória. Os apóstolos viram sua alma resplandecente de tal brancura que nenhuma língua humana poderia descrever.

Enquanto isso, três virgens cuidavam do corpo de Maria e despiram-no para lavá-lo. Imediatamente o corpo brilhou com tal intensidade que elas podiam tocá-lo para a lavagem, mas não podiam vê-lo, e a luz continuou brilhando até que o corpo da Virgem estivesse pronto. Então os apóstolos pegaram o corpo com reverência para colocá-lo no féretro. João disse a Pedro: “Pedro, você levará a palma, pois o Senhor o

⁴ Lucas 1,49.

⁵ Cântico dos cânticos 4,8.

colocou à frente de nós e o ordenou pastor e príncipe de suas ovelhas”. Pedro: “Cabe a você levá-la, pois foi escolhido virgem pelo Senhor e é conveniente que leve a palma de uma virgem quem é virgem. Você teve a honra de repousar no peito do Senhor, e como assim ganhou mais sabedoria e graça que os outros, parece justo que tendo recebido mais dons do filho dispense mais honra à Virgem. Portanto, é você que deve levar esta palma de luz às exéquias da santidade, você que bebeu na taça de luz da fonte da eterna claridade. Eu levarei o santo corpo no caixão, em volta do qual estarão nossos irmãos celebrando a glória de Deus”. Paulo interveio: “E eu, que sou o menor de todos, o ajudarei a levar o corpo”.

Pedro e Paulo ergueram o ataúde e Pedro começou a cantar: “Israel saiu do Egito, aleluia!”.⁶ Os outros apóstolos continuaram docemente esse canto. O Senhor envolveu com uma nuvem o palanquim e os apóstolos, de maneira que não se via nada, apenas se escutava o canto. Anjos também uniram suas vozes às dos apóstolos e encheram toda a terra de uma suave melodia. Todos os habitantes, despertados pelos doces sons dessa melodia, dirigiram-se para fora da cidade querendo saber o que acontecia. Alguém disse: “São os discípulos de Jesus que carregam Maria morta, em volta de quem cantam essa melodia que escutamos”. Imediatamente eles correram a pegar as armas e incitaram-se uns aos outros, dizendo: “Vamos, matemos todos os discípulos e entreguemos ao fogo o corpo que carregou aquele sedutor”. Vendo aquilo, o príncipe dos sacerdotes, espantado e cheio de raiva, disse: “Eis o tabernáculo daquele que conturbou nosso povo e agora é glorificado!”.

Falando assim, ele estendeu as mãos para o leito fúnebre querendo derrubá-lo, mas imediatamente suas mãos secaram e grudaram-se no palanquim, ficando penduradas, e soltou por isso gritos de dor. O resto do povo foi atacado de cegueira pelos anjos que estavam na nuvem. Quanto ao príncipe dos sacerdotes, gritava: “São Pedro, não me abandone na tribulação em que me encontro, reze por mim ao Senhor, eu imploro, lembre-se de que certa vez eu o socorri quando você foi acusado por uma escrava”. Pedro: “Estamos ocupados nos funerais de Nossa Senhora e não podemos curá-lo. Se você acreditar em Nosso Senhor Jesus Cristo e naquela que o gerou e o carregou, espero que você possa recuperar imediatamente a saúde”. Ele respon-

⁶ Salmos 113,1.

deu: “Creio que o Senhor Jesus é realmente o Filho de Deus e que essa é sua santíssima mãe”. No mesmo instante suas mãos desprenderam-se do esquife, mas seus braços continuavam secos e a violenta dor não desaparecera. Pedro disse: “Beije o caixão e diga ‘Creio em Deus Jesus Cristo, que ela carregou no útero, permanecendo virgem depois do parto’”. Quando assim fez, ele ficou instantaneamente curado. Pedro: “Pegue esta palma das mãos de nosso irmão João e passe-a sobre esse povo cego, e então aquele que quiser crer recuperará a visão, quem não quiser nunca mais poderá ver”.

Os apóstolos puseram Maria na sepultura e sentaram-se em torno, como o Senhor ordenara. No terceiro dia, Jesus chegou com uma multidão de anjos e saudou-os dizendo: “A paz esteja com vocês”. Eles responderam: “E a glória com você, Deus, que sozinho faz grandes maravilhas”. E o Senhor disse aos apóstolos: “Que graça e que honra vocês pensam que eu deva conceder agora à minha mãe?”. Eles: “Estes seus escravos, Senhor, acham justo que da mesma forma que depois de ter vencido a morte você reina eternamente, ressuscite, Jesus, o corpo de sua mãe e o coloque à sua direita por toda a eternidade”. Ele concordou, e ato contínuo o arcanjo Miguel apresentou a alma de Maria ao Senhor. O Salvador falou assim: “Levante-se, minha mãe, minha pomba, tabernáculo de glória, vaso de vida, templo celeste, e da mesma maneira que me gerou sem coito e sem mácula, também no sepulcro manterá o corpo íntegro”. Imediatamente a alma de Maria aproximou-se de seu corpo, que saiu glorioso do túmulo e foi alçado ao tálamo celeste, acompanhado por uma multidão de anjos. Tomé não estava lá, e como se recusava a acreditar no que acontecera, subitamente caiu do ar o cinto usado por ela, de forma que ele compreendesse que ela subira ao Céu também de corpo.

O relato precedente é todo apócrifo, e sobre ele diz Jerônimo em uma carta a Paula e Eustáquio, ou em um sermão:

Deve-se considerar apócrifo esse opúsculo, com exceção de nove detalhes dignos de crença e que parecem gozar da aprovação de santos personagens, quais sejam, que todo tipo de consolação foi prometido e concedido à Virgem; que os apóstolos foram todos reunidos; que ela faleceu sem dor; que se preparou sua sepultura no vale de Josafá; que seus funerais foram realizados com devoção; que Jesus Cristo e toda a corte celeste foram ao encontro dela; que os judeus a perseguiram; que ocorreram então milagres de todo tipo; que ela subiu ao Céu de corpo e alma.

Por outro lado, há nesse relato muitas coisas inventadas, que se afastam da verdade e que é preciso rejeitar, por exemplo a ausência e a incredulidade de Tomé.

Conta-se que as roupas da Virgem permaneceram em seu túmulo para servir de consolo aos fiéis, e que uma delas realizou o milagre narrado a seguir. Quando a cidade de Chartres foi cercada pelo duque normando, o bispo usou a túnica da bem-aventurada Maria, que se conservava ali, como se fosse uma bandeira, e seguido pelo povo avançou sem temor contra o inimigo. No mesmo instante todo o exército inimigo foi atingido de demência e cegueira, ficou paralisado, coração trêmulo e espírito entorpecido. A esse juízo de Deus, os habitantes acrescentaram atrocidades contra os inimigos, o que desagradou à bem-aventurada Maria, cuja túnica desapareceu na mesma hora e os inimigos recuperaram a visão.

Nas revelações de Santa Isabel, está escrito que um dia, arrebatada em espírito, ela viu em um lugar muito afastado um sepulcro cercado por intensa luz, e dentro dele, rodeada por uma multidão de anjos, uma mulher que pouco depois foi tirada do sepulcro e elevada no ar com toda aquela multidão. Então veio do Céu um personagem admirável e cheio de glória, acompanhado por milhares de anjos, e que tinha à sua direita o estandarte da cruz, e em meio a coros de júbilo eles a conduziram até o Céu. Pouco tempo depois, Isabel pediu a um anjo com o qual freqüentemente conversava que lhe explicasse aquela visão. Ele respondeu: “Foi mostrado a você nessa visão como Nossa Senhora foi elevada ao Céu em carne e em espírito”. Está escrito no mesmo livro que lhe foi revelado que a Assunção ocorreu quarenta dias depois de sua morte. De fato, a bem-aventurada Maria revelou em conversa com ela: “Vivi um longo tempo desde a ascensão do Senhor até minha Assunção. Os apóstolos que assistiram meu adormecimento sepultaram honrosamente meu corpo, mas quarenta dias depois ressuscitei”. Isabel perguntou se deveria revelar ou calar-se a respeito, e ela disse: “Não se deve revelar a homens incrédulos e amigos da carne, nem se deve ocultar dos devotos e fiéis”.

Note-se que a gloriosa Virgem Maria foi elevada e exaltada integralmente, honrosamente, alegremente e eminentemente. Ela foi elevada integralmente de corpo e alma, segundo a piedosa crença da Igreja. Muitos santos não somente afirmam isso, como dão muitas provas a respeito. A de Bernardo é que se Deus glorificou corpos santos, tornou os

despojos de Pedro e de Tiago veneráveis, revestiu-os de admiráveis honras escolhendo lugares para os quais todo o mundo vai homenageá-los, caso o corpo de Maria ficasse na terra sem a devida devoção dos fiéis, sem dúvida se pensaria que Cristo não estava tão interessado pela glória de sua mãe quanto pela dos outros santos.

Jerônimo, por sua vez, afirma que Maria subiu ao Céu no dia 18 das calendas de setembro, assunção corporal sobre a qual a Igreja diz que se pode piedosamente duvidar e que teme definir.⁷ Mas de seu lado, ele se esforça em provar aquela crença:

Se alguns dizem que quem ressuscitou na mesma época que Cristo conheceu a Ressurreição perpétua, e se alguns acreditam que João, o guardião da Virgem, teve sua carne glorificada e desfruta da alegria celeste ao lado de Cristo, por que não acreditar com mais forte razão que o mesmo acontece com a mãe do Salvador? Aquele que disse: “Honre seu pai e sua mãe”, e “Não vim destruir a lei, mas cumpri-la”,⁸ certamente honrou sua mãe acima de todas as coisas, e por isso não duvidamos que o mesmo aconteceu com a bem-aventurada Maria.

Agostinho não só afirma a mesma coisa, como também dá três provas disso. A primeira é que a carne de Cristo e a da Virgem são apenas uma: “Já que a natureza humana está condenada à podridão e aos vermes, e que Jesus foi poupado desse ultraje, a natureza de Maria também está imune a isso, pois foi nela que Jesus assumiu a sua natureza”. A segunda razão é a dignidade de seu corpo: “O trono de Deus, o leito nupcial do Senhor, o tabernáculo de Cristo, deve estar onde Ele próprio está, pois é mais digno conservar esse tesouro no Céu do que na Terra”. A terceira razão é a perfeita integridade de sua carne virginal. Ele diz a propósito:

Alegre-se, Maria, de uma alegria indizível em seu corpo e em sua alma, em seu próprio filho Cristo, com seu próprio filho e por seu próprio filho, pois a pena da corrupção não deve ser conhecida por aquela que não teve sua integridade corrompida quando gerou seu filho. Será sempre incorrupta aquela que foi cumulada de tantas graças, que viveu íntegra, que gerou vida em total e perfeita integridade, que deve ficar junto daquele a quem carregou em seu útero, a quem gerou, aqueceu, nutriu

⁷ Essa hesitação manteve-se por séculos, com o dogma da Assunção sendo estabelecido apenas em 1950. A data aceita para o fato é 15 de agosto (ou 18 das calendas de setembro na linguagem de Jacopo).

⁸ Respectivamente, *Êxodo* 20,12 e *Mateus* 5,17.

LEGENDA ÁUREA

— Maria, mãe de Deus, nutriz e escrava de Deus. Por tudo isso não ousou pensar de outra maneira, seria presunção dizer diferentemente.

Um eminente poeta diz a respeito:

Sobe ao Céu
A Virgem mãe,
A Virgem de Jessé.
Não é sem corpo,
E sim com ele para sempre,
Que se eleva até aquele que é.

Ela foi levada ao Céu alegremente, como diz o bispo e mártir Geraldo⁹ em suas homilias:

Neste dia os Céus receberam a bem-aventurada Virgem alegremente, com os Anjos regozijando, os Arcanjos jubilando, os Tronos animando-se, as Dominações celebrando-a nos cânticos, os Principados unindo suas vozes, as Potências acompanhando com seus instrumentos musicais, os Querubins e os Serafins entoando hinos, e todos a conduzindo até o elevado trono da divina Majestade.¹⁰

Ela foi levada ao Céu honrosamente, pois o próprio Jesus e toda a milícia celeste foram ao encontro dela. Diz Jerônimo:

Quem pode imaginar a glória de que a rainha do mundo foi cercada quando de sua passagem? Que afeto devoto dedicaram-lhe a multidão de legiões celestes que foram ao seu encontro! Como eram belos os cânticos que a acompanharam até seu trono! Que fisionomia tranqüila, que rosto sereno, que olhar elevado quando do abraço de seu divino filho que a exalta acima de todas as criaturas! Acredito que neste dia a milícia dos Céus foi festivamente encontrar a mãe de Deus cercado-a de uma imensa luz e conduzindo-a com loas e cânticos até o trono de Deus. A milícia da Jerusalém celeste estremeceu de inefável alegria, de indizível prazer, de imenso júbilo. Essa festa, que acontece apenas uma vez por ano para nós, é ininterrupta nos Céus, com o próprio Salvador estando com ela durante toda a festa e colocando-a com alegria junto dele no trono. Se fosse diferente, não teria cumprido sua própria lei que diz: “Honre seu pai e sua mãe”.

⁹ Trata-se provavelmente de Geraldo (c. 980-1046), abade de San Giorgio de Veneza e depois primeiro bispo de Csanád, na Hungria, onde foi martirizado pelos pagãos. Todos seus escritos estão perdidos, exceto um conjunto de hinos.

¹⁰ Conforme nota 6 do capítulo 81.

Assim falou Jerônimo.

Ela foi elevada eminentemente. Diz Jerônimo: “Foi neste dia que a Virgem, mãe imaculada, avançou até o excelso trono do sublime reino, no qual se sentou gloriosa junto de Cristo”. O bem-aventurado Geraldo mostra em suas homilias o quanto ela foi celebrada e honrada na glória celeste:

Somente o Senhor Jesus Cristo poderia engrandecê-la como o fez, para que ela recebesse da própria majestade louvor e honra contínuos, rodeada pelos coros angélicos, cercada pelas tropas arcangélicas, acompanhada pelo júbilo dos Tronos, no meio do entusiasmo das Dominações, cercada pela deferência dos Principados, aclamada pelas Potências, honrada pelas Virtudes, cantada pelos hinos dos Querubins e pelos cânticos indescritíveis dos Serafins. A própria inefável e eterna Trindade alegra-se com ela, aplaude, cobre-a com sua graça que excede a todos. O ilustríssimo grupo dos apóstolos louva e exalta a Virgem de forma inefável, toda a multidão dos mártires dirige súplicas a tão grande senhora, o inumerável exército dos confessores dirige-lhe magníficos cantos, o coro das puríssimas virgens celebra sua glória, o próprio Inferno com os gritos dos insolentes demônios de certa forma a aclamam.

2. Um clérigo devoto da Virgem Maria, querendo consolá-la das cinco chagas de Cristo, todo dia dirigia-lhe esta prece: “Rejubile-se, Mãe de Deus, Virgem imaculada, rejubile-se porque um anjo trouxe alegria a você, rejubile-se porque pôs no mundo a claridade da luz eterna, rejubile-se, mãe, rejubile-se, Santa Virgem Mãe de Deus, única mãe casta, a quem todas as criaturas louvam. Ó mãe da luz, suplico, não deixe de interceder por nós”. Atingido por grave doença, esse clérigo, agonizante, foi tomado de pavor. A Virgem apareceu-lhe e disse: “Por que, filho, você tem tanto medo, você que com freqüência me recomendava a alegria? Rejubile-se você também, e para se rejubilar eternamente, venha comigo”.

3. Um cavaleiro muito poderoso e rico dissipara todos os seus bens em liberalidades impensadas. Ele se tornou tão pobre que, depois de ter dado com profusão, ficou privado das menores coisas. Ele tinha uma mulher muito casta e muito devota da bem-aventurada Maria. Com a aproximação de uma festa na qual o citado cavaleiro tinha o costume de fazer grandes doações, o que não podia mais realizar, levado pela vergonha e pela confusão resolveu, até que a festa tivesse acabado,

LEGENDA ÁUREA

afastar-se para um lugar deserto, longe dos amigos, onde poderia lamentar seu incômodo destino e evitar sua vergonha. Ali, subitamente surgiu um assustador cavalo, no qual estava montado um homem de aspecto terrível, que se aproximou e perguntou o motivo de tanta tristeza. O cavaleiro contou tudo e o outro disse: “Se você aceitar uma pequena condição, vai ter a glória de antes e riquezas ainda maiores”. Ele prometeu ao príncipe das trevas executar o que lhe fosse ordenado, desde que este cumprisse o prometido. E o diabo disse: “Vá para sua casa, procure em tal lugar e ali encontrará grandes quantidades de ouro, prata e pedras preciosas, mas para isso me traga aqui em tal dia sua mulher”. Feita a promessa, o cavaleiro voltou para casa e no lugar indicado encontrou tudo que lhe fora anunciado. Imediatamente comprou palácios, fez grandes doações, recuperou seus bens, comprou escravos.

Perto do dia fixado, ele chamou sua mulher e disse: “Monte um cavalo que você precisa ir comigo a um lugar distante”. Tremendo e assustada, sem ousar contradizer as ordens do marido, recomendou-se devotamente à bem-aventurada Maria e seguiu seu esposo. Bem mais adiante no caminho, encontraram uma igreja, a mulher desceu do cavalo e entrou, enquanto seu marido esperava fora. Ela se recomendava com devoção à bem-aventurada Maria, quando subitamente adormeceu e a gloriosa Virgem assumiu em tudo, nos trajés e nas maneiras, forma semelhante à da referida mulher, saiu do altar e montou o cavalo enquanto a mulher permanecia adormecida na igreja. O marido, convencido de que aquela era sua esposa, continuou a viagem. Quando chegaram ao lugar combinado, o príncipe das trevas foi impetuosamente encontrá-los, porém logo parou, tremendo e assustado, e disse ao cavaleiro: “Traidor, por que me engana assim se o cumulei de tantos benefícios? Eu tinha dito para trazer sua mulher e você me traz a mãe do Senhor. Eu queria sua mulher e você trouxe Maria. Eu queria me vingar de sua esposa, que não pára de me prejudicar, e você trouxe aquela que me atormenta e me manda para o Inferno”.

Ao ouvir isso, o homem ficou espantado, e como o medo e a surpresa não o deixavam falar, a bem-aventurada Maria disse: “Que temeridade a sua, espírito maldoso, ousar prejudicar uma devota minha! Não ficará impune por isso, e o sentencio a descer ao Inferno e nunca mais ter a pretensão de prejudicar a quem me invocar com devoção”. O diabo foi embora lançando grandes gritos, enquanto o marido, descendo do

cavalo, prosternou-se aos pés da Virgem, que o repreendeu e ordenou que voltasse para sua mulher ainda adormecida na igreja e se livrasse de todas as riquezas dadas pelo demônio. Ao retornar, ele encontrou sua mulher ainda dormindo, despertou-a e contou o que acontecera. Voltando para casa, desfizeram-se de todas as riquezas do demônio, dirigiram devotíssimos louvores à Virgem, que lhes concedeu mais tarde uma grande fortuna.

4. Um homem a quem o pecado oprimia foi levado em visão ao julgamento de Deus, ao qual Satã compareceu dizendo: “Não há nada nessa alma que lhe pertença, ela é minha e tenho uma prova”. O Senhor perguntou: “Onde está esta prova?”. Ele: “A prova que tenho foi dita por sua própria boca, que lhe deu sanção perpétua. Com efeito, você disse ‘Na hora que comerem deste fruto morrerão’,¹¹ e como este aqui é descendente dos que comeram o fruto proibido, por esta prova pública ele deve ser condenado a morrer comigo”. Então o Senhor disse: “Homem, você pode falar em sua defesa”. Ele ficou calado. O demônio acrescentou: “Aliás, eu o tenho por prescrição, faz trinta anos que possui sua alma, ele me serviu como escravo de minha propriedade”. O homem continuou calado. O demônio retomou: “Essa alma é minha, pois mesmo que tivesse feito algum bem, suas más ações são incomparavelmente maiores que as boas”. Mas o Senhor, não querendo profereir imediatamente a sentença, concedeu um adiamento de oito dias, ao término dos quais deveria comparecer diante dele e justificar tudo de que era acusado.

Como ele se afastou da face do Senhor todo trêmulo e choroso, alguém lhe perguntou a causa de tanta tristeza. Quando contou tudo em detalhes, a pessoa disse: “Não tenha medo, que quanto ao primeiro ponto eu o ajudarei bastante”. Perguntada como se chamava, ela respondeu: “Meu nome é Verdade”. Ele encontrou uma segunda pessoa que lhe prometeu ajuda quanto à segunda acusação. Ele lhe perguntou como se chamava e lhe foi respondido: “Sou chamada de Justiça”. No oitavo dia ele compareceu ao julgamento e o demônio colocou a primeira acusação, à qual a Verdade respondeu: “Sabemos que há duas espécies de morte, a corporal e a infernal, e a prova alegada pelo demônio não fala da morte infernal e sim da corporal. Ora, esta é evidente, pois todos recebem essa sentença, isto é, morrem corporalmente, sem que no entanto

¹¹ Gênesis 2,17.

todos morram no fogo do Inferno. A morte do corpo acontecerá sempre, a morte da alma foi revogada pelo sangue de Cristo”.

O demônio, vendo que o acusado não sucumbira à primeira objeção, começou a segunda, mas a Justiça apresentou-se e respondeu assim por aquele homem: “Embora você tenha possuído este homem por muitos anos como seu escravo, a razão sempre queria o contrário, a razão sempre protestava por servir a um mestre tão cruel”. Quanto à terceira objeção ele não tinha ninguém para defendê-lo, e o Senhor disse: “Que seja trazida uma balança e pesadas todas as boas e más ações”. A Verdade e a Justiça disseram ao pecador: “Ali está a mãe da misericórdia sentada junto ao Senhor, recorre a ela com toda a força de sua alma e peça seu auxílio”. Quando ele o fez, a bem-aventurada Maria veio em seu socorro e pôs a mão no prato da balança no qual se encontravam seus poucos atos bons, enquanto o diabo esforçava-se por fazer baixar o outro prato, mas a mãe da misericórdia prevaleceu e libertou o pecador. Este acordou e então mudou de vida.

5. Na cidade de Bourges, no ano do Senhor de 527, quando os cristãos comungavam no dia da Páscoa, um menino judeu aproximou-se do altar com os filhos dos cristãos e recebeu como eles o corpo do Senhor. Voltando para casa, seu pai perguntou de onde vinha e o menino respondeu que fora à igreja com os meninos cristãos, também estudantes, e que comungara com eles. Furioso, o pai pegou o menino e jogou-o dentro de um forno aceso. No mesmo instante, a mãe de Deus apareceu ao menino sob os traços de uma imagem que ele vira no altar, e protegeu-o contra o fogo, do qual saiu ileso. Enquanto isso a mãe do menino tinha, com seus gritos, juntado um grande número de cristãos e de judeus, que o vendo sair sem lesão alguma do forno perguntaram como pudera escapar. Ele respondeu: “É que aquela reverenda Senhora que estava no altar me ajudou e afastou todo o fogo de mim”. Os cristãos, compreendendo que o menino falava da imagem da beata Maria, pegaram o pai do menino e jogaram no forno, onde foi imediatamente queimado e inteiramente consumido.

6. Alguns monges estavam antes do amanhecer junto de um rio conversando despreocupadamente, quando escutaram barulho de remos que passavam com grande rapidez. Os monges perguntaram: “Quem são vocês?”. E eles: “Somos demônios, e levamos para o Inferno a alma de Ebroim, que renunciou ao mosteiro de Saint-Gall e foi administrador do palácio do rei dos francos”. Ouvindo isso, os monges foram

tomados por um medo violentíssimo, e gritaram com todas as suas forças: “Santa Maria, reze por nós”. Os demônios comentaram: “Fizeram bem em invocar Maria, pois queríamos despedaçá-los e jogá-los no rio, dissolutos que encontramos já nesta hora do dia entregues a conversas inúteis”. Os monges voltaram então para o mosteiro e os demônios apressaram-se em ir para o Inferno.

7. Havia um monge muito lúbrico, mas muito devoto da bem-aventurada Maria, que uma noite, antes de cometer seu crime habitual, passou diante de um altar, saudou a Virgem beata e saiu da igreja. Ao tentar atravessar um rio, ele caiu na água e morreu. Demônios apoderaram-se de sua alma e anjos foram libertá-la. Os demônios disseram: “O que vocês vieram fazer aqui? Não têm direito algum a essa alma”. Imediatamente apareceu a bem-aventurada Maria e repreendeu-os por terem ousado raptar a alma do monge. Eles disseram que a haviam encontrado no momento em que terminava sua vida fazendo uma má ação. Ela: “O que dizem é falso, pois sei que quando ia a algum lugar, primeiro me saudava e fazia a mesma coisa na volta. Se vocês acreditam ter direito a ela, vamos submeter a questão à decisão do soberano Juiz”. O Senhor quis que a alma retornasse a seu corpo e fizesse penitência por suas ações. Entretanto, vendo os monges que não soava a hora das matinas, procuraram o sacristão e o encontraram afogado no rio. Tiraram o corpo da água e perguntavam-se o que teria ocorrido, quando, de repente, o monge ressuscitou, contou o que acontecera e passou o resto de sua vida em boas obras.

8. Uma mulher atormentada pelo demônio, que lhe aparecia sob a forma de homem, recorria a muitos remédios para isso, ora água benta, ora uma coisa, ora outra, mas sem que os tormentos cessassem. Um santo homem aconselhou-a a, quando o demônio se aproximasse, erguer as mãos, exclamando no mesmo instante: “Santa Maria, ajude-me!”. Quando ela assim fez, o diabo parou assustado, como se tivesse sido atingido por uma pedra, e disse: “Que um mau diabo entre na boca daquele que ensinou isso a você”. E logo em seguida desapareceu e não voltou a se aproximar dela.

LEGENDA ÁUREA

MODO DA ASSUNÇÃO DA
BEM-AVENTURADA MARIA¹²

O modo da Assunção da Santíssima Virgem Maria é narrado em um sermão compilado de diversos escritos dos santos, lido solenemente em várias igrejas, e no qual se encontra o seguinte:

Reuni tudo que pude encontrar nos relatos dos santos padres do mundo inteiro referente à migração da venerável Mãe de Deus, para honrar sua memória. São Cosme, apelidado Vestidor, conta coisas que soube por meio de descendentes daqueles que foram testemunhas dos fatos. Ele diz que quando Cristo decidiu levar para junto de si a mãe da vida, fez o anjo, que já lhe enviara anteriormente, anunciar como seria seu adormecimento, para que uma morte repentina não viesse a perturbá-la. Frente a frente com seu filho, quando este ainda estava na Terra, ela pedira que não a deixasse ver nenhum espírito maligno. Então Ele enviou na frente um anjo com ordem de lhe falar assim: “Minha mãe, é chegado o momento de você vir para junto de mim. Assim como você encheu a Terra de alegria, deve rejubilar o Céu. Torne agradável as moradas de meu Pai, console os espíritos de meus santos, não se perturbe por deixar um mundo corruptível com todas as suas inúteis paixões, pois você deve habitar o palácio celeste. Ó, mãe, não se amedronte com sua separação da carne, pois você é chamada a uma vida eterna, a uma alegria sem limites, ao descanso da paz, a uma vida segura, a um repouso que não tem fim, a uma luz inesgotável, a um dia que não tem noite, a uma glória inenarrável mesmo para mim, seu filho, que sou o criador do universo, a vida eterna, o amor incomparável, a morada inefável, a luz sem sombra, a bondade inestimável. Devolva à Terra, sem temor, o que lhe pertence. Jamais alguém a arrebatará de minha mão, pois toda a Terra está em minha mão. Dê-me seu corpo, porque pus minha divindade em seu útero. A morte não tirará de você nenhuma glória, porque você gerou a vida; a escuridão não a envolverá com suas sombras, porque você pôs no mundo a luz; a aflição não a atingirá, porque você mereceu ser o vaso que me recebeu. Venha àquele que nasceu de você a fim de receber a recompensa que é devida por tê-lo carregado em seu útero, por tê-lo alimentado com seu leite, venha morar com seu filho único, venha rápido se

¹² Este item representa para o presente capítulo uma espécie de apêndice documental, no qual Jacopo cita longamente autoridades que ele já utilizara de forma resumida no item 1. Trata-se assim de uma parte muito repetitiva para o gosto do leitor moderno, mas esclarecedora quanto ao método de escrita medieval, no qual autor e compilador fundem-se profundamente.

reunir a Ele. Não se atormente por amor aos outros filhos, pois como Virgem Mãe você é o muro que sustenta todo o mundo, a arca daqueles que devem ser salvos, a prancha do naufrago, o bastão dos fracos, a escada dos que sobem ao Céu, a protetora dos pecadores. Eu levarei para junto de você os apóstolos, que a sepultarão com suas mãos como se fossem as minhas. Com efeito, convém que os filhos de minha luz espiritual, aos quais dei o Espírito Santo, sepultem seu corpo e me representem em seus admiráveis funerais”.

Depois desse relato, o anjo deu à Virgem uma palma colhida no Paraíso como prova de sua vitória contra a corrupção da morte, deu-lhe as vestes fúnebres e em seguida retornou ao Céu de onde viera. A bem-aventurada Maria convocou seus amigos e parentes e disse: “Informo-os que hoje devo deixar a vida temporal, portanto é preciso fazer a vigília já que no passamento de qualquer pessoa vêm para perto do leito do agonizante a virtude divina dos anjos e os espíritos malignos”. A essas palavras, todos começaram a chorar e a dizer: “Você teme a presença dos espíritos, sendo a mãe do autor de todas as coisas, tendo gerado aquele que esvaziou o Inferno, merecendo ter um trono acima dos Querubins e dos Serafins? Então o que faremos, como fugiremos?”. Havia ali uma multidão de mulheres que choravam e pediam que não as deixasse órfãs. Para consolá-las a bem-aventurada Virgem disse: “Se vocês, que são mães de filhos sujeitos à morte, não podem suportar ficar separadas deles por pouco tempo, como então eu, que sou mãe e virgem, não desejaria ir encontrar meu filho, o Filho único de Deus, o Pai? Se cada uma de vocês, quando perdeu algum de seus filhos, consola-se com aquele que sobreviveu ou com aquele que vai nascer, eu, que tenho apenas esse filho, e que permaneço pura, como não me apressaria em pôr fim às minhas angústias indo até Ele que é a vida de todos?”.

Enquanto isso, chegou o bem-aventurado João e informou-se do que ocorria. Quando a Virgem anunciou sua partida para o Céu, ele se prosternou e exclamou, chorando: “Que somos nós, Senhor, para que nos reserve tantas tribulações? Por que não me despojou antes de meu corpo? Eu preferia ser sepultado pela mãe de meu Senhor do que ser obrigado a assistir a seus funerais”. Com ele em prantos, a Virgem conduziu-o até seu quarto e mostrou a palma e as vestes, depois do que se sentou no leito que fora preparado para as cerimônias fúnebres. Ouvia-se então um violento trovão, formou-se um turbilhão semelhante a uma nuvem branca, e os apóstolos desceram diante da porta da casa da Virgem como se fossem chuva. Eles se espantaram com o que aconteceu, e João foi revelar a eles o que tinha sido anunciado pelo anjo à beata Virgem. Todos choraram e João os consolou. A seguir enxugaram as lágrimas, entraram e

LEGENDA ÁUREA

depois de saudarem respeitosamente a bem-aventurada Virgem, adoraram-na. Ela disse: “Salve, filhos de meu filho único”. Depois de ter escutado o relato que eles lhe fizeram de sua chegada, ela lhes contou tudo. Os apóstolos: “Era vendo-a, celeberrima Virgem, que nos consolávamos como se víssemos nosso próprio mestre e Senhor, você era nosso único alívio, a mediadora de quem tudo esperamos junto de Deus”.

Depois que ela saudou Paulo, chamando-o pelo nome, este disse: “Ave, imperatriz de minha consolação, pois embora eu não tenha visto Cristo em sua carne, quando a vejo consolo-me como se visse a Ele próprio. Até hoje eu pregava aos gentios que você havia gerado Deus, agora ensinarei que já foi para Ele”. Depois disso a Virgem mostrou o que o anjo lhe trouxera, alertou-os para não apagar as lâmpadas até sua morte. Havia ali 120 virgens para servi-la, mas ela mesma vestiu suas roupas fúnebres, e dizendo adeus a todos se deitou no leito para morrer. Pedro estava à sua cabeceira, João a seus pés, os outros apóstolos em volta do leito, dirigindo louvores à mãe de Deus. Pedro começou a dizer: “Alegre-se, esposa do leito celeste, candelabro de três braços da luz cintilante, por quem foi revelada a claridade eterna”.

O bem-aventurado Germano, arcebispo de Constantinopla, também afirma que os apóstolos se reuniram para o sono da santíssima Virgem dizendo: “Ó Mãe de Deus, embora você tenha sido submetida à morte, inevitável para toda criatura humana, seu olhar que nos guarda não enfraquecerá nem adormecerá. Sua migração não aconteceu sem testemunhas, seu sono não é enganoso, pois o Céu narra a glória daqueles que cantaram sobre seus despojos, a terra exhibe a verdade, as nuvens proclamam as homenagens que recebeu, os anjos celebram as deferências feitas pelos apóstolos reunidos em torno de você em Jerusalém”.

O grande DIONISO AREOPAGITA assegura a mesma coisa dizendo: “Como bem sabem, nós nos reunimos com muitos de nossos irmãos para ver o corpo daquela que recebeu o Senhor, e lá se encontravam Tiago, irmão de Deus, e Pedro, a máxima autoridade dos teólogos.¹³ Depois do que viram, aqueles excelentes sacerdotes resolveram cantar hinos, cada qual colocando nisto suas imensas virtudes, sua bondade vivificante ou sua fraqueza”.

São Cosme prossegue sua narrativa. Depois disso, um forte trovão sacudiu toda a casa, um vento brando encheu-a de um odor tão suave

¹³ Jacopo de Varazze ou algum copista cometeu aqui um lapso, pois no item 1 do presente capítulo afirma que Dioniso chamou Paulo de “o maior e mais perfeito dos teólogos” e agora trata Pedro como “máxima autoridade dos teólogos”. Pelo que sabemos da obra atribuída a Dioniso Areopagita, a primeira afirmativa deve ser a correta.

VIDAS DE SANTOS

que um sono profundo apoderou-se dos que ali se encontravam, com exceção dos apóstolos e de três virgens que carregavam tochas. O Senhor desceu com uma multidão de anjos e levou a alma de sua mãe. O brilho dessa alma era tão resplandecente, que nenhum dos apóstolos podia olhar, e o Senhor disse a Pedro: "Sepulte o corpo de minha mãe com o maior respeito, e guarde-o cuidadosamente durante três dias, pois então virei e o transportarei para o lugar onde não existe corrupção e o revestirei de claridade semelhante à minha, pois é conveniente que haja acordo entre o que foi recebido e o que recebeu". São Cosme relata ainda um estranho e maravilhoso mistério, não explicável por debates comuns nem por pesquisas, pois tudo o que se diz da mãe de Deus é sobrenatural, admirável, temível, e não sujeito a discussão. Diz ele: "Quando a alma saiu de seu corpo, este falou: 'Eu agradeço, Senhor, por ser digna de sua glória. Lembre-se de mim, porque sou obra sua e conservei o que você me confiou'".

Quando os que dormiam acordaram, continua São Cosme, e viram o corpo da Virgem sem vida, sentiram uma grande tristeza e soltaram gemidos. Os apóstolos pegaram o corpo, levaram-no ao túmulo, enquanto Pedro começava a cantar o Salmo: "Ao sair Israel do Egito". Os coros dos anjos louvavam a Virgem de tal forma que Jerusalém ficou comovida com tanta glória. Os grandes sacerdotes, por sua vez, mandaram muitos homens armados de espadas e de bastões, um dos quais investiu contra o caixão tentando jogar ao chão o corpo de Maria, mãe de Deus. Como esse indigno ousou tocá-lo, mereceu ser privado do uso das mãos, que foram arrancadas dos braços e ali ficaram grudadas, provocando-lhe dores horríveis. Mas como ele implorou perdão e prometeu se emendar, Pedro disse: "Jamais você poderá obter perdão se não abraçar o corpo daquela que sempre foi virgem e se não reconhecer que Cristo, nascido dela, é o Filho de Deus". Quando ele assim fez, suas mãos juntaram-se novamente aos braços de onde haviam sido arrancadas. Pedro pegou uma tâmara da folha de palmeira e disse: "Vá, volte para a cidade e coloque-a sobre os enfermos, e todos os que crerem recuperarão a saúde".

Quando os apóstolos chegaram ao campo de Getsêmani, encontraram um sepulcro semelhante ao glorioso sepulcro de Cristo, ali depositaram o corpo com muito respeito, segurando-o pelos cantos do sudário, sem ousar tocar no sublimíssimo vaso de Deus. Enquanto isso, os apóstolos e os discípulos do Senhor permaneceram em volta do túmulo, seguindo a ordem que haviam recebido de seu mestre. No terceiro dia, uma nuvem resplandecente o cerca, vozes angélicas fazem-se ouvir, um odor inefável se espalha, todos estão imersos em estupor, quando vêem

LEGENDA ÁUREA

que o Senhor desceu e transporta o corpo da Virgem com imensa glória. Os apóstolos abraçaram o sepulcro e voltaram para a casa do evangelista e teólogo São João, louvando-o por ter tão bem guardado o corpo da Virgem. Um dos apóstolos não assistiu a essa solenidade, e admirado pelo relato de coisas tão maravilhosas, suplicava que abrissem o túmulo para certificar-se da verdade. Os demais apóstolos recusavam, sob o pretexto de que o que lhe contavam devia bastar, temendo que se os infiéis tivessem conhecimento daquilo diriam que o corpo havia sido roubado. Mas o entristecido apóstolo dizia: ‘Por que me privam de partilhar um tesouro que nos é comum?’. Enfim eles abriram a sepultura, onde não encontraram o corpo, mas apenas as vestes e o sudário.

No livro III, capítulo 40, da *História euthimiata*, São Germano, arcebispo de Constantinopla, afirma ter descoberto, e o grande Damasceno confirma, que no tempo do imperador Marciano a imperatriz Pulcra, de santa memória, depois de ter mandado construir em Constantinopla muitas igrejas ergueu em honra da Santa Virgem uma admirável, em Blaquernes. Ela convocou Juvenal, arcebispo de Jerusalém, e outros bispos da Palestina, que permaneciam então na capital para o concílio que se realizou na Calcedônia, e disse a eles: “Soubemos que o corpo da Santíssima Virgem foi enterrado no campo de Getsêmani e queremos trazer para cá esse corpo, com o devido respeito, a fim de que ele proteja nossa cidade”. Juvenal explicou que tal corpo, segundo o que aprendera nas antigas histórias, fora transportado para a glória e que ficaram no túmulo apenas as vestes e o sudário. O próprio Juvenal enviou essas vestes a Constantinopla, onde foram honrosamente colocadas na dita igreja.¹⁴ Que ninguém pense que eu tenha inventado tudo isso, pois contei o que aprendi a partir das leituras e da verídica tradição, aceita pelos meus antecessores.

Tudo isso foi tirado do citado sermão.

João Damasceno, de origem grega, conta várias coisas maravilhosas a respeito da santíssima Assunção. Em um de seus sermões, ele diz:

Na data de hoje a Santíssima Virgem foi transportada para o leito nupcial celeste; na data de hoje essa arca santa e viva, que carregou dentro de si aquele que a criou, foi colocada em um templo não construído

¹⁴ Igreja localizada no extremo nordeste de Constantinopla, efetivamente construída pelo imperador Marciano (450-457), mas que recebeu o manto da Virgem (e não as vestes, como diz o relato transcrito pela *Legenda áurea*) no reinado seguinte, de Leão I (457-474).

por mão humana; na data de hoje a santíssima pomba cheia de inocência e simplicidade alçou vôo da arca, isto é, do corpo que recebeu Deus, e encontrou onde pousar os pés; na data de hoje a Virgem imaculada que não foi conspurcada pelas paixões terrestres, e sim instruída pelas inteligências celestes, não se foi para a terra mas para o Céu vivo, chamada a habitar os tabernáculos celestes. Embora sua sagrada alma esteja separada, segundo a lei da natureza, de seu glorioso corpo, e esse corpo esteja confiado à sepultura, ele não é propriedade da morte nem é dissolvido pela corrupção. Como você deu à luz permanecendo com a virgindade intacta, seu corpo morto permanece indissolúvel para sempre e passa para uma vida melhor e mais santa, que a morte não destrói porque ele deve durar eternamente. Assim como o sol brilhante que espalha a luz eclipsa-se por um instante quando é ocultado por um corpo sublunar, sem no entanto perder nada de sua luz inexaurível, também você, fonte de verdadeira luz, tesouro inesgotável de vida, embora condenada a sofrer a morte corporal por um breve intervalo de tempo, espalha abundantemente sobre nós a claridade de uma luz que não se altera jamais. Por esta razão seu sono não deve ser chamado de morte, mas de passagem, de retirada ou, melhor ainda, de chegada, pois ao deixar seu corpo, você chega ao Céu. Os anjos e os arcanjos vão ao seu encontro, os espíritos imundos temem sua Ascensão. Bem-aventurada Virgem, você não foi levada ao Céu como Elias, não subiu como Paulo até o terceiro Céu, mas alcançou o trono real de seu filho. Abençoa-se a morte dos outros santos porque assim se demonstra a beatitude deles, mas isso vale para você: nem sua morte, nem sua beatitude, nem sua migração, nem sua partida, acrescentam algo à força de sua bem-aventurança, porque você é o princípio, o meio e o fim de todos os bens, que a inteligência humana não pode compreender. Sua tranqüilidade de espírito, sua verdadeira origem, sua concepção sobrenatural vêm do fato de ser habitação divina. Você disse a verdade, que todas as gerações a abençoariam não a partir de sua morte, mas do momento de sua concepção. A morte não a beatificou, você a enobreceu, você transformou em alegria a tristeza que a acompanha. Se Deus disse ao primeiro homem: “estenda a mão e colha o fruto da árvore da vida e viva para sempre”, como não viveria pelos séculos eternos aquela que carregou a própria vida, a vida que não teve começo, a vida que não terá fim? Deus expulsou outrora do Paraíso os pais do gênero humano adormecidos na morte do pecado, sepultados nas profundezas da desobediência, infectados pelo pecado, exilados do Paraíso, mas como o Paraíso não receberia, como o Céu não abriria suas portas, alegre, àquela que trouxe a vida para

LEGENDA ÁUREA

todo o gênero humano, que deu provas de sua obediência a Deus, o Pai, que expulsou todas as paixões? Eva ouviu a serpente, bebeu a taça envenenada, aceitou a volúpia, pariu na dor, foi condenada com Adão. Mas como a morte poderia se impor àquela que é verdadeiramente bem-aventurada, que ouviu a voz de Deus, que esteve cheia do Espírito Santo, que carregou a misericórdia do Pai em seu útero, que concebeu sem o contato com homem, que deu à luz sem dor? Como a corrupção ousaria alguma coisa sobre um corpo que carregou a própria vida?

O Damasceno diz ainda em outro sermão:

É verdade que os apóstolos, dispersos por toda a Terra ocupados em pescar homens, lançando a rede da palavra para tirá-los das trevas em que estavam sepultados e para levá-los à mesa celeste e às bodas solenes do Pai, foram por ordem divina envoltos por uma nuvem como se fosse uma rede, e levados dos confins do mundo até Jerusalém. Nesse momento, nossos primeiros pais, Adão e Eva, exclamaram: “Venha a nós, ó sagrado e salutar alimento, que nos encheu de alegria!”. De seu lado, a companhia dos santos que se encontrava corporalmente ao lado dela dizia: “Fique conosco, nossa consolação, não nos deixe órfão, você que é alívio de nosso trabalho, refrigerio de nossa fadiga. Nossa glória é viver ou morrer com você, pois a vida não é nada se estamos privados de sua presença”. Era com estas palavras e outras parecidas, creio, que os apóstolos se manifestavam em meio aos soluços de todos os que ali estavam reunidos. Voltando-se para seu filho, ela disse: “Querido filho, seja o consolador daqueles que você gostava de chamar de seus irmãos e que estão na dor por causa de minha partida. Junte à bênção da imposição de mãos que vou fazer sobre eles, a sua bênção”. Em seguida ela estendeu as mãos e abençoou o grupo de fiéis, acrescentando: “Senhor, entregue meu espírito em suas mãos. Receba minha alma, que é tão querida a você e que conservei pura. É a você e não à terra que confio meu corpo, conserve-o íntegro, pois gostou de ali habitar. Leve-me, fruto de minhas entranhas, para que onde você estiver, esteja eu, e more com você”. Os fiéis ouviram então estas palavras: “Levante-se, venha, minha bem-amada, a mais bela das mulheres, minha bela e imaculada amiga”. Ao ouvir essas palavras, a beatíssima Virgem coloca o espírito nas mãos de seu filho. Os apóstolos, soltando muitas lágrimas, cobrem de beijos o tabernáculo do Senhor e o contato com esse corpo sagrado enche-os de bênção e de santidade. Naquele instante as doenças desaparecem, os

demônios fogem, são santificados o ar e o céu pela presença de seu espírito que se eleva, a terra por receber seu corpo, a água por lavar seu corpo. De fato, aquele corpo sagrado foi lavado em uma água muito límpida, que não pôde limpá-lo e foi por ele santificada. Envolto em um sudário branco, o santo corpo foi colocado sobre o leito e então as lâmpadas resplandeceram, um doce odor espalhou-se, o canto de hinos angélicos ressoou. Os apóstolos e outros santos cantando cânticos divinos levaram sobre suas cabeças sagradas a arca do Senhor até a santíssima terra de Getsêmani, no monte Sião. Anjos abriam e fechavam o cortejo, outros estendiam véus sobre o precioso corpo, toda a Igreja a acompanhava. Ali havia também judeus endurecidos pelo velho fermento da maldade. Conta-se que quando o cortejo descia o monte Sião com o corpo sagrado da mãe de Deus, um hebreu, instrumento do diabo, em um impulso temerário e de inspiração diabólica, aproximou-se correndo do santo corpo, do qual os próprios anjos temiam se aproximar, e como um louco pegou o leito fúnebre com as duas mãos e o derrubou. Mas uma de suas mãos secou como madeira e caiu, o resto ficou paralisado como tronco inútil enquanto a fé não mudou seu coração e não o fez se arrepender, chorando, de seu crime. Então os que carregavam o esquife detiveram-se, até que o miserável, colocando a mão sobre o santíssimo corpo, recebeu cura completa no instante em que o tocou. Dali chegaram a Getsêmani, onde o santo corpo foi colocado em um venerável túmulo depois de ter recebido beijos, abraços, lágrimas e suor dos fiéis que cantavam hinos sacros. Mas, Senhora, sua alma não desceu ao Inferno e seu corpo não se decompôs. O seio da terra não podia reter o santuário de Deus, a fonte inviolada, o campo virgem, a vinha não irrigada, a oliveira fecunda. Era adequado que a mãe fosse elevada pelo filho, que subisse para ele como ele descera nela, a fim de que aquela que conservou a virgindade em seu parto não conhecesse a corrupção em seu corpo, de que aquela que carregou seu criador em seu seio habitasse os divinos tabernáculos, de que aquela que foi desposada pelo Pai fosse guardada no quarto celestial, de que a mãe usufruísse do que pertence ao filho.

Assim falou o Damasceno.

Agostinho também trata em um sermão, com muitos argumentos, da santíssima Assunção:

Antes de falar do santíssimo corpo da perpétua virgem e da Assunção de sua alma sagrada, digamos primeiro que a Escritura não se refere a ela depois que o Senhor na cruz recomendou-a ao discípulo, a não ser aquilo

LEGENDA ÁUREA

que Lucas relata nos *Atos dos apóstolos*: “Todos perseveravam, unanimemente, na prece com Maria, mãe de Jesus”. Que dizer então de sua morte? Que dizer de sua Assunção? Já que a Escritura se cala, deve-se pedir à razão que nos guie para a verdade. Portanto, que a verdade seja nossa autoridade, pois sem ela sequer há autoridade. Baseados no conhecimento da condição humana é que não hesitamos em dizer que ela sofreu morte temporal, mas se dizemos que ela foi alimento da podridão, dos vermes e da cinza, devemos considerar se esse estado convém à sua santidade e às prerrogativas desta casa de Deus. Sabemos que foi dito ao nosso primeiro pai: “Você é pó e ao pó voltará”. A carne de Cristo escapou dessa condição pois não foi submetida à corrupção, foi poupada da sentença geral da natureza que foi tomada da Virgem. O Senhor disse também à mulher: “Multiplicarei suas misérias e você dará à luz com dor”. Maria teve sofrimentos, uma espada trespassou sua alma, contudo deu à luz sem dor. Assim, embora partilhando as tribulações de Eva, Maria não partilhou as do parto com dor. Ela foi uma exceção da regra geral, gozou de uma grande prerrogativa, sofreu a morte sem ser aprisionada por ela. Não seria então uma impiedade dizer que Deus não tenha querido poupar o corpo de sua mãe da podridão, da mesma forma que quis conservar intacto o pudor de sua virgindade? Não cabia à bondade do Senhor conservar a honra de sua mãe, pois Ele viera não para destruir a lei, mas para cumpri-la? Se Ele a honrou durante sua vida mais que a qualquer outra pessoa, pela graça que lhe fez de o conceber, é ato piedoso crer que a honrou também em sua morte com uma preservação particular e uma graça especial. A podridão e os vermes são a vergonha da condição humana, e se Jesus esteve isento desse opróbrio, Maria também, já que Jesus nasceu dela. A carne de Jesus é a carne de Maria, que Ele elevou acima dos astros, honrando com isso toda a natureza humana, mas sobretudo a de sua mãe. Se o filho tem a natureza da mãe, é conveniente que a mãe possua a natureza do filho, não quanto à unidade da pessoa, mas quanto à unidade da natureza corporal. Se a graça pode fazer que haja unidade sem que haja comunidade de natureza, com mais razão quando há unidade na graça e no nascimento corporal. Há unidade de graça, como a dos discípulos com Cristo. Ele mesmo diz: “A fim de que eles sejam um como nós somos um”, ou, em outro lugar: “Meu pai, quero que eles estejam comigo em todo lugar que eu estiver”. Se Ele quer ter consigo aqueles que, reunidos pela fé, formam com Ele uma mesma pessoa, que dizer em relação à sua mãe, cujo lugar digno para estar só pode ser em presença de seu filho? Tanto quanto posso compreender, tanto quanto posso crer, a alma de Maria é honrada por seu filho com uma prerrogativa ainda superior, já que ela possui em Cristo o corpo desse

filho que ela gerou com os caracteres da glória. E por que esse corpo não seria o seu, já que ela o concebeu? Se uma autoridade maior não o negar, creio que foi por Ele que ela gerou, pois tão grande santidade é mais digna do Céu que da Terra. O trono de Deus, o leito do esposo, a casa do Senhor e o tabernáculo de Cristo têm o direito de estar onde Ele próprio está. O Céu é mais digno que a Terra de conservar tão precioso tesouro. Como a incorruptibilidade, a dissolução causada pela podridão é consequência direta de tanta integridade, não imagino que esse santíssimo corpo poderia ser abandonado como alimento dos vermes. Mas as graças incomparáveis que lhe foram concedidas permitem-me rejeitar esse pensamento, baseado em várias passagens da Escritura. A Verdade disse a seus ministros: “Onde estou, ali estará também meu ministro”. Se essa sentença geral refere-se a todos os que servem a Cristo por sua crença ou por suas obras, aplica-se especialmente, sem a menor dúvida, a Maria, que o ajudou por todas suas obras: carregou-o em seu útero, colocou-o no mundo, alimentou-o, aqueceu-o, deitou-o na manjedoura, ocultou-o na fuga para o Egito, guiou seus passos na infância, seguiu-o até à cruz. Ela não podia duvidar de que ele fosse Deus, pois sabia tê-lo concebido não por sêmen viril, mas pela aspiração divina. Ela não duvida que seu filho tem poder de Deus, daí ter-lhe dito: “Eles não têm vinho”, sabendo que Ele poderia, com um milagre, produzi-lo. Portanto, Maria foi, por sua fé e suas obras, servidora de Cristo. Mas se ela não está onde Cristo quer que estejam seus ministros, onde então estaria? E se está ali, é com a mesma graça que outros? E se é com a mesma graça, como fica a igualdade diante de Deus que dá a cada um conforme seus méritos? Se foi por mérito que Maria recebeu em vida tanta graça, esta poderia ser menor quando morta? Certamente não! Se a morte de todos os santos é preciosa, a de Maria é preciosíssima. Assim, penso que Maria, elevada às alegrias da eternidade pela bondade de Cristo, foi ali recebida com mais honras que os outros, porque Ele a honrou com sua graça mais que aos outros, e ela não teve de sofrer depois da morte o mesmo que os outros homens, podridão, vermes e pó, pois ela gerou o Salvador de si mesma e de todos os homens. Se a divina vontade escolheu manter intactas no meio das chamas as vestes das crianças, por que não preservaria as de sua própria mãe? A misericórdia que quis manter Jonas vivo no ventre da baleia não concederia a Maria a graça da incorrupção? Daniel foi preservado apesar da grande fome dos leões, e Maria não teria sido conservada pelos tantos méritos que a dignificavam? Portanto, reconhecendo que tudo quanto dissemos ocorreu contra as leis da natureza, não podemos duvidar de que a integridade de Maria deveu-se mais à graça que à natureza. Cristo, como filho de Maria, fez com que a

LEGENDA ÁUREA

alegria dela decorresse da alma e do corpo de seu próprio filho, que não a submeteu ao suplício da corrupção para dar à luz íntegra, sempre incorrupta, cheia de graça, e vivendo integralmente porque gerou aquele que é a vida íntegra de todos. Se falei como devia, Cristo, aprove-me, você e seus seguidores. Se não falei a verdade, peço que você e os seus me perdoem.

ANEXO II

NOVENA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

(5 a 13 de agosto)

Fonte: *Piedosas e Solenes Tradições de nossa Terra: Novenas, Tríduo, Setenário, Quinquena e Meses.* São João Del Rei: SEGRAC, 1997, v. 2, p.104-120.

À entrada do Celebrante e acólitos, precedidos pelos Irmãos da Venerável Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte, o Coro e Orquestra executam o Hino:

I
Ó Virgem Santa Gloriosa,
Divina Mãe do Senhor,
Velai por nós piedosa,
Valei-nos com o vosso amor!

Estribilho:
Teremos sempre em memória,
Estrela que nos conduz,
Que vos cabe a suma glória
De ser a Mãe de Jesus!

II
Todo o universo proclama
Vossa bondade sem par,
Ao pecador que vos chama,
Nunca deixais de o salvar.

III
Aceitai nestes louvores,
Nossa eterna gratidão,
Nossas preces que são flores
Que nos vêm do coração.

104

O Celebrante, acólitos e Irmãos, chegando ao altar fazem a devida reverência e ajoelham-se. O Celebrante entoia:

C. Áperi, Dómine, os
nóstrum ad benedi-
céndum nómen sán-
ctum túum: munda
quoque cor nóstrum ab
ómnibus vanis, pervér-
sis et aliénis cogitatió-
nibus; intelléctum illú-
mína, afféctum in-
flámma, ut digne,
atténte ac devóte hoc
exercítium perágere va-
leámus et exaudíri me-
reámur ante conspéc-
tum Divinæ Majestátis
tuæ. Per Christum Dó-
minum nóstrum.

O. Ámen.

O. Veni, Sancte Spíritus,
reple tuórum corda
fidélium et tui amóris
in eis ígnem accénde.
Alleluia.

C. Abri, Senhor, a nos-
sa boca para bendizer o
vosso Santo Nome: pu-
rificaí também o nosso
coração de todos os
vãos, maus e alheios
pensamentos; iluminai a
inteligência, inflamai a
vontade para que dig-
na, atenta e devota-
mente possamos fazer
esta novena e mere-
cermos ser atendidos
na presença de vossa
Divina Majestade. Por
Cristo Nosso Senhor.

O. Amém.

O. Vinde, Espírito
Santo, enchei os cora-
ções dos vossos fiéis e
acendei neles o fogo do
vosso amor. Aleluia.

C. Emítte Spíritum
túum et creabúntur.

O. Et renovábis fáciem
térre.

C. Oremus:
Deus, qui corda fidé-
lium Sancti Spíritus
illustratióne docuísti: da
nóbis in eódem Spíritu
recta sápere et de ejus
sémper consolatióne
gaudére. Per Christum
Dóminum nóstrum.

O. Ámen.

C. Deus in adjutórium
meum inténde.

O. Dómine, ad adju-
vándum me festina.

O. Glória Pátri et Filio
et Spíritui Sancto. Sicut
erat in princípío et nunc
et sémper et in sæcula

C. Enviai o vosso Espí-
rito e tudo será criado.

O. E renovareis a face
da terra.

C. Oremos:
Ó Deus, que instruístes
os corações de vossos
fiéis com a luz do Espí-
rito Santo, fazei que
apreciemos retamente
todas as coisas, segun-
do o mesmo Espírito e
gozemos sempre da sua
consolação. Por Cristo
Nosso Senhor.

O. Amém.

C. Deus, vinde em nos-
so auxílio.

O. Senhor, socorrei-
nos e salvai-nos.

O.

sæculórum.

Ámen.

pre.

Amém.

Iniciando o Hino, pela Orquestra, Solista e Coro, assentar-se.

O. Applaudátur et lau-
détur Beatíssima Virgo
Maria et venerátio sit
Christo Jesu data cui
únice fúit serváta.

O. Aplauda-se e louve-
se a Beatíssima Virgem
Maria e a adoração seja
dada ao Cristo Jesus a
quem unicamente é re-
servada.

Terminado o canto, segue-se a Leitura ou Pregação.

Em seguida, ajoelhar-se e dizer:

C. Ó minha Mãe amabilíssima! Impetrai-me um co-
ração desapegado do mundo, para vos amar
como mereceis.

O. Ave, Maria... (cantado)

T. Santa Maria... (cantado)

C. Ah! Mãe de Deus! quem estivera sempre aos vos-
sos pés! Quem nunca tirara os olhos de vós!

O. Ave, Maria... (cantado)

T. Santa Maria... (cantado)

C. Que tenho eu, Senhora, na terra, ou abaixo de
Deus, que posso eu ter no céu, que mereça tanto,
como vós o meu coração?

107

- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)
- C. Bendito seja Deus, que entre todas as mulheres vos quis eleger para Mãe sua e protetora minha! Bendito seja Deus!
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)
- C. Soberana Senhora, como sois Advogada dos pecadores, não me desampareis por quem sois!
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)
- C. Junto a vós, minha Mãe, que posso eu temer? E longe de Vós, que não devo recear?
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)
- C. Espero não cair em pecado mortal, porque, Vós, minha Mãe, me haveis de acudir!
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)
- C. Eu, por mim só, Mãe de Deus, posso perder-me; e por Vós, minha Mãe, posso salvar-me?
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)

108

- C. Ah! Senhora minha! Que consolação terá a minha alma, quando chegar a ver-vos na eterna glória?
- O. Ave, Maria... (cantado)
 T. Santa Maria... (cantado)

OFERECIMENTO

- C. Soberana Senhora,
- T. amabilíssima Imperatriz do céu e da terra, /dignai-vos admitir, piedosa, /o afeto humilde desta pobre criatura que, prostrada aos vossos pés, /vos invoca; /derrama o seu coração diante da vossa benigna clemência. /Ouvi, Rainha e Senhora das virtudes, /o gemido que do íntimo do meu peito sai, /a buscar a vossa amorosa proteção e maternal carícia. /Atendei, sim, /benigna Senhora, /que por haver eu conhecido /quão boa sois para ser rogada, /procuro agora o afeto e amparo, /que ofereceis, /misericordiosa, aos que desejam merecer a vossa intercessão eficazíssima. /Concluo, pois, Soberana Mãe de Deus, /a presente rogativa, /suplicando-vos, /eficazmente, que doteis a minha pobre alma /com firme e viva fé; /com certa e segura esperança; /com ardente caridade de Deus e do próximo; /com profunda

109

e verdadeira humildade; /com temor santo e desprezo do mundo /e com todos os dons e graças, /que levistem da vida terrestre e imperfeita /à angélica e seráfica, /para que em tudo e por tudo, /chegue a cumprir na terra /a vontade santíssima do Senhor, como lá se faz no céu. Amém.

Em seguida, a Orquestra e Coro executam a Ladainha de Nossa Senhora. Ao Santã Maria, assentar-se até o Agnus Dei.

LADAINHA DE NOSSA SENHORA

Senhor, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, tende piedade de nós.
 Senhor, tende piedade de nós.
 Jesus Cristo, ouvi-nos.
 Jesus Cristo, atendei-nos.
 Deus Pai dos Céus,
 tende piedade de nós.
 Deus Filho, Redentor do mundo,
 tende piedade de nós.
 Deus Espírito Santo,
 tende piedade de nós.
 Santíssima Trindade que sois um só Deus,
 tende piedade de nós.

110

Santa Maria, rogai por nós.
 Santa Mãe de Deus,
 Santa Virgem das Virgens,
 Mãe de Jesus Cristo,
 Mãe da divina graça,
 Mãe puríssima,
 Mãe castíssima,
 Mãe imaculada,
 Mãe intacta,
 Mãe amável,
 Mãe admirável,
 Mãe do bom conselho,
 Mãe do Criador,
 Mãe do Salvador,
 Mãe da Igreja,
 Virgem prudentíssima,
 Virgem venerável,
 Virgem louvável,
 Virgem poderosa,
 Virgem benigna,
 Virgem fiel,
 Espelho de justiça,
 Sede de sabedoria,
 Causa de nossa alegria,
 Vaso espiritual,
 Vaso honorífico,

111

Vaso insigne de devoção,
Rosa mística,
Torre de Davi,
Torre de marfim,
Casa de ouro,
Arca da aliança,
Porta do céu,
Estrela da manhã,
Saúde dos enfermos,
Refúgio dos pecadores,
Consoladora dos aflitos,
Auxílio dos cristãos,
Rainha dos anjos,
Rainha dos patriarcas,
Rainha dos profetas,
Rainha dos apóstolos,
Rainha dos mártires,
Rainha dos confessores,
Rainha das virgens,
Rainha de todos os santos,
Rainha concebida sem pecado original,
Rainha assunta ao céu,
Rainha do Santo Rosário,
Rainha da Família,
Rainha da paz,

112

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

Terminada a Ladainha, o Celebrante entoa:

C. Exaltata est, Sancta Dei Génitrix.
O. Super chorus Angelórum, ad cælestia regna.
C. Oremus: Famulorum tuórum, quæsumus, Dómine, delictis ignósce: ut, qui tibi placere de áctibus nostris non valémus, Genitricis Filii tui Dómini nostri intercessióne salvémur. Per Dóminum nostrum Jesum Christum Filium tuum, que tecum vivit et regnat in unitate Spí-

C. A Santa Mãe de Deus foi exaltada.
O. Acima dos Anjos no reino dos céus.
C. Oremos: Perdoai, ó Deus, os pecados dos vossos filhos e filhas e salvai-nos pela intercessão da Virgem Maria, uma vez que não podemos agradar-vos apenas com os nossos méritos. Por nosso senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do

113

ritus Sancti, Deus, per Espírito Santo.
omnia sæcula sæculórum.

Terminada a oração, enquanto o Coro e a Orquestra executam a Antífona abaixo. O Celebrante recebe a Capa de Asperges, levanta-se, faz incenso e incensa a Santíssima Trindade, Nossa Senhora da Boa Morte e o Altar (*more súbito*).

ANTÍFONA

O. Maria, Mater grátia, Dulcis Párens cleméntia, Tu nos ab hoste prótege, Et mortis hora súscipe. Jesu, tibi sit glória, Qui natus es de Virgine, Cum Patre, et almo Spíritu, In sempitérna sæcula. Amém.

O. Maria, Mãe da graça, Doce Mãe de clemência, Protegei-nos do inimigo, E recebei-nos na hora da morte. A Vós, Jesus, glória, Que nascestes da Virgem, Com o Pai e o Espírito, Por todos os séculos. Amém.

Terminado o canto, o Celebrante entoa:

C. Fulcite me flóribus, stipáte me malis.
O. Quia amore lángueo.

C. Enchei-me de flores, guardai-me dos males.
O. Porque morro de amor.

114

C. Oremus: Omnípotens sempitérne Deus, qui Immaculatam Virginem Mariam, Filii tui Genitricem, córpore et ánima ad cælestem glóriam assumpsisti concede, quæsumus, ut, ad supérna sémper inténi, ipsius glóriæ mereámur esse consórtes. Per Dóminum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum visit et regnat in unitate Spíritus Sancti Deus, per ómina sæcula sæculórum.

C. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, que elevastes à glória do céu em corpo e alma a Imaculada Virgem Maria, Mãe do vosso Filho, dai-nos viver atentos às coisas do alto, a fim de participarmos da sua glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

O. Ámen.

O. Amém.

C. Divinum auxílio máneat sémper nobiscum.

C. O auxílio divino permaneça sempre conosco.

O. Ámen.

O. Amém

115

Nota: Às quintas-feiras e domingos em lugar da incensação e do canto da Antífona, haverá a bênção do Santíssimo Sacramento. Portanto, quando o Coro e a Orquestra iniciarem o AGNUS DEI da Ladainha, o celebrante expõe o SS. Sacramento e terminada a Ladainha, canta o versículo Exaltata est Sancta Dei Genitrix, com a oração, e segue-se a Bênção do SS. Sacramento.

BÊNÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

O. Oremus pro Pontífice nostro **N.**, Dóminus conservét eum, et vivíficet eum; et beatum fáciat eum in terra, et non tradat eum in ánimam inimicórum ejus.

C. Tu és Petrus.

T. Et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam.

C. Oremus: Deus, ómnium fidélium Pástor et Réctor, fámu-

O. Rezemos pelo nosso Pontífice o Papa **N.**, o Senhor o conserve e lhe dê vida, e o faça feliz na terra e não o deixe cair nas mãos de seus inimigos.

C. Tu és Pedro.

T. E sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.

C. Oremus: Deus, Pastor e Guia de todos os fiéis, olhai com

116

lum tuum **N.**, quem pastórem Ecclésiae tuae praesse voluisti, propitius respice: da ei, quæsumus, verbo et exémplo, quibus praest, proficere; ut ad vitam, una cum grege sibi crédito, perveniat sempiternam. Deus, qui pópulis tuis indulgéntia cónsulis et amore domináris; Na-tístite nostro **N.** Stet et páscat in fortitú-dine tua, Dómine, in sublimitate Nómínis Tui. Per Christum, Dóminum Nostrum.

T. Ámen.

T. Bendito seja Deus
Bendito seja o seu Santo nome.

bondade para o vosso servo **N.**, a quem quisesstes colocar como Pastor de vossa Igreja. Concedei-lhe que dirija seus súditos pela palavra e pelo exemplo e, assim, ele e seu rebanho, alcancem a vida eterna. Ó Deus, que cuidais do vosso povo com carinho e o governais com amor, dai o espírito de sabedoria a vosso servo **N.**, a quem confiastes, este rebanho, e resulte o proveito das ovelhas na alegria eterna do Pastor. Por Cristo, nosso Senhor.

T. Amém.

117

Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
Bendito seja o nome de Jesus.
Bendito seja o seu Sacratíssimo coração.
Bendito seja o seu Preciosíssimo Sangue.
Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
Bendita seja a grande Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita seja a sua santa e imaculada Conceição.
Bendita seja a sua gloriosa Assunção.
Bendito seja o nome de Maria Virgem e Mãe.
Bendito seja São José, o seu castíssimo esposo.
Bendito seja Deus, nos seus anjos e nos seus santos.
Deus e Senhor nosso, /protegei a vossa Igreja, /dai-lhe santos pastores e dignos ministros; /derramai as vossas bênçãos sobre o nosso Santo Padre o Papa, /sobre o nosso bispo, /sobre o nosso pároco e sobre todo o clero; /sobre o chefe da nação e do Estado, /e sobre todas as pessoas constituídas em dignidade, /para que governem com justiça. /Dai ao povo brasileiro paz constante e prosperidade completa. /Favorecei, com os efeitos contínuos de vos-

118

sa bondade, o Brasil, /este bispado, /a paróquia em que habitamos, a cada um de nós em particular /e a todas as pessoas por quem somos obrigados a orar, /ou que se recomendaram às nossas orações. /Tende misericórdia das almas dos fiéis, que padecem no purgatório: /dai-lhes, Senhor, o descanso e a luz eterna.

Pai nosso..., Ave Maria... e Glória.

TANTUM ERGO

O.
Tantum ergo Sacraméntum,
Venerémur cernui:
Et Antíquum documéntum,
Novo cédat ritui:
Præstet fides suppleméntum
Sensuum deféctui.

Genitóri Genitóque
Laus et jubilátio;
Salus, honor, virtus quoque.
Sit et benedictio:
Procedénti ab utróque
Compar sit laudátio.
Ámen.

C. Panem de cælo præstitisti

TÃO SUBLIME SACRAMENTO

O.
Tão sublime Sacramento
Adoremos neste altar
Pois o Antigo Testamento
Deu ao Novo o seu lugar
Venha a fé, por suplemento
Os sentidos completar

Ao eterno Deus cantemos
E a Jesus, o Salvador;
Ao Espírito exaltemos,
Na Trindade eterno amor:
Ao Deus Uno e Trino demos
A alegria do louvor.
Amém.

C. Do céu lhes destes o pão

119

eis (Alleluia)

O. Omne delectamentum in se habentem (Alleluia)

C. Oremus: Deus, qui nobis sub Sacramento mirabili passionis tuæ memoriã reliquisti; tribue, quaesumus, ita nos Corporis et Sanguinis tui sacra mysteria venerari, ut redemptionis tuæ fructum in nobis jùgiter sentiãmus. Qui vivis et regnat cum Deo Patre in unitate Spiritus Sancti Deus, per omnia sæcula sæculórum.

O. Amen.

(Alleluia)

O. Que contém todo sabor. (Alleluia)

C. Oremos: Deus, que neste admirável Sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos tal veneração pelos sagrados mistérios do vosso Corpo e do vosso Sangue que experimentemos sempre em nós a sua eficácia redentora. Vós, que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

O. Amém.

